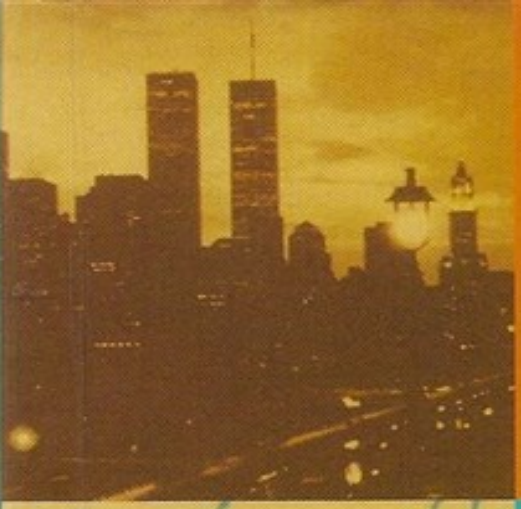
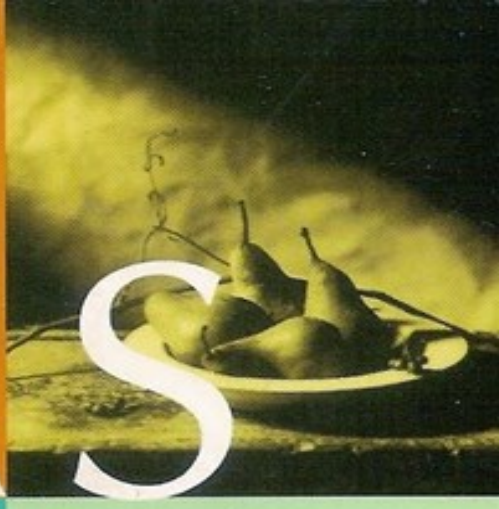
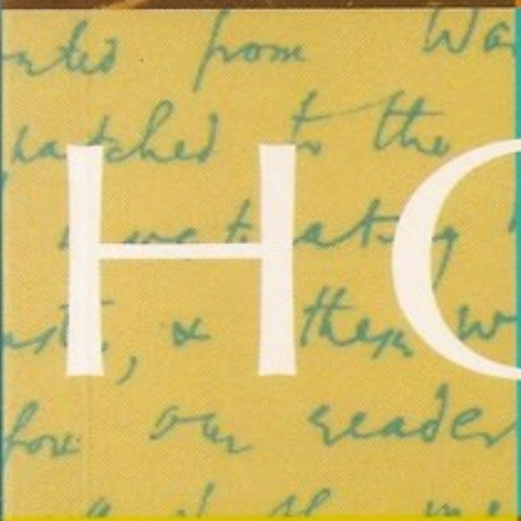
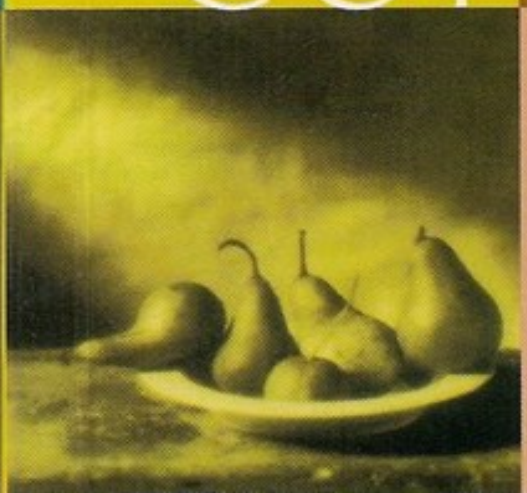




AS HORAS



MICHAEL CUNNINGHAM





gradiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AS HORAS

Michael Cunningham

Título original: ***The Hours***

Este livro é para Ken Corbett

Agora vamos procurar um terceiro tigre, mas, como os outros, este também será uma aparência do que eu sonho, uma estrutura de palavras, e não o tigre de carne e osso que, para lá de todos os mitos, percorre a Terra. Sei estas coisas muito bem, mas mesmo assim uma força persiste em impelir-me para esta vaga, insensata e antiga busca e continuo a procurar outro tigre ao longo das horas, o animal que não se encontra em verso.
J. L. BORGES, O Outro Tigre, 1960

Não tenho tempo para descrever os meus planos. Tinha muitas coisas a dizer a respeito de As Horas e da minha descoberta, de como escavei belas cavernas atrás das minhas personagens; penso que isso dá exatamente o que quero - humanidade, humor, profundidade. A idéia é que as cavernas se ligarão entre si e cada uma vem à luz do dia no momento presente.
VIRGINIA WOOLF, no seu diário, 30 de Agosto de 1923

Prólogo

Ela sai apressadamente de casa, com um casaco pesado de mais para o tempo que estava. É o ano de 1941. Começou outra guerra. Deixou um bilhete para Leonard e outro para Vânessa. Caminha decididamente em direção ao rio, segura do que vai fazer, mas, mesmo assim, mesmo neste momento, sente-se quase absorta com a vista das colinas, da igreja e de um grupo disperso de ovelhas, incandescentes, levemente coloridas por uma pálida tonalidade de enxofre, pastando sob um céu que escurece. Detém-se a observar as ovelhas e o céu e depois continua a andar. As vozes murmuram atrás dela; bombardeiros roncam no céu, embora ela olhe à procura dos aviões e não os veja. Passa por um dos trabalhadores da quinta (chama-se John?), um homem robusto, de cabeça pequena, com uma jaqueta cor de batata, ocupado a limpar a vala que corre pelo campo de salgueiros. Ele olha para cima, para ela, inclina a cabeça e olha de novo para baixo, para a água castanha. Enquanto passa por ele a caminho do rio pensa como foi bem sucedido, como é afortunado por estar a limpar uma vala num salgueiral. Ela, pelo contrário, falhou. Não é de modo algum uma escritora; é simplesmente uma excêntrica talentosa. Retalhos de céu brilham nas poças formadas pela chuva da noite anterior. Os seus sapatos afundam-se ligeiramente na terra amolecida. Ela falhou e agora as vozes voltaram, sussurram, indistintas, imediatamente fora do alcance da sua visão, atrás dela, aqui, não, viras-te e elas desapareceram, foram para outro lugar qualquer. As vozes regressaram e a dor de cabeça aproxima-se, tão certa como a chuva, a dor de cabeça que esmagará o que quer que ela seja e ocupará o seu lugar. A dor de cabeça aproxima-se e parece (é ou não ela própria que os está a invocar?) que os bombardeiros apareceram de novo no céu. Chega ao aterro, sobe-o e desce pelo outro lado, para o rio. Está um pescador a montante, muito longe - não reparará nela, pois não? Começa a procurar uma pedra. Trabalha depressa, mas metodicamente, como se obedecesse a uma receita que tem de ser escrupulosamente respeitada para dar bom resultado. Escolhe uma pedra mais ou menos com o tamanho e a forma do crânio de um porco. Enquanto a levanta e a mete à força numa das algibeiras do casaco (a gola de pele faz-lhe cócegas no pescoço), não pode deixar de notar a sua fria consistência gredosa e a sua cor, um castanho-leitoso com manchas verdes. Pára junto da beira do rio, que lambe a margem e enche as pequenas irregularidades do lodo com água límpida, que poderia ser uma substância completamente diferente do líquido castanho-amarelado, sarapintado e de aspecto sólido como uma estrada que se estende uniforme de margem a margem. Avança. Não tira os sapatos. A água está fria, mas não ao ponto de ser insuportável. Detém-se, com a água fria até aos joelhos. Pensa em Leonard. Pensa nas mãos dele e no seu rosto, nos sulcos fundos à volta da sua boca. Pensa em Vanessa, nas crianças, em Vita e Ethel: tantos. Falharam todos, não falharam? Sente de súbito uma imensa pena deles. Imagina-se a virar-se, a tirar a pedra da algibeira, a voltar para casa. Provavelmente regressaria a tempo de destruir os bilhetes. Podia continuar a viver, podia fazer essa derradeira gentileza. Parada com a água pelos joelhos, decide não o fazer. As vozes estão

ali, a dor de cabeça vem a caminho, e, se ela se entrega outra vez ao cuidado de Leonard e Vanessa, eles não a deixarão partir de novo, pois não? Resolve insistir em que a deixem partir. Avança desajeitadamente (o fundo está lodoso) até a água lhe chegar à cintura. Olha para o lado de cima, para o pescador que tem vestido um casaco vermelho, e não a vê. A superfície amarela do rio (mais amarela do que castanha, vista assim de perto) reflete baçamente o céu. Este é, pois, o último instante de verdadeira percepção, um homem a pescar de casaco vermelho e um céu nublado refletido na água opaca. Quase involuntariamente (ela sente o ato como involuntário), anda ou tropeça para a frente e a pedra puxa-a para baixo. Durante um momento, ainda, isto parece nada, parece outro fracasso, apenas água fria de que pode sair nadando para a margem. Mas depois a corrente enrola-se nela e toma-a com uma força tão vigorosa e inesperada que é como se um homem forte se tivesse erguido do fundo, lhe agarrasse as pernas e as prendesse contra o peito. É como se fosse uma coisa pessoal.
Mais de uma hora depois, o marido regressa do jardim. "A senhora saiu", diz-lhe a criada, afofando uma almofada puída que liberta uma tempestade miniatural de penugem. "Disse que não se demorava."
Leonard vai para cima, para a sala, a fim de ouvir o noticiário. Encontra um sobrescrito azul, dirigido a ele, em cima da mesa. Dentro está uma carta.

Meu Muito Querido:
Tenho a certeza de que estou novamente a enlouquecer: sinto que não posso suportar outro desses terríveis períodos. E desta vez não me restabelecerei. Começo a ouvir vozes e não me consigo concentrar. Por isso vou fazer o que me parece ser o melhor. Deste-me a maior felicidade possível. Foste em todos os sentidos tudo o que qualquer pessoa podia ser. Não creio que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes até surgir esta terrível doença. Não consigo lutar mais contra ela, sei que estou a destruir a tua vida, que sem mim poderias trabalhar. E trabalharás, eu sei. Como vês, nem isto consigo escrever como deve ser. Não consigo ler. O que quero dizer é que te devo toda a felicidade da minha vida. Foste inteiramente paciente comigo e incrivelmente bom. Quero dizer isso - toda a gente o sabe. Se alguém me pudesse ter salvo, esse alguém terias sido tu. Perdi tudo menos a certeza da tua bondade. Não posso continuar a estragar a tua vida. Não creio que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes do que nós fomos.
V.

Leonardo sai apressadamente da sala, corre pela escada abaixo. Diz à criada: "Acho que aconteceu alguma coisa a Mrs. Woolf. Acho que ela pode ter tentado matar-se. Para que lado foi? Viu-a sair de casa?".
A criada, em pânico, começa a chorar. Leonard corre pela porta fora e dirige-se para o rio, passando pela igreja e pelas ovelhas e ainda pelos salgueiros. Na margem do rio só encontra um homem de casaco vermelho a pescar.
É levada rapidamente pela corrente. Parece voar, fantástica figura de braços abertos, cabelos soltos flutuantes, aba do casaco de peles enfunada atrás dela. Flutua pesadamente por entre dardos de granulosa luz castanha. Não vai longe. Os seus pés (os sapatos perderam-se) batem ocasionalmente no fundo e, quando

tal acontece, levantam uma lenta nuvem de resíduos, repleta de silhuetas negras de esqueletos de folhas e que permanece quase imóvel na água depois de ela ter desaparecido de vista. Fitas de algas pretas-esverdeadas prendem-se-lhe aos cabelos e às peles do casaco e durante momentos os seus olhos são vendados por uma espessa faixa de ervas, que finalmente se solta e flutua, se enrola e desenrola e volta a enrolar-se.

Acaba por se deter contra uma das estacas da ponte de Southease. A corrente comprime-a, molesta-a, mas ela está firmemente colocada na base da grossa coluna quadrada, com as costas voltadas para o rio e o rosto contra a pedra. Está ali enrolada, com um braço dobrado contra o peito e o outro à tona sobre a elevação da anca. A alguma distância acima dela encontra-se a encrespada superfície luminosa, na qual o céu se reflete instavelmente, branco e carregado de nuvens, atravessado pelas formas recortadas a negro das gralhas. Carros e camionetas passam ruidosamente na ponte. Um rapazinho dos seus três anos, não mais, atravessa a ponte com a mãe, para junto do parapeito, baixa-se e enfia o pau que tem na mão entre as ripas do gradeamento, para que caia na água. A mãe diz-lhe que continue a andar, mas ele insiste em ficar um pouco mais, a ver o pau ser levado pela corrente.

Ali estão, num dia do princípio da segunda guerra mundial: o rapaz e a mãe na ponte, o pau a flutuar na superfície da água e o corpo de Virgínia no fundo do rio, como se ela estivesse a sonhar com a superfície, o pau, o rapaz e a mãe, o céu e as gralhas. Uma camioneta cor de azeitona baça atravessa a ponte, carregada de soldados de uniforme, que acenam ao rapazinho que acabou de atirar o pau ao rio. Ele retribui, acenando também. Pede à mãe que lhe pegue para poder ver melhor os soldados e se tornar mais visível para eles. Tudo isto penetra na ponte, ecoa na sua madeira e na sua pedra e penetra no corpo de Virginia. O seu rosto, comprimido de lado contra a estaca, absorve tudo: a camioneta e os soldados, a mãe e o filho.

Ainda falta comprar as flores. Clarissa finge-se exasperada (embora goste de fazer recados deste gênero), deixa Sally a limpar a casa de banho e sai apressada, prometendo voltar dentro de meia hora.

Isto passa-se na cidade de Nova Iorque. No fim do século XX.
A porta do vestíbulo abre-se para uma manhã de junho tão bonita e limpa que Clarissa se detém no limiar como se deteria à beira de uma piscina, a admirar a água cor de turquesa beijando os azulejos, as redes líquidas de sol oscilando no fundo azul. E, como se estivesse realmente à beira de uma piscina, adia por um momento o mergulho, a sensação do contacto da membrana viva do arrepio, o choque simples da imersão. Nova Iorque, no seu estridor e na sua severa decrepitude castanha, no seu insondável declínio, gera sempre algumas manhãs estivais como esta, manhãs invadidas em todo o lado por uma afirmação tão determinada de vida nova que é quase cômica, como uma personagem de cartoon que sofre infindáveis e horrendos castigos e sai sempre incólume, ilesa, pronta para mais. Neste junho, mais uma vez, nas árvores que se erguem ao longo da West Tenth Street, em quadrados de terra sujos de porcaria de cão e embalagens descartadas, brotaram pequenas folhas perfeitas. Mais uma vez, na floreira da janela da velhota do lado, cheia como sempre de desbotadas sardinheiras de plástico vermelhas enterradas na terra, irrompeu um desgarrado e vadio dente-de-leão.
Que emoção, que choque estar viva numa manhã de junho, afortunada, quase escandalosamente privilegiada, com um recado simples para fazer. Ela, Clarissa Vaughan, uma pessoa comum (para quê incomodar-se a tentar negá-lo nos tempos de hoje?), vai comprar flores e dar uma festa. Quando Clarissa desce do limiar do vestíbulo, o seu sapato estabelece contacto áspero, arenoso, com a pedra castanha-avermelhada, salpicada de mica, do primeiro degrau. Tem 52 anos, 52 anos acabados de completar, e uma saúde quase anormalmente boa. Sente-se tão bem como naquele dia em que, em WellfIeet, tinha então 18 anos, saiu pelas portas de vidro para uma manhã muito semelhante a esta, nova e quase dolorosamente clara, exuberante de vegetação. Havia libélulas ziguezagueando entre os amentilhos. Havia um cheiro a erva realçado pelo de resina de pinheiro. Richard saiu atrás dela, pôs-lhe a mão no ombro e disse: "Olá, viva, Mrs. Dalloway". O nome de Mrs. Dalloway tinha sido idéia dele uma opinião manifestada numa noite tipo dormitório de bêbados, quando lhe garantiu que Vaughan não era o apelido adequado para ela. Devia, disse-lhe, ter o nome de uma grande figura da literatura, e, enquanto ela se pronunciara a favor de Isabel Archer ou Ana Karenina, Richard insistira que Mrs. Dalloway era a única e óbvia escolha. Havia o pormenor do seu primeiro nome verdadeiro, sinal demasiado evidente para ser ignorado, e, mais importante ainda, a questão do destino. Ela, Clarissa, não estava claramente destinada a fazer um casamento desastroso ou a ficar debaixo das rodas de um comboio. Estava destinada a encantar, a ser bem sucedida. Por isso era, e seria, Mrs. Dalloway. "Não é belo?",

perguntou Mrs. Dalloway nessa manhã a Richard. E ele respondeu: "A beleza é uma meretriz, gosto mais do dinheiro". Ele preferia a sagacidade. Por ser a mais nova e a única mulher, Clarissa achava que se podia dar ao luxo de um certo sentimentalismo. Se isso tinha acontecido em fins de junho, ela e Richard eram amantes. Teria decorrido quase um mês inteiro desde que Richard deixara a cama de Louis (Louis, a fantasia do rapaz do campo, a personificação viva da carnalidade de olhar indolente) e passara para a dela.
"Bem, acontece que eu gosto de beleza", respondera ela. Levantara a mão dele do seu ombro e mordera-lhe a ponta do indicador, com um pouco mais de força do que pretendera. Tinha 18 anos e acabava de receber um nome novo. Podia fazer o que lhe apetecesse.
Os sapatos de Clarissa produzem sons de lixa macia enquanto desce os degraus para ir comprar flores. Porque não se sente mais melancólica com a perversa simultaneidade da boa sorte de Richard ("uma angustiada voz profética das letras americanas") e o seu declínio ("Não tem absolutamente nenhumas células T que possamos detectar")? Que há de errado nela? Ama Richard, pensa constantemente nele, mas talvez ame um pouco mais este dia. Ama a West'lènth Street numa comum manhã estival. Sente-se como uma viúva devassa, recém-oxigenada sob o véu negro, de olho nos bons partidos presentes no velório do marido. Dos três - Louis, Richard e Clarissa -, ela foi sempre a mais dura de coração e também a mais propensa para o romance. Suportou provocações e piadas a esse respeito durante mais de trinta anos e há muito tempo que decidiu ceder e saborear as suas próprias voluptuosas e indisciplinadas reações, que, como Richard dizia, têm tendência para ser tão insensíveis e adoráveis como as de uma criança precoce particularmente irritante. Ela sabe que um poeta como Richard percorreria rigorosamente esta mesma manhã corrigindo-a, ignorando de igual modo fealdade casual e beleza casual, procurando a verdade econômica e histórica atrás destas velhas casas de tijolo urbanas, das austeras complexidades de pedra da igreja episcopal e do homem magro, de meia-idade, que passeia o seu terrier jack Russell (tornam-se de súbito onipresentes ao longo da Fifth Avenue estes pequenos cães truculentos de pernas cambaias), enquanto ela, Clarissa, se limita a fruir sem precisar de uma razão as casas, a igreja, o homem e o cão. É infantil, bem sabe. Falta-lhe agudeza, penetração. Se tivesse de o exprimir publicamente (agora, com a sua idade), este seu amor relegá-la-ia para o reino dos crédulos e dos simplórios, dos cristãos com guitarras acústicas ou das esposas que concordarem em ser inofensivas a troco do sustento. Mesmo assim, sente que este amor indiscriminado é inteiramente sincero para ela, como se tudo no mundo fosse parte de uma imensa e insondável intenção e tudo tivesse o seu próprio nome secreto, um nome que não pode ser expresso pela linguagem, mas é simplesmente o aspecto e o sentido da própria coisa. Este fascínio determinado e permanente é o que ela imagina como sendo a sua alma (uma palavra sentimental embaraçosa, mas que outro nome lhe há-de dar?), a parte que concebivelmente poderá sobreviver à morte do corpo. Clarissa nunca fala a ninguém de nenhuma destas coisas. Não é dada a arroubos ou trinados vocais. Só as manifestações óbvias da beleza lhe inspiram exclamações, e mesmo nesses casos consegue demonstrar um certo ar de comedimento adulto. A beleza é uma

meretriz, costuma às vezes dizer. Gosto mais de dinheiro.
Esta noite dará a sua festa. Encherá as salas do seu apartamento de comida e flores, de pessoas dotadas de espírito e influência. Vai velar por Richard durante a festa, evitar que se canse de mais, e depois acompanha-o à parte alta da cidade, para ele receber o seu prémio.
Endireita os ombros, enquanto espera à esquina da Eighth Street com a Fifth Avenue que se acenda a luz verde. Lá está ela, pensa Willie Bass, com quem se cruza algumas vezes pela manhã, mais ou menos neste sítio. A velha beldade, a velha híppie, com os cabelos ainda compridos e desafiadoramente grisalhos, a dar as suas voltas matinais de jeans e camisa de homem de algodão, e um tipo qualquer de sapatos leves étnicos (índia? América Central?) nos pés. Ainda possui uma certa atração sexual, uma espécie de encanto boêmio, de bruxa boa. E, contudo, esta manhã tem um aspecto trágico ali parada, tão direita, com a sua camisa larga e os seus sapatos exóticos, resistindo à força da gravidade, uma fêmea de mamute já enterrada até aos joelhos no alcatrão, descansando um momento entre esforços, volumosa e altiva, quase indiferente, fingindo contemplar os tenros pastos que esperam na margem oposta, mas começando, na realidade, a ter a certeza de que ainda ali estará, presa na armadilha e só, depois de escurecer, na hora dos chacais. Aguarda pacientemente que a luz se acenda. Deve ter sido espetacular há vinte cinco anos; homens devem ter morrido felizes nos seus braços. Willie Bass orgulha-se da sua capacidade para discernir a história de um rosto, para compreender que aqueles que são hoje velhos foram outrora jovens. A luz muda e ele segue o seu caminho.
Clarissa atravessa a Eighth Street. Ama, num abandono, o televisor velho deixado no passeio, na companhia de um desirmanado sapato de salto alto de verniz branco. Ama o carro do vendedor ambulante cheio de brócolos, pêssegos e mangas, cada qual com seu cartão indicando o preço no meio de uma superabundância de sinais de pontuação: "$1,49!!" "3 por UM Dólar!?!" "50 Cêntimos C/!!!!!". À frente, debaixo do Arco, uma mulher idosa, de vestido escuro de bom corte, parece cantar, parada precisamente entre as estátuas gêmeas de George Washington como guerreiro e político, ambas com o rosto destruído pelo tempo. É a pressão e o esforço, essa espécie de respiração ofegante da cidade, que nos move, a sua complexidade, a sua vida incessante. Sabemos a história de que Manhattam foi um ermo comprado por colares de contas, mas achamos impossível não acreditar que ela foi sempre uma cidade, que, se a escavarmos, encontraremos por baixo dela as ruínas de outra cidade mais antiga, e depois de outra e mais outra. Sob o cimento e a relva do parque (ela agora atravessou para o parque, onde a mulher lança a cabeça para trás e canta) encontram-se os ossos dos que foram enterrados no campo do oleiro,' que foi simplesmente pavimentado, há cem anos, para que se fizesse Washington Square. Clarissa caminha sobre os corpos dos mortos enquanto homens sussurram ofertas de drogas (a ela não), três raparigas negras passam, velozes, sobre patins de rodas e a velha canta desafinadamente, iiiiiii. Sente-se nervosa e exultante com a sua sorte, os seus bons sapatos (em saldo na Barney's, mas mesmo assim ...). No fim de contas, está ali a vigorosa sordidez do parque, visível até sob a sua cobertura de relva e flores; estão ali os passadores de drogas

(serão capazes de matar, se for preciso?) e os loucos, os atordoados e os enganados, as pessoas cuja sorte, se alguma vez a tiveram, se esgotou. Apesar disso, ela ama o mundo por ser rude e indestrutível e sabe que outras pessoas o devem amar também, tanto pobres como ricas, embora ninguém mencione especificamente as razões. Por que outro motivo lutamos para continuar a viver, por muito acomodados ou feridos que nos encontremos? Mesmo que estejamos ainda mais irremediavelmente perdidos do que Richard, mesmo descarnados, minados por lesões, a defecar na cama: mesmo assim queremos desesperadamente viver. Esse querer tem que ver com tudo isto, pensa. Rodas a zunir no cimento, a irritação e o abalo que causam; lençóis de borrifos luminosos jorrando da fonte enquanto homens novos e sem camisa arremessam um Frisbee e vendedores ambulantes (do Peru, da Guatemala) lançam para o ar fumo acre, de carne grelhada, das suas carroças revestidas de metal prateado; velhos e velhas esticam-se nos seus bancos para o sol, falando mansamente uns com os outros, abanando as cabeças; o estridor de buzinas de automóveis e o zangarrear de guitarras (aquele grupo andrajoso, além, três rapazes e uma rapariga, será possível que estejam a tocar Eight Miles High?); folhas brilhando fracamente nas árvores; um cão malhado correndo atrás de pombos e um rádio tocando Always love you, enquanto a mulher do vestido escuro permanece debaixo do arco e canta iíiii.

Atravessa a praceta, é atingida por um breve respingo de água da fonte, e eis que vê surgir Walter Hardy, musculoso, de calções e camisola interior sem mangas, dirigindo-se, na sua passada larga, atlética e garbosa, para Washington Square Park. "Olá, Clare", saúda Walter animadamente, e segue-se um momento de atrapalhação quanto ao modo de se beijarem. Ele faz pontaria aos lábios de Clarissa e ela afasta instintivamente a boca e oferece a face. Depois controla-se e corrige o gesto meio segundo tarde de mais, de modo que os lábios de Walter lhe tocam apenas no canto da boca. Sou tão formal, tão antiquada, pensa Clarissa. Desfaleço com as belezas do mundo, mas sinto relutância, por uma simples questão de reflexos, em beijar um amigo na boca. Richard disse-lhe, há trinta anos, que sob a sua aparência de corsária havia todos os ingredientes de uma boa esposa suburbana, e agora ela acaba de se revelar a si mesma como um espírito pobre, demasiado convencional, causa de muito sofrimento. Não admira que inspire ressentimento à filha.

- Gostei de te ver - diz Walter. Clarissa sabe - pode praticamente ver - que ele está, neste momento, a passar mentalmente em revista uma série de craveiras complicadas para avaliar a importância pessoal dela. Sim, ela é a mulher do livro, o tema de um romance muito aguardado de um escritor quase lendário, mas o livro falhou, não falhou? Foi muito sucintamente criticado, deslizou silenciosamente por debaixo das ondas. Ela é, conclui Walter, uma espécie de aristocrata deposta, interessante, mas sem ser particularmente importante. Clarissa vê-o chegar a esta conclusão. E sorri.

- O que estás a fazer em Nova Iorque num sábado? pergunta-lhe.

- O Evan e eu passamos este fim-de-semana na cidade. Ele está a sentir-se muito melhor com o novo cocktail de medicamentos, diz que esta noite quer ir dançar.

- Não será um pouco excessivo?

- Não o perderei de vista. Não o deixo abusar. Ele só quer sair, estar de novo no mundo.
- Achas que terá vontade de ir a nossa casa esta noite? Vamos fazer uma pequena festa em homenagem ao Richard, por causa do Prémio Carrouthers.
- Ah! ótimo.
- Estás ao corrente, não estás?
- Com certeza.
- Não se trata de um evento anual. Eles não têm de preencher nenhuma quota, como o Nobel e todos os outros. Limitam-se a atribuí-lo quando têm conhecimento de alguém cuja carreira parece inegavelmente expressiva.
- Isso é ótico.
- Pois é. - E Clarissa acrescenta passado um momento: O último a recebê-lo foi o Ashbery. E antes dele foi atribuído a Merril, Rich e Merwin.
Passa uma sombra pelo rosto largo e inocente de Walter. Clarissa interroga-se: está intrigado com os nomes? Ou sente, porventura, inveja? Imaginará que ele próprio poderia disputar uma honra daquelas?
- Desculpa não te ter falado mais cedo da minha festa. Não me passou simplesmente pela cabeça que estivesses cá. Tu e o Evan nunca estão na cidade nos fins-de-semana.
Walter responde que vai, claro, e que leva Evan, se este se sentir à altura de ir, embora, evidentemente, Evan possa querer poupar as suas energias para dançar. Richard ficará furioso quando souber que Evan foi convidado e Sally tomará com
certeza o partido dele. Clarissa compreende. Há poucas coisas no mundo menos misteriosas do que o desprezo que as pessoas sentem com freqüência por Walter Hardy, que optou por ultrapassar os 46 anos usando bonés de basebol e Nikes; que ganha uma quantidade obscena de dinheiro escrevendo romances sentimentais sobre amor e perda entre homens novos perfeitamente musculados; que é capaz de passar uma noite inteira a dançar ao som de house music, feliz e incansável como um pastor-alemão que corre para apanhar um pau atirado pelo dono. Vêem-se homens como Walter em todos os cantos de Chelsea e Village, homens que teimam, aos 30, 40 ou mais, em afirmar que sempre foram bem dispostos e confiantes, fisicamente vigorosos e nunca foram escarnecidos ou desprezados. Richard argumenta que homossexuais masculinos eternamente juvenis prejudicam mais a causa do que homens que seduzem rapazinhos, e é verdade que Walter não acrescenta nem uma sombra de ironia ou cinismo adulto, nada que seja sequer remotamente profundo, ao seu interesse pela fama e pelas modas, pelo restaurante mais em voga. No entanto, é precisamente esta inocência sôfrega que Clarissa aprecia. Não é, em parte, por viverem fora do reino da ironia e do cinismo que amamos as crianças? Será assim tão terrível um homem querer mais juventude, mais prazer? Além disso, Walter não é corrupto - não é exatamente corrupto. Escreve os melhores livros que é capaz de escrever: romances cheios de romantismo e sacrifício, de coragem perante a adversidade, que certamente devem proporcionar verdadeiro conforto a um determinado número de pessoas. O seu nome está sempre a aparecer em campanhas para angariação de fundos e em cartas de protesto; escreve resumos

embaraçosamente elogiosos em capas de livros de escritores mais jovens. Cuida bem e fielmente de Evan. Clarissa acredita que, hoje em dia, se avaliam as pessoas, primeiro que tudo, pela sua bondade e capacidade de dedicação. Cansamo-nos, às vezes, do espírito e do intelecto, da pequena exibição de talento de toda a gente. Ela recusa-se a deixar de apreciar a despudorada superficialidade de Walter Hardy, apesar de isso irritar profundamente Sally e já ter mesmo levado Richard a pensar, em voz alta, que Clarissa não passa de uma fútil e pateta.

- Então está combinado - diz ela. - Sabes onde moramos, não é verdade? Às 5 horas.

- Às 5 horas.

- Tem de ser cedo, compreendes? A cerimônia é às 8 horas e nós fazemos a festa antes, em vez de depois. O Richard não agüenta horas tardias.

- Combinado, às 5 horas. Então até logo. - Walter quase esmaga a mão de Clarissa e prossegue o seu caminho num passo de marcha emproado - um-dois, um-dois -, numa demonstração de robusta virilidade. Em certa medida, é uma brincadeira cruel convidar Walter para a festa de Richard, mas, no fim de contas, Walter está vivo, assim como ela, numa manhã de junho e sentir-se-ia horrivelmente desconsiderado se descobrisse (e ele parece descobrir tudo) que Clarissa falara com ele no dia da festa e deliberadamente não a referira. O vento atormenta as folhas das árvores, pondo a descoberto o verde mais acinzentado e brilhante das suas páginas inferiores, e Clarissa deseja, de súbito e com surpreendente premência, que Richard estivesse ali a seu lado, naquele momento - não o Richard em que ele se transformou, mas o Richard de há dez anos: Richard o intrépido e incessante conversador, Richard o moscardo zumbidor. Deseja a discussão que ela e Richard teriam travado a respeito de Walter. Antes do seu declínio, Clarissa brigava sempre com ele. Richard preocupava-se realmente com questões de bem e mal e nunca, em vinte anos, abandonou por completo a idéia de a decisão de Clarissa de viver com Sally representar, se não uma manifestação prosaica de profunda corrupção, pelo menos uma fraqueza da sua parte que culpabiliza (embora ele jamais o admita) as mulheres em geral, uma vez que parece ter decidido desde o princípio que ela é o epítome não só de si mesma, mas também dos dons e das debilidades de todo o sexo a que pertence. Richard foi sempre o mais rigoroso e exasperante companheiro de Clarissa, o seu melhor amigo, e, se ainda continuasse a ser ele mesmo, poupado pela doença, poderiam estar juntos neste preciso momento, a discutir a respeito de Walter Hardy e da busca da eterna juventude, a respeito de o fato de os homossexuais masculinos terem passado a imitar os rapazes que os tinham torturado na escola secundária. O antigo Richard seria capaz de falar durante meia hora ou mais das várias interpretações possíveis da cópia absurda da Vênus de Botticelli que estava a ser desenhada a giz, por um negro, no cimento, e se esse mesmo Richard tivesse reparado no saco de plástico que se encapelava, soprado pelo vento, contra o céu branco, ondulando como uma medusa, teria arengado sobre substâncias químicas e lucros chorudos, sobre a mão que tira. Teria querido falar da possibilidade de o saco (digamos que contivera batatas fritas e bananas maduras de mais; digamos que fora irrefletidamente deitado fora por uma mãe

cansada e indigente ao sair de uma mercearia no meio do seu barulhento rancho de filhos rabugentos) voar para o Hudson e flutuar todo o caminho até ao oceano, onde uma tartaruga marinha, uma criatura que podia viver cem anos, acabaria por o confundir com uma medusa, comê-lo e morrer.
Não lhe teria sido impossível encontrar maneira de passar diretamente desse assunto para Sally, perguntar pela sua saúde e disposição com propositada formalidade. Tinha o hábito de perguntar por Sally depois de uma das suas tiradas, como se ela fosse uma espécie de porto seguro absolutamente banal, como se a própria Sally (Sally, a estóica, a torturada, a sutilmente sensata) fosse inofensiva e insípida como uma casa numa rua sossegada ou um bom, sólido e seguro carro. Richard não admitirá nem nunca se curará da sua antipatia por ela; nunca abandonará a convicção íntima de que, no fundo, Clarissa se tornou uma mulher casada, comum, de sociedade e não importa que ela e Sally não tentem disfarçar o seu amor em consideração por ninguém, nem que Sally seja uma mulher dedicada e inteligente, produtora de televisão pública - pelo amor de Deus, quanto mais esforçada e socialmente responsável, quanto mais escandalosamente mal paga precisa ela de ser? Não importa os bons e pouco lucrativos livros que Clarissa insiste em publicar a par dos produtos mais sensacionalistas que lhe vão permitindo pagar as contas.
Não importa a sua política, todo o seu trabalho com as PWA.
Clarissa atravessa a Houston Street e pensa que precisa de arranjar qualquer pequena lembrança para Evan, como reconhecimento pelo regresso hesitante da sua saúde. Flores, não: se para os falecidos são sutilmente erradas, para os doentes são desastrosas. Mas o quê, então? As lojas do SoHo estão cheias de bonitos vestidos e jóias para festas e biedermeier, nada que se ofereça a um jovem imperioso e inteligente que pode ou não, com a ajuda de uma bateria de medicamentos, viver o seu período de vida normal. O que querem as pessoas? Clarissa passa por uma loja e pensa em comprar um vestido para Julia, que ficaria deslumbrante naquele vestidinho preto com alças à Anna Magnani, mas Julia não usa vestidos, insiste em passar a juventude, o breve período em que é possível usar seja o que for, cirandando por aí com camisolas interiores masculinas e botas de atacadores do tamanho de blocos de cimento. (Porque será que a filha lhe fala tão pouco? Que aconteceu ao anel que lhe deu quando ela fez 18 anos?) Ah, ali está aquela excelente pequena livraria da Spring Street! Talvez Evan gostasse de um livro. Na montra está um (só um!) dos de Clarissa, o inglês (policial, como ela teve de batalhar para conseguir uma tiragem de 10.000 exemplares e, pior ainda, como parece que terão de considerar-se com sorte se venderem 5.000), ao lado da saga familiar sul-americana perdida por ela a favor de uma firma maior, que, tudo indica, não conseguirá a devida compensação, porque, por razões misteriosas, é respeitada, mas não amada. Há a nova biografia de Robert MappIethorpe, os poemas de Louise Glück, mas nada parece adequado. São todos, Simultaneamente, demasiado genéricos e demasiado específicos. Precisas de lhe dar o livro da sua própria vida, o livro que o situe, o perfilhe, o arme para as mudanças. Não podes aparecer com mexeriquices de celebridades, pois não? Não podes levar-lhe a história de um amargo romancista inglês ou o destino de sete irmãs do Chile, por muito bem escritos que sejam, e

Evan parece tão capaz de ler poesia como de se dedicar a pintar pratos de porcelana.
Parece não haver conforto algum no mundo dos objetos, e Clarissa receia que a arte, até a maior (até os três volumes de poesia de Richard e o seu único e ilegível romance), pertença obstinadamente ao mundo dos objetos. Parada diante da montra da livraria, vem-lhe à memória uma antiga recordação, o ramo de uma árvore a bater ao de leve numa janela enquanto, algures (no andar de baixo?), uma música suave, o queixume baixo de uma banda de jazz, começava a soar num gira-discos. Não é a sua primeira recordação (essa parece relacionada com um caracol a arrastar-se no rebordo de um passeio), nem sequer a segunda (as sandálias de tiras da mãe, ou talvez a ordem das duas esteja invertida), mas esta, mais do que qualquer outra, desperta uma sensação imediata e profunda, quase sobrenatural, confortadora. É provável que Clarissa tivesse estado numa casa no Wisconsin, uma das muitas que os seus pais alugavam no Verão (raramente a mesma duas vezes: cada uma revelava algum defeito para a sua mãe acrescentar à sua narrativa em progresso, "O Rasto de Lágrimas da Viagem da Família Vaughan pelos Wisconsin Defis"). Clarissa teria três ou quatro anos e estava numa casa à qual nunca mais voltaria e da qual não conserva nenhuma recordação além desta, absolutamente distinta, mais clara do que algumas coisas que aconteceram no dia anterior: um ramo tocando ao de leve numa janela ao mesmo tempo que começava a ouvir-se o som de instrumentos de sopro - como se a árvore, agitada pelo vento, tivesse de algum modo causado a música. Parece ter sido nesse momento que começou a residir no mundo, a compreender as promessas contidas numa ordem maior do que a felicidade humana, embora contivesse felicidade humana juntamente com todas as outras emoções. O ramo e a música significam mais para ela do que todos os livros da montra da livraria. Quer para Evan, quer para si, um livro que possa conter o que aquela singular recordação contém. Está parada a olhar para os livros e para o seu reflexo sobreposto no vidro (ainda tem bom aspecto, atraente agora em vez de bonita - quando começarão a emergir a pele pergaminhada, a angulosidade, os lábios murchos do seu rosto de mulher velha?) e depois recomeça a andar, com pena do encantador vestidinho preto que não pode comprar para a filha, porque Julia está escravizada por uma estranha teórica e insiste em T-shirts e botas de combate. Respeitas Mary Krull, ela na realidade não te dá outra opção, vivendo como vive no limiar da pobreza, indo para a cadeia pelas várias causas que defende, prelecionando apaixonadamente na Universidade de Nova Iorque acerca da triste mascarada conhecida por gênero. Queres gostar dela, esforças-te por gostar, mas ela acaba sempre por ser demasiado despótica na sua veemência intelectual e moral, na sua incessante demonstração de probidade vanguardista revestida de cabedal. Sabes que troça de ti, em privado, pelos teus confortos e as tuas idéias peculiares (ela tem de considerá-las peculiares) a respeito de identidade lésbica. Cansas-te de ser tratada como a inimiga simplesmente porque já não és jovem, porque te vestes convencionalmente. Apetece-te gritar a Mary Krull que isso não faz grande diferença, queres que ela entre na tua cabeça durante uns dias e sinta as inquietações e as mágoas, o medo inominável. Acreditas - sabes - que tu e Mary

Krull padecem da mesma doença mortal, da mesma náusea de alma, e que com mais uma volta do mostrador podiam ter sido amigas, mas acontece que ela veio reclamar a tua filha e tu sentas-te no teu confortável apartamento a odiá-la tanto como qualquer pai republicano a odiaria. O pai de Clarissa, quase diáfano de tão delicado, gostava de ver mulheres com vestidinhos pretos. O seu pai cansava-se, ficava exausto, abdicava da sua convicção, do mesmo modo que freqüentemente abdicava dos argumentos, simplesmente porque era mais fácil concordar.
Em frente, na MacDougal, um grupo filma no meio da habitual confusão de caravanas e camionetas de equipamento e baterias de luzes brancas. Aqui está o mundo comum, uma fita a ser filmada, um rapaz porto-riquenho a girar uma manivela prateada para abrir o toldo de um restaurante. Aqui está o mundo, e tu vives nele e sentes-te grata. Tentas sentir-te grata.
Empurra a porta da florista, que está sempre um pouco emperrada, e entra: uma mulher alta, de ombros largos, cercada de ramos de rosas e jacintos, planícies musgosas de narcisos bravos, orquídeas tremendo nas suas hastes. Barbara, que trabalha há anos na loja, diz-lhe "olá". Após uma pausa oferece a face para um beijo.
- Olá - responde Clarissa. Os seus lábios tocam na pele de Barbara e o momento torna-se súbita e inesperadamente perfeito. Pára na pequena loja penumbrenta e deliciosamente fresca que é como um templo, solene na sua abundância, com os seus ramos de flores secas pendentes do teto e a sua prateleira de fitas penduradas na parede do fundo. Tinha havido aquele ramo a tocar de leve no vidro da janela e tinha havido outro, embora ela já fosse mais velha, cinco ou seis anos, no seu próprio quarto, este coberto de folhas vermelhas, e ela lembra-se de ter recordado reverentemente, já então, o ramo anterior, o que parecera causar a música no andar de baixo; lembra-se de gostar do ramo outonal por ele lhe recordar o primeiro, a tocar de leve na janela de uma casa à qual ela nunca voltaria e de que, salvo essa, não se lembrava em nenhuma das suas outras particularidades. Agora está aqui, na florista, onde se amontoam papoulas brancas e cor de damasco com caules compridos e hirsutos. A sua mãe, que trazia sempre na mala uma caixinha de alvas pastilhas de menta francesas, franziu os lábios e chamou louca a Clarissa, uma menina louca, num tom de admiração coquete.
- Como está? - pergunta Bárbara.
- Bem, muito bem. Esta noite damos uma pequena festa, dedicada a um amigo que acaba de receber um prêmio literário importante.
- O Pulitzer?
- Não. Chama-se Prêmio Carrouthers. Bárbara mostra uma expressão vazia, que Clarissa sabe pretender ser um sorriso. Bárbara deve ter cerca de 40 anos e é uma mulher pálida e corpulenta, que veio para Nova Iorque a fim de cantar ópera. Qualquer coisa no seu rosto - o queixo quadrado ou os severos olhos inexpressivos - recordam-nos que as pessoas tinham essencialmente o mesmo aspecto há cem anos.
- Estamos um pouco desprevenidas neste momento explica. - Esta semana houve uns cinqüenta casamentos.
- Também não preciso de muito - responde Clarissa.

- Só uns ramos de umas coisas... - Sente-se inexplicavelmente culpada por não ser melhor amiga de Bárbara do que é, embora se conheçam apenas como cliente e vendedora. Ela compra-lhe todas as flores e há um ano enviara-lhe um cartão quando soube do susto de cancro da mama por que passou. A carreira de Bárbara não correu como tinha sido planeada; ela vai vivendo como pode do seu salário à hora (casa alugada, provavelmente, com a banheira na cozinha) e escapou do cancro desta vez. Durante um momento, Mary Krull paira sobre os lírios e as rosas, preparando-se para se horrorizar com o que Clarissa vai gastar.
- Temos umas hortênsias bonitas - diz Bárbara.
- Vamos ver. - Clarissa dirige-se para o frigorífico e escolhe flores, que Bárbara retira dos recipientes e segura, a pingar, nos braços. No século XIX teria sido uma dona de casa provinciana, amável e sem nada de especial, insatisfeita, parada num jardim. Clarissa escolhe peônias e lírios híbridos, rosas cor de creme, rejeita as hortênsias (culpa, culpa, parece que nunca te vais curar disso) e está a considerar se leva também íris (não estarão os íris um pouco... fora do prazo?) quando soa na rua um enorme estrondo.
- Que foi aquilo? - pergunta Bárbara, e ela e Clarissa vão espreitar à janela.
- Creio que é a gente do cinema.
- Provavelmente. Têm estado ali a filmar toda a manhã.
- Sabe o que é?
- Não - responde Bárbara e afasta-se da janela com um certo ar de retidão antiga, segurando o braçado de flores, do mesmo modo que o fantasma do seu anterior eu, há cem anos, se teria afastado do estrépito de uma carruagem que passava cheia de gente bem vestida, de uma cidade distante, a caminho de um piquenique. Clarissa fica a olhar para a confusão de camionetas e caravanas. De súbito, a porta de uma das caravanas abre-se e espreita uma cabeça famosa. É uma cabeça de mulher, a uma distância razoável, e apresenta-se de perfil como uma efígie numa moeda, e, embora não consiga identificá-la imediatamente (Meryl Streep? Vánessa Redgrave?), Clarissa sabe sem qualquer sombra de dúvida que a mulher é uma estrela de cinema. Percebe-o pela sua aura de segurança régia e pela atenção com que um dos homens dos adereços lhe fala (inaudivelmente para Clarissa) sobre a origem do barulho. A cabeça da mulher recua imediatamente e a porta da caravana volta a fechar-se, mas ela deixa atrás de si uma atmosfera inequívoca de protesto atento, como se um anjo tivesse tocado fugazmente na superfície do mundo com um pé metido numa sandália, perguntado se havia algum problema e, tendo-lhe sido respondido que estava tudo bem, houvesse retomado o seu lugar no espaço celeste com uma gravidade céptica, depois de ter lembrado às crianças da Terra que merecem muito pouca confiança quanto à sua capacidade para tratarem dos seus próprios assuntos e que um novo descuido não passará despercebido.

Sra. Woolf

Mrs. Dalloway disse qualquer coisa (o quê?) e foi ela mesma buscar as flores.

É um subúrbio de Londres. No ano de 1923. Virginia acorda. Esta podia certamente ser outra maneira de começar; com Clarissa a ir fazer um recado num dia de junho, em vez de com soldados a marchar para irem depor uma coroa em Whitehail. Mas será o começo certo? Não será um pouco comum de mais? Virginia está tranqüilamente deitada na sua cama e o sono apodera-se de novo dela, tão depressa que não tem sequer consciência de readormecer. Parece, de súbito, que não está na sua cama, mas sim num jardim incrivelmente viçoso, de um verde mais do que verde: uma visão platônica de um jardim simultaneamente simples e sede de mistério, sugerindo, como os jardins sugerem, que, enquanto a mulher idosa, de xale, dormita no banco de ripas, uma coisa viva e antiga, uma coisa que não é nem benévola nem malévola e exulta apenas na continuidade, entrelaça e une o mundo de quintas e prados, florestas e parques. Virginia move-se pelo jardim sem se poder dizer que anda: flutua nele, qual pluma de percepção, incorpórea. O jardim revela-lhe os seus canteiros de lírios e peônias, os seus caminhos ensaibrados debruados de rosas cor de creme. Uma donzela de pedra que o tempo se encarregou de alisar ergue-se na beira de um tanque cristalino e medita de olhos postos na água. Virginia move-se pelo jardim como que impelida por uma almofada de ar; começa a compreender que existe outro jardim debaixo deste, um jardim do mundo subterrâneo, mais maravilhoso e terrível do que este e que é a raiz de que nascem estes relvados e estas pérgulas. É a genuína idéia de um jardim e está longe de ser tão simples quanto é belo. Agora consegue ver pessoas: um chinês que se baixa para apanhar qualquer coisa da relva, uma menina à espera. Em frente, num círculo de terra recém-revolvida, uma mulher canta.
Virginia acorda de novo. Está aqui, no seu quarto em Hogarth House. Luz cinzenta enche o quarto; mitigada, com uma tonalidade de aço, estende-se, com uma vida líquida branca-acinzentada, na sua colcha. Cobre de prata as paredes verdes. Ela sonhou com um jardim e sonhou com uma frase para o seu novo livro - que frase? Flores, alguma coisa relacionada com flores. Ou alguma coisa relacionada com um jardim? Estava alguém a cantar? Não, a frase apagou-se, e na realidade não tem importância, pois Virginia ainda conserva a sensação que ela deixou atrás de si. Sabe que se pode levantar e escrever.
Levanta-se da cama e vai para a casa de banho. Leonard já se levantou, talvez até já esteja a trabalhar. Na casa de banho, Virginia lava o rosto. Não olha diretamente para o espelho oval pendurado na parede por cima do lavatório. Tem consciência dos seus movimentos refletidos no espelho, mas não se permite olhar. O espelho é perigoso; às vezes mostra-lhe a manifestação de ar escuro que iguala o seu corpo, toma a sua forma, mas mantém-se atrás, a observá-la, com olhos porcinos e molhados, respiração contida. Lava o rosto e não olha, não, esta manhã não, não, com o trabalho à espera e ela ansiosa por se lhe juntar, do mesmo modo que se poderia juntar a uma festa que já tivesse começado no

andar de baixo, uma festa cheia de inteligência e beleza, sem dúvida, mas cheia também de alguma coisa mais refinada do que inteligência ou beleza, alguma coisa misteriosa e dourada, uma centelha de celebração profunda, da própria vida, como sedas que sussurram em soalhos encerados e segredos murmurados num tom mais baixo do que a música. Ela, Virginia, podia ser uma rapariga com um vestido novo, prestes a descer para uma festa, prestes a aparecer na escada, fresca e cheia de esperança. Não, não olhará para o espelho. Acaba de lavar o rosto.

Quando se despacha da casa de banho, desce para o penumbrento silêncio matinal do vestíbulo. Tem vestido o seu roupão azul-claro. A noite ainda reside ali. Hogarth House é sempre noturna, apesar do seu caos de papéis e livros, das almofadas de cores vivas e dos tapetes persas. Não é escura em si mesma, mas parece iluminada contra a escuridão, mesmo quando o primeiro e pálido sol matinal brilha entre as cortinas e carros e carruagens passam ruidosamente na Paradise Road.

Virginia serve-se de uma chávena de café na sala de jantar, desce silenciosamente, mas não vai ter com Nelly à cozinha. Esta manhã quer ir diretamente trabalhar, sem correr o risco de se expor às discussões e aos ressentimentos de Nelly. Pode ser um bom dia e, por isso, precisa de ser tratado cuidadosamente. Equilibrando a chávena no pires, entra na sala da tipografia. Leonard está sentado à sua secretária, a rever provas tipográficas. Ainda é cedo de mais para Ralph ou Marjorie terem chegado.

Leonard levanta a cabeça e olha para ela, mantendo momentaneamente a expressão carrancuda que reserva para as provas. É uma expressão em que ela confia e que receia, os olhos coruscantes e impenetravelmente escuros sob as sobrancelhas espessas, os cantos da boca descaídos num ar de crítica que é severa, mas de forma alguma petulante ou banal - a carranca de uma divindade, onividente e cansada, que, embora espere o melhor da espécie humana, sabe exatamente quanto pode esperar. É a expressão que reserva para todo o trabalho escrito, incluindo, e principalmente, o dela. Ao olhá-la, porém, essa expressão desvanece-se quase de imediato e dá lugar ao rosto mais terno e amável do marido que velou por ela durante os seus piores períodos, que não pede o que ela não lhe pode dar e que todas as manhãs às 11 horas insiste, às vezes com êxito, em que tome um copo de leite.

- Bom dia.

- Bom dia. Como foi o teu sono? Como foi o teu sono, pergunta ele, como se o sono não fosse um ato, mas sim uma criatura que podia ser dócil ou feroz.

- Foi sossegado - responde Virginia. - Isso é do Tom?

- E que tal? - Ele volta a franzir a testa. - Já encontrei uma gralha e ainda não cheguei ao fim da segunda página.

- Uma gralha no princípio muito provavelmente não passa disso mesmo. É cedo para estares tão propenso para a irritação, não achas?

- Tomaste o pequeno-almoço?

- Tomei.

- Mentirosa.

- Estou a tomar café com natas como pequeno-almoço. Suficiente.

- Está longe de ser suficiente. Vou pedir à Nelly que te traga um pãozinho e alguma fruta.
- Se mandares a Nelly interromper-me, não me responsabilizo pelos meus atos.
- Precisas de comer. Não tem de ser muito.
- Como depois. Agora vou trabalhar. Ele hesita, mas por fim acena, contrafeito, com a cabeça. Não interfere, nem interferirá, no trabalho dela. No entanto, a recusa de comer de Virginia não é bom sinal.
- Vais ter de almoçar. Um almoço como deve ser, com sopa, sobremesa e tudo o mais. À força, se for preciso.
- Almoçarei - responde ela impacientemente, mas sem verdadeira irritação. Está parada, alta, muito magra, maravilhosa no seu robe, com o café a fumegar na mão. Às vezes ainda se sente estupefato com ela. Talvez seja a mulher mais inteligente da Inglaterra, pensa. Os seus livros talvez sejam lidos durante séculos. Ele acredita nisso mais ardentemente do que qualquer outra pessoa. E é sua mulher. É a Virginia Stephen, pálida e alta, surpreendente como um Rembrandt: ou um Velázquez, aparecendo, há vinte anos, nos aposentos do irmão em Cambridge, de vestido branco, e é a Virginia Woolf, ali parada à sua frente neste preciso momento. Envelheceu espantosamente, só neste ano, como se uma camada de ar se tivesse escoado de debaixo da sua pele. Tornou-se angulosa e emaciada. Começou a dar a impressão de ter sido esculpida em mármore branco-acinzentado, muito poroso. Ainda tem o porte régio, ainda conserva as formas delicadas, ainda possui o seu espantoso esplendor lunar, mas deixou subitamente de ser bela.
- Está bem - diz Leonard. - Eu vou continuar a batalhar, aqui.
Ela volta sorrateiramente para cima, para não atrair a atenção de Nelly (porque se sentirá sempre tão reservada na presença de criados, tão culpada de crimes?). Vai para o seu escritório e fecha silenciosamente a porta. Está em segurança. Abre as cortinas. Lá fora, do outro lado dos vidros, Riclimond continua a sonhar respeitável e serenamente consigo mesmo. Flores e sebes são devidamente cuidadas; portadas de janelas são pintadas de novo antes mesmo de precisarem. Os vizinhos, que não conhece, fazem seja o que for que costumam fazer atrás das persianas e dos postigos da sua vivenda de tijolo vermelho. Só consegue pensar em salas penumbrentas e num cheiro vago a comida requentada. Afasta-se da janela. Se puder permanecer forte e lúcida, se conseguir continuar a pesar pelo menos 60 quilos. Leonard poderá ser persuadido a regressar a Londres. A cura de repouso, estes anos entre os canteiros de esporas de jardim e as vivendas suburbanas vermelhas, será considerada um êxito e ela declarada apta para viver de novo na cidade. Almoçará, sim. Almoçará. Devia ter tomado o pequeno-almoço, mas não suporta a interrupção que isso implicaria, o contacto com a disposição de Nelly. Vai escrever durante cerca de uma hora e depois come qualquer coisa.
Não comer é um vício, uma espécie de droga: com o estômago vazio sente-se ativa e limpa, com a cabeça desanuviada, pronta para uma luta. Sorve o café em pequenos goles, pousa a chávena, espreguiça os braços. Esta é uma das experiências mais singulares, acordar para o que sente que vai ser um bom dia, preparar-se para trabalhar, mas ainda não entregue realmente ao trabalho. Neste

momento há infinitas possibilidades, horas inteiras à sua frente. A sua mente fervilha. Esta manhã talvez consiga penetrar no obscurecimento, nos canos entupidos, chegar ao ouro. Sente isso dentro dela, um quase indescritível segundo eu, ou melhor, um eu paralelo e mais puro. Se fosse religiosa, chamar-lhe-ia alma. É mais do que a soma do seu intelecto e das suas emoções, mais do que a soma das suas experiências, embora corra como veias de metal brilhante por todas essas três coisas. É uma faculdade interior que reconhece os mistérios estimuladores do mundo porque é feita da mesma substância, e, quando a sorte a bafeja muito, ela consegue escrever diretamente através dessa faculdade. Escrever em semelhante estado é a mais profunda satisfação que conhece, mas o seu acesso a ele vem e vai sem avisar. Pode pegar na caneta e segui-la com a mão enquanto ela se move pelo papel; pode pegar na caneta e descobrir que é meramente ela própria, uma mulher de roupão segurando uma caneta, receosa e hesitante, apenas moderadamente apta, sem nenhuma idéia acerca de por onde começar ou do que escrever.
Pega na caneta.
Mrs. Dalloway disse que compraria ela mesma asfigres.

Sra. Brown

Mrs. Dalloway disse que compraria ela mesma as flores. Pois Lucy tinha o seu trabalho estipulado. As portas teriam de ser tiradas dos gonzos; vinham homens da Rumpelmayer. E, além disso, pensou Clarissa Dalloway, que manhã: pura, como se destinada a crianças numa praia.

É em Los Angeles. Em 1949. Laura Brown está a tentar perder-se. Não, não é exatamente isso: está a tentar continuar ela própria conseguindo entrar num mundo paralelo. Põe o livro de rosto para baixo em cima do peito. Já sente o seu quarto (não, o quarto deles) mais densamente habitado, mais real, porque uma personagem chamada Mrs. Dalloway saiu para comprar flores. Olha para o relógio da mesa-de-cabeceira. Passa muito das 7. Porque comprou este relógio, esta coisa horrorosa, com o seu mostrador verde quadrado num sarcófago retangular de baquelite preta - como pôde alguma vez pensar que era moderno? Não devia permitir-se o luxo de ler, sobretudo nesta manhã, sobretudo no dia de anos de Dan. Já devia estar levantada, com a ducha tomada e vestida, a preparar o pequeno-almoço para Dan e Richie. Ouve-os no andar de baixo, o marido a fazer o pequeno-almoço e a cuidar de Richie. Ela devia estar lá, não devia? Devia estar ao fogão, com o seu roupão novo, pródiga de conversa simples e encorajadora. No entanto, quando abriu os olhos há minutos (já depois das 7 - quando ainda habitava parcialmente o seu sonho, uma espécie de mecanismo trepidante, numa distância remota, um bater regular como o de um gigantesco coração mecânico, que parecia estar a aproximar-se), apercebeu-se da sensação abafada e úmida à sua volta, da impressão de não estar em lado algum, e soube que ia ser um dia difícil. Soube que ia ter dificuldade em acreditar em si mesma, nas divisões da sua casa, e quando olhou para este livro novo na mesa-de-cabeceira, posto em cima do que acabara de ler a noite anterior, estendeu maquinalmente a mão para ele, como se ler fosse a única e óbvia primeira tarefa do dia, a única maneira viável de efetuar a transição do sono para o dever. Porque está grávida, são-lhe permitidos estes deslizes. É-lhe permitido, por enquanto, ler exageradamente, deixar-se ficar na cama, chorar ou enfurecer-se por nada.

Compensará o atraso do pequeno-almoço fazendo um bolo de aniversário perfeito para Dan, passando a ferro a toalha de mesa especial, colocando um grande ramo de flores (rosas?) no meio da mesa e cercando-o de prendas. Isso deve chegar para compensar, não deve?

Vai ler mais uma página. Mais uma página para se acalmar e situar, e depois levanta-se.

Que aventura! Que mergulho! Pois fora sempre isso que lhe parecera quando, com um pequeno chiar de dobradiças, que ainda agora conseguia ouvir, escancarava as portas-janelas e mergulhava, em Bourton, no ar livre. Que fresco, que calmo, mais sereno ainda do que este, claro, era o ar de manhãzinha. Como o roçar de uma onda, o beijo de uma onda fria e cortante e, todavia (para uma rapariga de 18 anos, como ela era então), solene, sentindo como ela sentia,

ali parada na janela aberta, que alguma coisa terrível estava prestes a acontecer; olhando para as flores, para as árvores com o fumo da neblina a desprender-se sinuosamente delas e as gralhas subindo, descendo no ar; parada e a olhar até Peter Walsh dizer.- "A devanear entre as verduras?" - foi isso? - "Eu prefiro homens a couves-flores" - foi isso? Ele devia tê-lo dito uma manhã ao pequeno-almoço, quando ela saíra para a varanda - Peter Walsh. Regressaria da Índia um destes dias, em junho ou Julho, esquecera quando ao certo, pois as suas cartas eram tremendamente enfadonhas. Era dos seus ditos que se lembrava, os seus olhos, o seu canivete, o seu sorriso, a sua rezinguice e, quando milhões de coisas se tinham apagado por completo da memória - como era estranho!-, alguns ditos como este acerca de couves...

Respira profundamente. É tão belo, é muito mais que... bem, que quase tudo na realidade. Noutro mundo, ela poderia ter passado a vida inteira a ler. Mas este é o novo mundo, o mundo resgatado - não há muito espaço para o ócio. Arriscou-se e perdeu-se tanto, morreram tantos. Há menos de cinco anos julgava-se que o próprio Dan tinha morrido em Anzio, e, quando, dois dias depois, foi revelado que afinal estava vivo (ele e um pobre rapaz qualquer de Arcádia tinham o mesmo nome), foi como se tivesse sido ressuscitado. Parecia ter regressado, ainda com o seu temperamento agradável, ainda cheirando a si mesmo, do reino dos mortos (as histórias que se contavam então a respeito da Itália, a respeito de Saipan e Okinawa, a respeito de mães japonesas que matavam os filhos e se matavam para não serem feitas prisioneiras), e, quando voltou para a Califórnia, foi recebido como algo mais do que um simples herói. Podia (segundo as palavras da sua própria alarmada mãe) ter tido quem quisesse, a vencedora de qualquer cortejo, qualquer rapariga alegre e complacente, mas, por obra de algum obscuro e possivelmente perverso gênio, beijara, cortejara e propusera casamento à irmã mais velha do seu melhor amigo, o ratinho de biblioteca, a rapariga de ar estrangeiro, olhos escuros muito juntos e nariz romano, que nunca fora pretendida nem estimada, que sempre fora deixada em paz para ler. Que podia ela dizer senão sim? Como podia ter rejeitado um perfeito e generoso rapaz, praticamente um membro da família, que ressuscitara dos mortos?

Por isso agora ela é Laura Brown. Laura Zielski, a rapariga solitária, a leitora incessante, deixou de existir, e aqui, no seu lugar, está Laura Brown.

Mais uma página, decide; só mais uma. Ainda não está preparada. As tarefas que a esperam (vestir o roupão, escovar o cabelo, descer para a cozinha) estão ainda demasiado esbatidas, demasiado impalpáveis. Vai permitir-se mais um minuto aqui na cama antes de iniciar o dia. Concede a si mesma apenas um pouco mais de tempo. Assola-a uma vaga de sentimento, um macaréu que sobe de baixo do seu peito e a sustém, a põe a flutuar docemente, como se fosse uma criatura marinha restituída pela areia onde estivera encalhada como se tivesse sido reenviada de um ambiente de gravidade esmagadora para o seu verdadeiro meio, para o embalo da água salgada, essa imponderável luminosidade.

Ela aprumou-se um pouco na beira do passeio, à espera que a camioneta de Durtriall passasse. Uma mulher encantadora, considerou-a Scrope Purvis (que a conhecia como conhecemos alguém que vive ao nosso lado em Westminster); um traço de ave nela, de gaio, azul-verde, leve, animada ainda, embora já

tivesse passado dos 50 e encanecido muito depois da sua doença. Ali estava empoleirada, sem nunca o ver, esperando para atravessar, muito direita.
Por ter vivido em Westminster - há quantos anos já? Mais de vinte -, uma pessoa sente mesmo no meio do tráfego, ou quando acorda de noite - Clarissa tinha a certeza -, uma quietude especial, ou solenidade; uma pausa indescritível,uma expectativa (mas isso podia ser o seu coração, afetado, diziam, pela influenza) antes de o Big Ben bater as horas. Ei-lo agora! Ressoava. Primeiro um aviso musical; depois a hora, irrevogável. Os círculos plúmbeos de som dissolviam-se no ar. Somos tão patetas, pensava ao atravessar Victoria Street. Pois só Deus sabe porque amamos tanto isto, porque vemos isto assim, inventando-o, erigindo-o à nossa volta, derrubando-o, criando-o de novo a cada momento; mas os mais puros farrapos, as mais tristes e miseráveis criaturas sentadas em portais (a bebida, a sua desgraça), fazem o mesmo; é problema que não pode ser resolvido, tinha a certeza, por leis parlamentares por essa mesma razão: amam a vida. Nos olhos das pessoas, nas suas andanças e no pesado ou no penoso caminhar; na gritaria e no rebuliço, nas carruagens, automóveis, ônibus, camionetas, homens-sanduíches arrastando os pés e oscilando; nas charangas e realejos; no triunfo e nos ecos metálicos e no estranho silvo agudo de algum aeroplano lá em cima, no céu, estava o que ela amava: vida; Londres; este momento de junho.
Como, interroga-se Laura, pôde alguém capaz de escrever uma frase como aquela - capaz de sentir tudo quanto estava contido numa frase como aquela - acabar por se matar? O que está, afinal, errado nas pessoas? Esforçando-se por encontrar coragem para se decidir, como se se preparasse para mergulhar em água fria, Laura fecha o livro e coloca-o na mesa-de-cabeceira. Não desgosta do seu filho. Não desgosta do seu marido. Vai levantar-se e ficar bem disposta.
Pelo menos, pensa, não lê policiais nem romances. Pelo menos continua a aperfeiçoar a sua mente. Neste momento anda a ler Virginia Woolf, tudo quanto há de Virginia Woolf, livro por livro - fascina-a a idéia de uma mulher como ela, uma mulher com tamanho brilho, tamanha singularidade, uma mágoa tão incomensurável; uma mulher que possuía talento, mas, mesmo assim, meteu uma pedra na algibeira e entrou por um rio dentro. Ela, Laura, gosta de imaginar (esse é um dos seus segredos mais bem guardados) que também tem um laivo, um lampejo de brilho, apenas um lampejo, embora saiba que a maioria das pessoas provavelmente anda por aí com semelhantes e esperançadas suspeitas fechadas como pequenos punhos dentro delas e nunca reveladas. Pergunta-se, enquanto empurra um carrinho no supermercado ou arranja o cabelo no cabeleireiro, se as outras mulheres não estarão todas, em maior ou menor grau, a pensar a mesma coisa: aqui está o espírito brilhante, a mulher de mágoas, a mulher de alegrias transcendentes, que preferia estar noutro lado, que aceitou desempenhar tarefas simples e essencialmente ridículas, examinar tomates, sentar-se com a cabeça debaixo de um secador de cabelo, porque essa é a sua arte e o seu dever. Porque a guerra acabou, o mundo sobreviveu e nós estamos aqui, todas nós, constituindo famílias, tendo e educando filhos, criando não apenas livros ou quadros, mas todo um mundo - um mundo de ordem e harmonia onde as crianças estão em segurança (se não felizes), onde homens que viram horrores inimagináveis, que atuaram corajosamente e bem, regressam a casa ao

encontro de janelas iluminadas, perfume, travessas e guardanapos.
Que aventura! Que mergulho! Laura levanta-se da cama. Está uma manhã quente, branca, de junho. Ouve o marido de um lado para o outro no andar de baixo. Uma tampa metálica beija a orla da sua frigideira. Tira o roupão, de macia felpa verde-azulada clara, da cadeira estofada de novo, que surge, atarracada e volumosa, debruada, com o seu granuloso tecido cor de salmão preso por cordão e botões da mesma cor, formando um desenho em forma de losango. No calor matinal de junho, despida do roupão, a cadeira, com o seu arrojado tecido novo, parece surpreendida por se descobrir como uma cadeira. Laura lava os dentes, escova o cabelo e começa a descer a escada. Pára a alguns degraus do fundo, escutando, esperando. Tem de novo a sensação de estar a sonhar, como se estivesse nos bastidores, à espera de entrar em cena e representar numa peça um papel para o qual não está apropriadamente vestida e que não ensaiou adequadamente. Que se passa com ela, interroga-se. Aquele homem que está na cozinha é o seu marido e aquele rapazinho é o seu filho. Tudo quanto o homem e a criança exigem dela é a sua presença e, evidentemente, o seu amor. Vence o desejo de voltar silenciosamente para trás, para a sua cama e o seu livro. Domina a irritação que o som da voz do marido lhe causa a dizer qualquer coisa ao filho a respeito de guardanapos (porque será que a sua voz lhe lembra, às vezes, uma batata a ser ralada?). Desce os últimos três degraus, atravessa o vestíbulo estreito e entra na cozinha.
Pensa no bolo que fará, nas flores que vai comprar. Pensa em rosas cercadas de prendas.
O marido fez o café e pôs cereal nos pratos para ele e para o filho. Em cima à mesa, uma dúzia de rosas brancas oferecem a sua complexa e levemente sinistra beleza. Através do vidro claro da jarra, Laura distingue as bolhinhas, finas como grãos de areia, que se agarram às hastes. Ao lado das rosas estão a caixa do cereal e a embalagem do leite com as suas palavras e gravuras.
- Bom dia - diz o marido, erguendo as sobrancelhas como se estivesse surpreendido, mas encantado por a ver.
- Feliz aniversário - deseja ela.
- Obrigado.
- Oh, Dan! Rosas no teu aniversário. És de mais, realmente.
Ela vê que ele vê que está zangada. E sorri.
- Isso não significaria muito sem ti, pois não?
- Mas devias ter-me acordado. A sério. Ele olha para Richie, ergue as sobrancelhas mais um centímetro, de modo que a testa fica enrugada e o lustroso cabelo preto agita-se ligeiramente.
- Achamos que seria melhor dormires mais um bocadinho, não foi?
Richie, que tem três anos, responde:
- Foi. - E acena ansiosamente com a cabeça. Está de pijama azul. Sente-se feliz por a ver, mais do que feliz: salvo, ressuscitado, enlevado de amor. Laura leva a mão à algibeira do roupão para tirar um cigarro, muda de idéias e, em vez disso, levanta a mão e toca no cabelo. É quase perfeito, é quase suficiente, ser uma jovem mãe numa cozinha amarela a tocar no basto cabelo escuro, grávida de outro filho. Há sombras de folhas nas cortinas; cheira a café acabado de fazer.

- Bom dia, Inseto - diz a Richie.
- Estou a comer cereal - diz ele, e mostra um grande sorriso. Podia-se dizer que a devora com o olhar. Está patentemente enfeitiçado por ela, é cômico e trágico no seu amor desesperado. Às vezes lembra-lhe um ratinho a cantar baladas amorosas debaixo da janela de uma gigante.
- Isso é bom - responde ela. - Faz muito bem. - Ele volta a acenar com a cabeça, como se compartilhassem um segredo.
- Mas sinceramente... - diz ela ao marido.
- Porque deveria acordar-te? Porque não deverias dormir?
- É o teu aniversário.
- Precisas de repouso. - Bate-lhe cuidadosamente na barriga, mas com uma certa força, como se batesse na casca de um ovo mal cozido. Ainda não se nota nada; as únicas manifestações são um certo enjôo e uma tênue, mas clara, agitação interna. Ela, o seu marido e o seu- filho estão numa casa na qual nunca ninguém viveu além deles. Fora de casa há um mundo onde as prateleiras estão bem abastecidas, onde as ondas de rádio estão cheias de música, onde homens novos percorrem de novo as ruas, homens que conheceram privações e um medo pior do que a morte, que sacrificaram de boa vontade os seus vinte e poucos anos e agora, pensando nos trinta e para além deles, não podem perder mais tempo. O treino adquirido em tempo de guerra é-lhes vantajoso. São magros e fortes. Levantam-se ao nascer do Sol, sem se queixarem.
- Gosto de fazer o teu pequeno-almoço - diz Laura. - Sinto-me bem.
- Eu posso fazer o pequeno-almoço. O fato de ter de me levantar ao romper do dia não significa que tenhas de fazer o mesmo.
- Mas eu quero.
O frigorífico zumbe. Uma abelha choca pesadamente, insistentemente, com um vidro da janela. Laura tira o maço de Pall Mall da algibeira do roupão. É três anos mais velha do que ele (há algo vagamente indecoroso nisso, algo vagamente embaraçoso): uma mulher de ombros largos, angulosa, morena e de ar estrangeirado, embora a sua família tente há mais de cem anos, sem êxito, prosperar neste país. Puxa devagar um cigarro do maço, muda de idéias e deixa-o cair de novo.
- Está bem - diz o marido. - Se realmente queres que o faça, amanhã acordo-te às 6 horas.
- Combinado. Laura serve-se de uma chávena do café que ele fez. Volta para junto dele com a chávena fumegante na mão e beija-o na face. Dan dá-lhe uma palmada no rabo, afetuosa e distraidamente. já não está a pensar nela. Está a pensar no dia que tem pela frente, no trajeto de carro para o centro da cidade, no apático sossego dourado do Wilshire Boulevard, onde as lojas ainda estão todas fechadas e só os indivíduos mais entusiastas e devotados, jovens madrugadores como ele, se movem na claridade ainda virgem do smog do dia. O seu escritório estará silencioso, as máquinas de escrever da área das secretárias ainda tapadas e ele e alguns dos outros homens da sua idade ainda dispõem de uma hora inteira ou mais para porem a papelada em dia antes de os telefones começarem a tocar. Às vezes parece quase incrivelmente bom que ele tenha tudo isto: um escritório e uma casa nova com dois quartos, responsabilidades e decisões a tomar, almoços

rápidos e divertidos com os outros homens.
- As rosas são lindas - diz-lhe Laura. - Como as arranjaste tão cedo?
- Mrs. Gar está na sua loja às 6 horas. Bati no vidro até ela me deixar entrar. - Olha para o relógio, embora saiba que horas são. - Bem, tenho de ir.
- Desejo que tenhas um bom dia.
- Tu também. - Ele levanta-se.
Durante um momento absorvem-se por completo no ritual da partida: o pegar no casaco e na pasta; a troca de beijos; os acenos, ele por cima do ombro ao atravessar o relvado para o caminho de acesso, Laura e Richie de trás do guarda-vento. A relva, copiosamente regada, é de um verde-brilhante, quase sobrenatural. Laura e Richie estão parados como espectadores num cortejo, enquanto o homem pilota o seu Chevrolet azul-gelo pelo curto caminho abaixo, até à rua. Ele acena uma última vez, alegremente, do seu lugar ao volante.
- Bem... - diz Laura, depois de o carro desaparecer. O filho observa-a, adorador e expectante. Ela é o espírito inspirador da casa. As salas são às vezes maiores do que deviam ser, às vezes, de repente, contêm coisas que ele nunca viu antes. Agora observa-a e espera. - Bem, pronto - diz ela.
Eis, pois, a transição diária. Com o marido presente, ela sente-se mais nervosa, mas menos receosa. Sabe como agir. Sozinha com Richie, às vezes sente-se desamarrada - Richie é tão inteiramente, tão persuasivamente ele mesmo! Quer o que quer, com uma avidez que a perturba. Chora por motivos misteriosos, faz exigências indecifráveis, corteja-a, adula-a, ignora-a. Parece estar quase sempre à espera de ver o que ela fará a seguir. Ela sabe, ou pelo menos desconfia, que outras mães de filhos pequenos devem ter um conjunto de regras e, mais adequadamente, uma personagem-mãe sempre a postos para as guiar na gestão dos dias passados a sós com um filho. Quando o marido está em casa, ela sabe como proceder. Vê-o a observá-la e sabe quase instintivamente como tratar o rapaz com firmeza e afabilidade, com uma espontaneidade maternal afetuosa que parece natural, sem esforço. Sozinha com ele, porém, desorienta-se. Nem sempre se lembra de como uma mãe deve agir.
- Precisas de acabar o teu pequeno-almoço - diz-lhe.
- Está bem. Voltam para a cozinha. O marido lavou a sua chávena do café, limpou-a e guardou-a. O rapaz começa a comer com uma certa determinação buldozeriana, que tem mais que ver com obediência do que com apetite. Laura deita outra chávena de café e senta-se à mesa. Acende um cigarro. (..) no triunfo e nos ecos metálicos e no estranho silvo agudo de algum aeroplano em cima no céu, estava o que ela amava: vida; Londres; este momento de junho.
Exala uma esplêndida pluma cinzenta de fumo. Está tão cansada. Esteve levantada a ler até depois das 2 horas. Toca na barriga - será mau para o novo bebê ela dormir tão pouco? Não perguntou nada ao médico a esse respeito; tem medo que ele lhe diga que deixe inteiramente de ler. Promete a si mesma que esta noite lerá menos. Irá dormir cerca da meia-noite, o mais tardar.
- Adivinha o que vamos fazer hoje - diz a Richie. Vamos fazer um bolo para o aniversário do teu pai. Oh, temos muito trabalho à nossa frente!
Ele acena com a cabeça gravemente, judiciosamente. Parece ter dúvidas a respeito de qualquer coisa.

- Vamos fazer-lhe o melhor bolo que ele já viu na sua vida - diz-lhe ela. - O melhor de todos. Não achas que é uma boa idéia?
Richie volta a acenar com a cabeça. Espera para ver o que acontecerá a seguir. Laura observa-o através da trepadeira coleante de fumo de cigarro. Não vai para cima para voltar a ler o seu livro. Ficará ali. Fará tudo o que é preciso, e até mais.

Clarissa sai com o seu braçado de flores para a Spring Street. Imagina Barbara ainda na penumbra fresca do lado mais afastado da porta, continuando a viver no que Clarissa não pode agora deixar de pensar como o passado (tem a ver, de algum modo, com o desgosto de Barbara e as prateleiras de fitas penduradas da parede do fundo), enquanto ela penetra no
presente, que é tudo isto: o rapaz chinês que passa, adernado, numa bicicleta; o número 281 escrito a ouro no vidro escuro; a dispersão de pombos com pés da cor de borrachas de apagar lápis (uma ave entrara pela janela aberta da sala de aula quando ela estava na quarta série, violenta, terrível); Spring Street e ela ali com um enorme ramo de flores. Vai passar por casa de Richard para ver como ele está (é inútil ligar, ele nunca atende), mas primeiro pára timidamente, esperançadamente, embora sem se aproximar demasiado da caravana da qual a famosa cabeça emergiu. Juntou-se ali uma pequena multidão, composta na sua maioria por turistas, e Clarissa coloca-se ao lado de duas raparigas novas, uma com o cabelo pintado de amarelo-canário, enquanto o da outra é platinado. Pergunta a si mesma se terão pretendido sugerir, tão fortemente como sugeriam, o Sol e a Lua.
O Sol diz à Lua: - Era a Meryl Streep, era definitivamente a Meryl Streep.
Clarissa sente-se excitada, mau grado seu. Ela estava certa.
Há uma satisfação surpreendentemente forte em saber que a nossa visão foi partilhada por outra pessoa.
- Nem pensar - responde a Lua. - Era a Susan Sarandon.
Não era, pensa Clarissa, a Susan Sarandon. Podia ter sido a Vanessa Redgrave, mas não era com certeza Susan Sarandon.
- Não - insiste o Sol. - Era a Streep. Confie em mim.
- Não era nada a Meryl Streep.
- Era. Chiça, era.
Clarissa continua parada, com um sentimento de culpa, segurando as suas flores e esperando que a estrela se mostre de novo, embaraçada com o seu próprio interesse. Não é dada a adular celebridades, pelo menos não o é mais do que a maioria das pessoas, mas não pode deixar de se sentir atraída pela aura da fama - e, mais do que da fama, da verdadeira imortalidade - implícita na presença de uma estrela de cinema numa caravana à esquina das ruas MacDougal e Spring. Estas duas raparigas paradas a seu lado - vinte anos, se não menos, desafiadoramente robustas, indolentemente amparadas uma na outra, carregadas de sacos de cores berrantes de lojas de descontos, estas raparigas chegarão à meia-idade e depois à velhice quer mirradas, quer inchadas. Os cemitérios onde serão sepultadas acabarão provavelmente em ruínas, com a erva a crescer num matagal desenfreado percorrido à noite por cães; e, quando tudo o que restar delas se resumir a algumas obturações de prata perdidas debaixo do chão, a mulher que está na caravana, seja ela Meryl Streep ou Vanessa Redgrave, ou mesmo Susan Sarandon, ainda será conhecida. Existirá em arquivos, em livros; a sua voz gravada estará guardada entre outros

preciosos e venerados objetos. Clarissa permite-se continuar ali parada, idiota como qualquer um, mais alguns minutos, na esperança de ver aparecer a estrela, antes de a humilhação se tornar pura e simplesmente demasiado grande para a poder suportar. Continua diante da caravana com as suas flores. Observa a porta. Decorridos vários minutos (quase dez, embora ela deteste admiti-lo) parte subitamente, indignadamente, como se tivesse sido ludibriada, e caminha os poucos quarteirões para o apartamento de Richard, na parte alta da cidade.
Este bairro tinha sido em tempos o centro de algo novo e turbulento, algo mal-afamado, uma parte da cidade onde o som de guitarras percorria a noite inteira de bares e cafés, onde as lojas que vendiam livros e vestuário cheiravam como ela imaginava que os bazares árabes deviam cheirar: a incenso e a uma mistura forte de esterco e poeira, uma espécie de madeira (cedro? cânfora?), qualquer coisa fétida e fecundamente putrescente, e onde parecera possível, inteiramente possível, encontrarmos um destino se entrássemos pela porta errada ou metêssemos pela travessa errada: não apenas a ameaça habitual de roubo e agressão física, mas algo mais perverso e transformador, mais permanente.
Aqui, aqui mesmo, nesta esquina, estivera parada com Richard quando ele tinha 19 anos, quando Richard era um rapaz não muito bonito, de feições firmes, olhos duros, cabelo escuro e um pescoço muito pálido e incrivelmente longo e gracioso -, aqui mesmo tinham discutido... a respeito de quê? Um beijo? Richard beijara-a, ou ela, Clarissa, convencera-se apenas de que ele ia beijá-la e esquivara-se
Aqui, nesta esquina (defronte do que fora um head-shop' e era agora uma charcutaria), tinham-se ou não beijado, tinham com certeza discutido, e aqui ou noutro lugar qualquer, pouco depois, tinham cancelado a sua pequena experiência, pois Clarissa queria a sua liberdade e Richard queria, bem, queria de mais - não quisera sempre? Ele queria de mais. Ela tinha-lhe dito que o que acontecera no Verão fora exatamente isso, uma coisa que aconteceu num Verão. Porque havia ele de a querer, uma rapariga estranha e introvertida, sem seios.
Loja especializada em artigos para consumidores de drogas, como cachimbos para haxixe e roach clips (uma espécie de pinça metálica para segurar as pontas de cigarros de marijuana, a fim de durarem o mais possível). Dignos desse nome (como podia esperar que ela confiasse no seu desejo?), quando Richard sabia tão bem como ela a tendência dos seus mais profundos desejos e quando ele tinha Louis, o adorador Louis de membros pesados e longe de ser estúpido, um rapaz que Miguel Ângelo teria gostado de desenhar? A idéia que Richard tinha dela não seria, na realidade, apenas outro dos seus conceitos poéticos? Não tinham tido uma briga grande ou espetacular, mas apenas uma discussão numa esquina - não houvera, já nessa altura, questão alguma de qualquer estrago grave para a sua amizade -, e, no entanto, ao recordar agora o que se passara, parece-lhe que foi definitivo, parece-lhe ter sido o momento em que um futuro possível terminou e começou outro. Nesse dia, depois de discutirem (ou talvez tivesse sido antes), Clarissa comprara um pacote de incenso e um casaco de alpaca cinzento, em segunda mão, com botões de osso trabalhados em forma de rosas. Richard acabara por partir para a Europa com Louis. Que fora feito, pergunta-se agora Clarissa, do casaco de alpaca? Parece-lhe que o teve durante anos e anos e depois, subitamente, deixou de o ter.

Vira pela Bleecker abaixo e sobe a Thompson. Hoje o bairro é uma imitação de si mesmo, uma espécie de mascarada anêmica para turistas, e Clarissa, com 52 anos, sabe que atrás destas portas e por estas travessas abaixo não há nada mais, nem nada menos, do que pessoas vivendo as suas vidas. Grotescamente, ainda existem alguns dos mesmos bares e cafés, decorados para parecerem o que eram para agrado de alemães e japoneses. As lojas vendem todas essencialmente as mesmas coisas: camisetas para recordação, joalharia de prata barata, casacos de cabedal baratos.

Chegada ao prédio de Richard, entra pela porta do vestíbulo e pensa, como sempre lhe acontece, na palavra "sórdido". É quase divertido o modo como a entrada do prédio de Richard ilustra perfeitamente o conceito de sordidez. É tão óbvia e terrivelmente sórdida que ainda a surpreende um pouco, mesmo ao fim de tantos anos. Surpreende-a quase da mesma maneira que um objeto raro e notável, uma obra de arte, pode continuar a surpreender: simplesmente porque permanece, ao longo do tempo, tão pura e absolutamente igual a si mesma. Aqui estão de novo, surpreendentemente, as paredes amarelo-bege desmaiadas, mais ou menos da cor de uma bolacha de araruta; aqui está o painel fluorescente, no teto, emitindo o seu crepitante clarão aguado. Está pior muito pior do que o pequeno e apertado átrio era antes de ser econômica e displicentemente renovado há uma década. O átrio está muito mais desencorajador agora, com o seu oleado manchado a imitar tijolo branco e a suaficus artificial do que teria sido possível estar na sua decrepitude original- Só o antigo lambril de mármore um mármore fulvo claro com veios azuis e cinzentos e um revestimento baço, amarelo-carregado, como o de - um excelente queijo antigo, agora horrendamente repercutido nas paredes amareladas - indica que este foi em tempos um prédio de alguma importância, que se alimentaram aqui esperanças, que se esperava que as pessoas, ao entrarem no átrio, tivessem a sensação de que estavam a entrar de uma maneira ordenada num futuro que reservava alguma coisa digna de se ter.

Entra no elevador, um pequeno cubículo de uma luminosidade intensificada, forrado de metal com grão de madeira, e carrega no botão para o quinto piso. A porta do elevador fecha-se com um misto de suspiro e estertor. Não acontece nada. Claro. Ele só trabalha intermitentemente. Na realidade, é um alívio abandoná-lo e subir a escada. Clarissa carrega num botão com um A branco estalado e, após tinia hesitação nervosa, a porta volta a abrir-se. Tem sempre medo de ficar presa entre andares neste elevador - imagina facilmente a longa, longa espera, os gritos a pedir socorro a inquilinos que poderão ou não falar inglês, e poderão ou não querer dar-se ao trabalho de intervir; o estranho e entorpecedor medo, semelhante à morte, de estar ali dentro sozinha, durante muito tempo, naquele vazio brilhante e cheirando a mofo, olhando ou não para a sua imagem deformada refletida no baço espelho circular encaixado no canto superior direito. É melhor, de fato, encontrar o elevador francamente inoperacional e subir a pé os cinco andares. É melhor estar livre.

Sobe a escada, sentindo-se ao mesmo tempo cansada e nupcial - virginal - com o seu braçado de flores. Os pisos dos degraus, estalados e desgastados no centro, são de uma substância parecida com borracha, de um preto-leitoso. Em cada um

dos quatro patamares uma janela oferece uma paisagem diferente de roupa estendida: lençóis floridos, roupas de bebê, calças de treino, peças berrantes na sua qualidade de novo barato, nada que se pareça com o tipo de roupa antiga peúgas escuras e complicada roupa interior feminina, robes desbotados e camisas de uma brancura luminosa - que teria dado ao poço do saguão um ar de algo comum, mas maravilhoso, preservado de outro tempo. Sórdido, pensa de novo.
Simplesmente sórdido.
O patamar de Richard, pintado da mesma cor de bolacha de araruta, ainda é ladrilhado como deve ter sido na viragem do século (o oleado extingue-se, misteriosamente, no segundo piso) e no chão, ladeado por um mosaico de geométricas flores amarelas-claras, encontra-se uma ponta de cigarro manchada de batom vermelho. Clarissa bate à porta de Richard, espera um momento e bate de novo.
- Quem é?
- Sou eu.
- Eu quem?
- Clarissa.
- Oh, Mrs. D. Oh, entra.
Não será altura, pensa ela, de abandonar a antiga alcunha? Se ele estiver num dia relativamente bom, tocará no assunto: Richard, não achas que já é tempo de me tratares simplesmente por Clarissa?
Abre a porta com a sua chave. Ouve Richard falar na outra sala, numa voz baixa e divertida, como se estivesse a contar segredos escandalosos. Não percebe o que ele está a dizer, distingue a palavra "atirar" seguida pelo seu riso baixo e retumbante, um som levemente dorido, como se o riso fosse uma coisa aguçada que se tivesse cravado na sua garganta.
Bem, pensa Clarissa, é outro dia daqueles, e portanto... não é com certeza um dia apropriado para tocar no assunto dos nomes.
Como pode deixar de sentir um certo ressentimento com Evan e todos os outros a quem foram aplicados os novos medicamentos a tempo, todos os afortunados (sendo "afortunados", neste caso, um termo relativo, evidentemente) homens e mulheres cujos cérebros não tinham ainda sido devorados e reduzidos a renda pelo vírus? Como pode deixar de se sentir irada em nome de Richard, cujos músculos e órgãos foram revigorados pelas novas descobertas, mas cujo cérebro parece ter ultrapassado a possibilidade de qualquer espécie de reparação que não seja a concessão de dias bons entre os maus?
O apartamento está, como sempre, penumbrento e abafado, cheio da fragrância de salva e zimbro que Richard queima para disfarçar os cheiros da doença. Está indizivelmente atravancado, habitado aqui e ali por um lívido círculo de não-escuridão desintegrada, proveniente dos candeeiros com quebra-luzes castanhos nos quais Richard não tolera lâmpadas com mais de quinze velas. Mais do que qualquer outra coisa, o apartamento tem um aspecto subaquático. Clarissa percorre-o, como se andasse no porão de um navio afundado. Não seria de todo surpreendente se um pequeno cardume de peixinhos prateados passasse de súbito na meia luz. Estas salas não parecem, de nenhum modo coerente, fazer parte do

prédio em que por acaso se encontram, e, quando Clarissa entra e fecha atrás de si a porta grande e rangedora com as quatro fechaduras (duas delas avariadas), tem sempre a sensação de ter passado para outro plano dimensional - para o outro lado do espelho, por assim dizer, como se o átrio, a escada e o patamar existissem noutro reino absolutamente diferente - noutro tempo.
- Bom dia - saúda.
- Ainda é de manhã?
- É, sim.
Richard está na segunda divisão. O apartamento tem apenas duas divisões: a cozinha (para onde se entra) e a outra divisão grande, onde a vida de Richard (o que dela resta) decorre. Clarissa atravessa a cozinha, com o seu fogão antigo e a grande banheira branca (toscamente luminosa na penumbra eterna do aposento), o seu leve odor a gás e cozinhados antigos, as suas caixas de cartão atulhadas de... sabe-se lá o quê, o seu espelho oval de moldura dourada que reflete (causa-lhe sempre um certo choque, por muito que o espere) o reflexo pálido da imagem dela. Ao longo dos anos, Clarissa habituou-se a ignorar o espelho.
Ali está a máquina de fazer café italiana que ela comprou para ele, toda cromados e aço preto, começando a adquirir o aspecto geral de desuso empoeirado. Ali estão os tachos de cobre que ela comprou.
Richard está sentado na cadeira, na outra sala. As persianas estão corridas e as seis ou sete lâmpadas todas acesas, embora a sua fraca potência total não deva ultrapassar a capacidade de iluminação de um vulgar candeeiro de secretária. No canto oposto, no seu absurdo roupão de flanela (a versão para tamanho adulto de um roupão de criança, azul-tinta e coberto de foguetões e astronautas de capacetes), Richard parece tão descarnado e majestoso, e também tão absurdo, como uma rainha afogada ainda sentada no seu trono.
Ele parou de murmurar. Tem a cabeça levemente inclinada para trás e os olhos fechados, como se estivesse a ouvir música.
- Bom dia, meu querido - repete Clarissa. Ele abre os olhos.
- Olha, tantas flores.
- São para ti.
- Morri?
- São para a festa. Como está a tua dor de cabeça esta manhã?
- Melhor, obrigado.
- Dormiste?
- Não me lembro. Sim, creio que dormi. Obrigado.
- Richard, está um bonito dia de Verão. E se eu deixasse entrar um pouco de luz?
- Se quiseres.
Ela dirige-se à mais próxima das três janelas e, com alguma dificuldade, levanta a persiana de lona impermeabilizada. Uma claridade condescendente - a que passa entre o prédio de Richard e o seu irmão de tijolo cor de chocolate, a cerca de cinco metros de distância - entra no quarto. Do outro lado do beco fica a janela de uma velha viúva rabugenta, com as suas figurinhas de vidro e cerâmica no parapeito (um burro a puxar uma carroça, um palhaço e um esquilo sorridente) e as suas gelosias. Clarissa vira-se. O rosto de Richard, com as suas covas e profundas pregas carnudas, a lustrosa testa alta e o nariz achatado de

pugilista, parece emergir da escuridão como uma escultura afundada içada para a superfície.
- Horrivelmente luminoso - queixa-se.
- A luz faz-te bem.
Clarissa aproxima-se dele e beija-lhe a curva da fronte. Assim perto, cheira os seus vários humores. Os seus poros exsudam não apenas a transpiração habitual (de cujo cheiro forte e ácido, pungente como vinho, ela sempre gostou), mas também o cheiro dos seus medicamentos, um odor polvorento e adocicado. Cheira também a flanela pouco limpa (embora a roupa seja lavada uma vez por semana, ou mais) e levemente, desagradavelmente (é o seu único cheiro repulsivo), à cadeira na qual passa os dias.
A cadeira de Richard, em especial, é insana - ou antes, é a cadeira de alguém que, embora não estando realmente insano, perdeu a tal ponto o controlo das coisas, se aproximou tanto do abandono por exaustão dos comuns cuidados pessoais uma higiene simples, alimentação regular - que a diferença entre insanidade e a perda da esperança é difícil de precisar. A cadeira - uma velha cadeira de braços quadrada, excessivamente estofada e obesamente equilibrada em finas pernas de madeira clara - está ostensivamente estourada e sem préstimo. O seu forro é um tecido de lã qualquer, granuloso, sem cor e entretecido (este é, de algum modo, o seu aspecto mais sinistro) de fio prateado. Os braços e as costas quadrados estão de tal maneira gastos, tão escurecidos pelo efeito contínuo de atrito e óleos humanos, que se assemelham às partes macias do couro de um elefante. As suas molas são visíveis - filas perfeitas de pálidos anéis ferrugentos - não apenas através da almofada do assento, mas também através da fina toalha amarela que Richard dobrou sobre a almofada. A cadeira tem um cheiro fétido e entranhadamente úmido, sujo, cheira a putrefação irreversível. Se fosse levada para a rua (quando for levada para a rua), ninguém lhe pegaria. Richard não quer ouvir falar em substituí-la.
- Eles hoje estão aqui? - pergunta Clarissa.
- Não - responde Richard, com a sinceridade relutante de uma criança. - Agora foram-se embora. São muito bonitos e absolutamente terríveis.
- Sim, eu sei.
- Penso neles como coalescências de fogo negro, quero dizer, são escuros e brilhantes ao mesmo tempo. Um era um bocado parecido com uma alforreca preta eletrificada. Estavam a cantar, ainda há pouco, numa língua estrangeira. Creio que talvez fosse grego. Grego arcaico.
- Tens medo deles?
- Não. Bem, às vezes...
- Acho que vou falar com o Bing para te aumentar a medicação. Estás de acordo?
Ele suspira, fatigado.
- O fato de eu às vezes não os ouvir ou ver não significa que tenham desaparecido - diz.
- Mas, se não os ouves nem vês, podes descansar. Com toda a franqueza, não dormiste nada a noite passada, pois não?
- Oh, dormi um pouco. Não estou muito preocupado com dormir. Estou muito

mais preocupado contigo. Pareces tão magra, hoje. Como é que tu estás?
- Estou ótima. Não me posso demorar muito. Tenho de pôr as flores em água.
- Claro, claro. As flores, a festa. Oh, meu Deus.
- Vi uma estrela de cinema quando vinha para cá. Penso que talvez seja um bom augúrio, não achas?
Richard sorri melancolicamente. - Ah, bem, augúrios... Acreditas em augúrios? Pensas que nos dão assim tanta importância? Pensas que se preocupam conosco a esse ponto? Meu Deus, não seria maravilhoso? Bem, talvez possa ser.
Não pergunta o nome da estrela de cinema; na realidade não lhe interessa. Entre os conhecimentos de Clarissa, Richard é o único que não sente nenhum interesse especial por gente famosa. Genuinamente, não reconhece essas distinções. Trata-se, pensa ela, de uma combinação qualquer de ego monumental com uma espécie de sabedoria. Richard não consegue imaginar uma vida mais interessante ou compensado rã do que as vividas pelos seus conhecidos e por ele próprio, e por essa razão eles sentem-se com freqüência exaltados, engrandecidos na sua presença. Não é um daqueles egotistas que miniaturizam outros. É o tipo oposto de egotista, movido por grandiosidade, e não por avidez, e, se insiste numa versão que é mais divertida, mais estranha, mais excêntrica e profunda do que nós próprios suspeitamos ser - capazes de fazer mais bem e mais mal no mundo do que alguma vez imaginamos -, é praticamente impossível não acreditarmos, pelo menos na sua presença e durante algum tempo depois de o deixarmos, que só ele nos vê até à nossa essência, pesa as nossas verdadeiras qualidades (nem todas necessariamente lisonjeiras - faz parte do seu estilo uma certa rudeza infantil desajeitada) e nos aprecia mais plenamente do que alguém jamais fez. Só depois de o conhecermos há algum tempo começamos a dar-nos conta de que somos, para ele, uma personagem essencialmente ficcional, uma personagem que ele investiu de aptidões quase ilimitadas para a tragédia e a comédia, não por essa ser a nossa verdadeira natureza, mas porque ele, Richard, precisa de viver num mundo povoado de figuras excessivas e imperiosas. Alguns preferiram terminar o seu relacionamento com ele a continuarem a ser figuras do poema épico que está sempre a compor dentro da sua cabeça, a história da sua vida e das suas paixões; mas outros (Clarissa conta-se nesse número) apreciam o sentido de hipérbole que ele traz às suas vidas, passaram até a depender disso do mesmo modo que dependem do café para acordarem de manhã e de uma bebida ou duas para adormecerem à noite.
- Às vezes as superstições são um conforto - diz Clarissa. - Não sei porque recusas tão inflexivelmente todos os confortos.
- Recuso? Não é minha intenção. Eu gosto de confortos. De alguns deles. Gosto muito de alguns deles.
- Como te sentes?
- Bem. Muito bem. Um pouco efêmero. Sonho constantemente que estou sentado numa sala.
- A festa é às 5 horas, lembras-te? A festa é às 5 e a cerimônia depois às 8. Lembras-te disso tudo, não lembras?
- Lembro - responde. E depois diz: - Não.
- Em que ficamos? Sim ou não?

- Desculpa. Parece que estou sempre a pensar que as coisas já aconteceram. Quando me perguntaste se me lembrava da festa e da cerimônia, pensei que querias dizer se me lembrava de ter ido a elas. E lembrava-me. Parece que saí do tempo.
- A festa e a cerimônia são esta noite. No futuro.
- Compreendo, De certo modo, compreendo. Mas, estás a ver, parece que fui também para o futuro. Lembro-me claramente da festa que ainda não aconteceu. Lembro-me perfeitamente da cerimônia da entrega do prêmio.
- Trouxeram-te o pequeno-almoço esta manhã?
- Que pergunta. Trouxeram.
- E comeste-o?
- Lembro-me de o comer. Mas é possível que só tenha tencionado comê-lo. Está algum pequeno-almoço por aí?
- Que eu veja, não.
- Então suponho que consegui comê-lo. A comida não tem muita importância, pois não.
- A comida tem grande importância, Richard.
- Não sei se consigo suportar, Clarissa.
- Suportar o quê?
- Sentir-me orgulhoso e corajoso na presença de toda a gente. Lembro-me com toda a clareza. Ali estou eu, um destroço doente e louco, estendendo as mãos tremulas para receber um pequeno troféu.
- Não precisas de ser orgulhoso, meu querido. Não precisas de ser corajoso. Não é um desempenho.
- Claro que é. Recebi um prêmio pelo meu desempenho, deves saber isso. Recebi um prêmio por ter SIDA, ter dado em
chalado e ser corajoso a esse respeito. Não teve nada que ver com o meu trabalho.
- Pára com isso. Por favor. Tem tudo que ver com o teu trabalho.
Richard inspira fundo e exala um bafo forte e úmido. Clarissa pensa nos seus pulmões, almofadas de um vermelho reluzente sulcadas por um complexo bordado de veias. Contam-se precisamente entre os seus órgãos menos lesados por razões incompreensíveis, mantêm-se essencialmente não afetados pelo vírus. Com aquela possante respiração, os seus olhos pareceram focar-se, adquirir abismos mais verdes.
- Não imaginas que eles mo dariam se eu fosse saudável, pois não?
- Claro que sim, imagino.
- Por favor.
- Então, nesse caso, talvez devesses recusá-lo.
- Aí é que está o terrível dilema. Eu quero o prêmio. Quero. Seria muito mais fácil se nos importássemos quer mais, quer menos, com ganhar prêmios. Ele está por aí, nalgum lado?
- O quê?
- O prêmio. Gostava de o ver.
- Ainda não o recebeste. É esta noite.
- Sim, tens razão. É esta noite.

- Richard, querido, escuta-me. Pode ser simples. Pode ser um prazer simples e sincero para ti. Eu estarei lá contigo, o
tempo todo.
- Gostaria disso.
- É uma festa. É apenas uma festa. Só estarão presentes pessoas que te respeitam e admiram.
- Quem?
- Tu sabes quem. O Howard, a Elisa, o Martin Campo.
- O Martin Campo? Valha-me Deus.
- Julguei que gostavas dele. Sempre disseste que gostavas.
- Bem, sim, na verdade. Suponho que o leão também gosta do tratador do jardim zoológico.
- O Martin Campo publicou-te ininterruptamente durante mais de trinta anos.
- Quem mais vai?
- já falamos tantas vezes a esse respeito. Tu sabes quem vai.
- Diz-me mais um nome, sim? Diz-me o nome de alguém que seja heróico.
- O Martin Campo é heróico, não te parece? Enterrou toda a fortuna da família na publicação de livros importantes e difíceis que sabe não se venderão.
Richard fecha os olhos e inclina a cabeça descarnada para trás, contra o tecido gasto, oleoso e áspero da cadeira.
- Está bem, está bem.
- Não precisas de cativar nem de entreter ninguém. Não precisas de representar nada. Há muito, muito tempo que estas pessoas acreditam em ti. A única coisa que tens de fazer é aparecer, sentar-te no sofá com ou sem uma bebida na mão, escutar ou não escutar, sorrir ou não sorrir. Só isso. Eu tomarei conta de ti.
Gostaria de o agarrar pelos ombros ossudos e sacudi-lo com força. Richard pode (embora uma pessoa hesite em pensar inteiramente nestes termos) estar a entrar no cânone; pode, nestes derradeiros momentos da sua carreira terrena, estar a receber os primeiros indícios de um reconhecimento que perdurará por muito tempo no futuro (presumindo, claro, que existe algum futuro). Um prêmio como este significa mais do que a notícia de um congresso de poetas e acadêmicos, significa que a própria literatura (cujo futuro está a ser talhado agora mesmo) parece sentir necessidade da contribuição especial de Richard: os seus lamentos provocadoramente prolixos sobre mundos que estão a desaparecer ou se perderam por completo. Embora não haja quaisquer garantias, parece possível, talvez até mais do que possível, que Clarissa e o pequeno grupo de outros tenham estado certos desde o princípio. Richard, o denso, o melancólico, o perscrutador, Richard que observava tão minuciosa e exaustivamente, que tentava desintegrar o átomo com palavras, sobreviverá depois de outros e mais sonoros nomes terem desaparecido.
E Clarissa, a sua mais velha amiga, a sua primeira leitora Clarissa que o vê todos os dias, quando até alguns dos mais recentes amigos dele supõem que já morreu -, vai oferecer-lhe uma festa. Clarissa vai encher a casa dela de flores e velas. Porque não haveria de querer que ele fosse?
- Não faço realmente falta lá, pois não? - pergunta Richard. - A festa pode realizar-se só com a idéia de mim. Na realidade, a festa já aconteceu, comigo ou

sem mim.
- Estás a tornar-te impossível. Não tardo a perder a paciência.
- Não, por favor, não te zangues. Oh, Mrs. D., a verdade é que me embaraça ir a essa festa. Falhei tão redondamente.
- Não fales dessa maneira.
- Não, não. Tu és boa, tu és muito boa, mas eu acho que falhei e acabou-se. Foi simplesmente demasiado para mim. Eu julgava-me uma figura maior do que era. Posso revelar-te um segredo embaraçoso? Uma coisa que nunca disse a ninguém?
- Claro que podes.
- Eu julgava-me um gênio. Cheguei mesmo a usar de fato essa palavra, em privado, para comigo.
- Bem...
- Oh, orgulho, orgulho! Estava muito enganado. Venceu-me. Revelou-se insuperável. Havia tanto, oh, tanto, tanto, de mais para mim. Quero dizer, há os estados do tempo, há a água e a terra, há os animais, e os edifícios, e o passado e o futuro, há espaço, há história. Há este fio ou lá o que é preso entre os meus dentes, há a velha do outro lado, reparaste que ela trocou o burro e o esquilo do parapeito da janela? E, claro, há o tempo. E o lugar. E tu, Mrs. D. Eu queria contar-te parte da história de parte de ti. Oh, como gostaria de ter feito isso!
- Richard, escreveste um livro inteiro.
- Mas ficou tudo fora dele, quase tudo. E deixei-me fascinar por um fim surpreendente. Mas, olha, não estou à procura de compaixão, acredita. Nós queremos tanto, não queremos?
- Sim, suponho que sim.
- Beijaste-me ao lado de uma lagoa.
- Há dez mil anos.
- Ainda está a acontecer.
- Em certo sentido, está.
- Na realidade. Está a acontecer no presente. Isto está a acontecer neste presente.
- Estás cansado, meu querido. Precisas de descansar. Eu telefono ao Bing a respeito do teu remédio, está bem?
- Oh, eu não posso, não posso descansar. Vem cá, aproxima-te mais, sim, por favor?
- Mas eu estou aqui mesmo.
- Mais perto. Pega na minha mão.
Clarissa toma nas suas uma das mãos de Richard. Ainda se surpreende com a sua fragilidade, com o fato de, palpávelmente, se assemelhar a um feixe de galhos finos.
- Aqui estamos nós. Não te parece?
- Como?
- Estamos na meia-idade e somos jovens amantes parados ao lado de uma lagoa. Somos tudo, tudo ao mesmo tempo. Não é extraordinário? É. Não lamento nada, realmente, a não ser apenas isso. Queria escrever a teu respeito, a respeito de nós, na verdade. Sabes o que quero dizer? Queria escrever a respeito de tudo, da vida que estamos a ter e das vidas que podíamos ter tido. Queria escrever a

respeito de todas as maneiras que podíamos morrer.
- Não lamentes nada, Richard. Não há necessidade nenhuma disso, tu fizeste muito.
- É simpático da tua parte dizeres isso.
- Do que precisas neste momento é de dormir uma soneca.
- Achas?
- Acho.
- Nesse caso, está bem.
- Depois venho ajudar-te a vestir. Às 3.30 achas bem?
- É sempre maravilhoso ver-te, Mrs. Dalloway.
- Agora tenho de ir. Preciso de pôr as flores na água.
- Pois sim. Meu Deus, pois sim.
Clarissa toca-lhe com as pontas dos dedos no ombro magro. Como é possível que ela sinta remorso? Como pode imaginar, mesmo agora, que podiam ter tido uma vida juntos? Podiam ter sido marido e mulher, companheiros de alma, como amantes à margem. Há maneiras de gerir as coisas.
Richard foi em tempos ávido e alto, vigoroso, brilhante e pálido como leite. Em tempos andou por Nova Iorque com um velho sobretudo militar, falando excitadamente, com o emaranhado escuro do cabelo impacientemente afastado do rosto, preso por uma fita azul que encontrara.
- Fiz aquela receita de caranguejo - diz Clarissa. - Não que imagine que possa constituir alguma espécie de persuasão séria.
- Oh, tu sabes que adoro a receita de caranguejo. Faz diferença, claro que faz. Clarissa?
- Sim?
Richard levanta a desfigurada cabeça maciça. Clarissa vira o rosto para o lado e recebe o beijo dele na face. Não é boa idéia beijá-lo nos lábios: uma simples constipação seria uma tragédia para ele. Recebe o beijo na face e aperta o ombro magro de Richard com as pontas dos dedos.
- Venho buscar-te às 3.30 - diz-lhe.
- Maravilhoso - responde Richard. - Maravilhoso.

Olha para o relógio que está em cima da mesa. Passaram quase duas horas. Ainda se sente vigorosa, embora saiba que no dia seguinte pode ler o que escreveu e achá-lo oco, empolado. O livro que temos na nossa imaginação e sempre melhor do que aquele que conseguimos passar para o papel. Bebe um gole de café frio e resolve ler o que escreveu até então.
Parece-lhe bastante bom; algumas passagens parecem-lhe mesmo muito boas. Tem esperanças excessivas, evidentemente - quer que este seja o seu melhor livro, aquele que corresponda finalmente às suas expectativas. Mas pode um único dia na vida de uma mulher comum transformar-se no suficiente para um romance? Virginia bate ao de leve nos lábios com o polegar. Clarissa Dalloway morrerá, disso tem a certeza, embora nesta fase inicial seja impossível dizer como ou sequer, precisamente, porquê. Está no entanto convencida de que ela porá fim à sua vida. Sim, ela fará isso.
Virginia pousa a caneta. Gostaria de escrever todo o dia, de encher trinta páginas em lugar de três, mas passadas as primeiras horas alguma coisa vacila dentro dela, e receia, se insistir para além dos seus limites, prejudicar todo o projeto. O deixe transviar-se para um reino de incoerência do qual talvez nunca possa regressar. Ao mesmo tempo, detesta passar qualquer das suas horas límpidas a fazer outra coisa que não seja escrever. Trabalha sempre em luta com o medo de uma recaída. Primeiro vêm as dores de cabeça, que não são em sentido algum uma dor qualquer ("dor de cabeça" pareceu-lhe sempre uma expressão inadequada para elas, mas chamar-lhes outra coisa seria demasiado melodramático). Elas invadem-na, apoderam-se dela. Mais do que atormentá-la, habitam-na, do mesmo modo que os vírus habitam os seus hospedeiros. As cordas de dor anunciam-se, lançam tão insistentemente estilhaços de luminosidade nos seus olhos que tem de recordar a si mesma que as outras pessoas não os podem ver. A dor coloniza-a, substitui rapidamente o que era Virginia por quantidades cada vez maiores de si mesma e o seu avanço é tão violento, os seus contornos anfractuosos tão nítidos, que ela não pode deixar de a imaginar como uma entidade com vida própria. Poderia vê-la enquanto caminhava com Leonard no largo, uma cintilante massa branca-prateada flutuando sobre as pedras da calçada, coberta de espinhos distribuídos ao acaso, fluida, mas inteira, como uma alforreca. "O que é aquilo?", perguntaria Leonard. "É a minha dor de cabeça", responderia ela. "Por favor, ignora-a."
A dor de cabeça está sempre presente, à espera, e os seus períodos de liberdade, por muito longos que sejam, dão-lhe sempre a sensação de provisórios. Às vezes, a dor de cabeça toma apenas posse parcial, durante um serão ou um dia ou dois, e em seguida retira-se. Outras, permanece e aumenta até ela se render. Nessas ocasiões, a dor de cabeça sai de dentro do seu crânio para o mundo. Tudo brilha e pulsa. Fica tudo infectado de luminosidade, latejante de luminosidade, e ela reza a pedir escuridão do mesmo modo que um viajante perdido no deserto reza a pedir água. O mundo fica, todo ele, tão estéril de escuridão como um deserto o é de água. Não há uma fresta de negrume no quarto de venezianas cerradas, não

há uma fresta de negrume atrás das suas pálpebras. Há apenas graus maiores e menores de brilho. Depois de ela ter passado para este reino de implacável luminosidade começam as vozes. Às vezes são resmungos baixos, imateriais, que se formam a partir do próprio nada; outras emanam de trás dos móveis ou de dentro das paredes. São indistintos, mas cheios de significado, inequivocamente masculinos, obscenamente velhos. São irados, acusadores, desiludidos. Às vezes parecem conversar, em murmúrios, entre eles; outras parecem declamar texto. Às vezes ela consegue, vagamente, distinguir uma palavra. "Atirar", numa ocasião, e "debaixo", em duas ocasiões. Um bando de pardais, do lado de fora da sua janela, cantou uma vez, sem a mínima sombra de dúvida, em grego. Este estado de coisas torna-a infernalmente infeliz; neste estado é capaz de gritar estridentemente com Leonard ou seja quem for que se aproxime (crepitante, como demônios, de luz). E, no entanto, quando se prolonga, este estado também começa a envolvê-la, hora a hora, como uma crisálida. Por fim, quando decorreram horas suficientes, emerge ensanguentada, tremula, mas cheia de visão e pronta, após ter descansado, para trabalhar de novo. Tem pavor das suas quedas na dor e na luz e desconfia que são necessárias. Há algum tempo que está livre delas, há anos já. Sabe que a dor de cabeça pode voltar de repente, mas ignora isso na presença de Leonard, mostra-se mais vigorosamente saudável do que por vezes se sente. Regressará a Londres. Será melhor morrer doida varrida em Londres do que evaporar-se em Richmond.

Decide, apreensiva, que por hoje chega. Há sempre estas dúvidas. Deve tentar prosseguir durante mais uma hora? Está a ser sensata ou preguiçosa? Sensata, afirma a si mesma, e quase acredita. Escreveu as suas duzentas e cinqüenta palavras, mais ou menos. Contenta-te com isso. Confia que amanhã estarás aqui de novo, reconhecível por ti própria.

Pega na chávena com as borras frias do café, sai da sala e desce a escada para a tipografia, onde Ralph está a rever as provas enquanto Leonard as vai acabando.

- Bom dia - diz Ralph animada e nervosamente a Virginia.

O seu rosto largo, plácido e agradável está corado, a fronte praticamente incandescente, o que chega para ela compreender de imediato que, para ele, o dia não está nada bom. Leonard deve ter resmungado por causa de alguma ineficiência, que tanto pode ter acontecido naquele momento como ter transitado da véspera, e agora Ralph está a rever provas e a dizer "Bom dia" com a veemência de uma criança que acabou de ouvir uma repreensão.

- Bom dia - responde Virginia numa voz cordial, mas cuidadosamente indiferente.

Estes jovens e estas jovens, estes assistentes, vêm e vão; Marjorie já foi admitida (com a sua horrível maneira arrastada de falar.. a propósito, onde está ela agora?) para se encarregar de trabalhos que Ralph considera abaixo do seu estatuto. Não tarda, com certeza, que Ralph e depois Marjorie se vão embora e ela, Virginia, desça do seu escritório e receba os bons-dias de alguém novo na casa, corado e com ar de ter sido repreendido. Não ignora que Leonard é capaz de ser rude, sovina e quase impossivelmente exigente. Também sabe que estes jovens são com freqüência criticados injustamente, mas não tenciona tomar o partido deles contra ele. Não será a mãe que intervém, por muito que eles lho

peçam com os seus sorrisos ansiosos e os seus olhos magoados. Ralph, no fim de contas, é problema de Lytton e ela deseja que lhe faça muito bom proveito. Ele e os seus irmãos ou irmãs que lhe sucederão continuarão a sua vida e farão qualquer coisa no vasto mundo exterior - ninguém espera que façam carreira como assistentes na tipografia. Leonard pode ser autocrático, pode ser injusto, mas é o seu companheiro e zelador, e ela não o atraiçoará, muito menos por causa do atraente e imaturo Ralph ou de Marjorie, com a sua voz de periquito.
Há dez erros em oito páginas - diz Leonard. Os parênteses à volta da sua boca são tão fundos que se podia meter uma moeda neles.
- Foi sorte tê-los encontrado - comenta Virginia.
- Parecem congregar-se nas imediações da zona central. Achas que escrever mal atrai realmente uma incidência mais elevada de infortúnio?
- Como gostaria de viver num mundo em que isso fosse verdade. Vou andar um pouco, para desanuviar a cabeça, e depois volto e dou uma ajuda.
- Estamos a progredir bem - diz Ralph. - Lá para o fim do dia devemos ter acabado.
- Teremos sorte - contrapõe Leonard - se acabarmos de hoje a uma semana.
Os seus olhos lançam chispas de raiva. Ralph fica de um tom de vermelho mais delicado e preciso. Claro, pensa ela, Ralph compôs e fê-lo sem cuidado. A verdade, pensa, senta-se calma e nediamente, vestida de um cinzento matronal, entre estes dois homens. Não reside em Ralph, o jovem soldado de infantaria que aprecia literatura, mas aprecia também, com igual ou porventura maior fervor, o brande e os biscoitos que o esperam quando o dia de trabalho acaba; que é bondoso e não tem nada de excepcional e de quem se pode esperar apenas que perpetue, no tempo de vida que lhe está destinado, as atividades comuns do mundo comum. Do mesmo modo, a verdade também não reside (infelizmente) em Leonard, no brilhante e infatigável Leonard, que se recusa a distinguir entre revés e catástrofe; que adora a realização acima de tudo o mais e se torna insuportável para com os outros, porque acredita sinceramente que pode extirpar e reformar toda a ocorrência de ineficácia e mediocridade humanas.
- Tenho a certeza - diz ela - de que, entre nós, podemos pôr o livro numa forma aceitável e mesmo assim festejar o Natal.
Ralph sorri-lhe com um alívio tão visível que ela tem vontade de o esbofetear. O rapaz sobreestima a sua compreensão, não percebe que ela falou não a favor dele, mas de Leonard. Do mesmo modo que a sua mãe teria minimizado um percalço de um criado, durante o jantar, declarando, a pensar no marido e em todas as outras pessoas presentes, que a terrina partida não pressagiava nada; que o círculo de amor e indulgência não podia ser quebrado; que estava tudo em segurança.

Sra. Brown

[..] vida, Londres, este momento de junho. Começa a peneirar farinha para uma tigela azul. Do lado de fora da janela fica o breve intervalo de relva que separa a sua casa da casa vizinha; a sombra de um pássaro atravessa como um risco veloz o ofuscante estuque branco da garagem dos vizinhos. Laura sente-se fugaz e profundamente satisfeita com a sombra do pássaro, as faixas de brilhante branco e verde. A tigela, no balcão de serviço à sua frente, é de um azul-gessoso-pálido, ligeiramente desbotado, com um friso estreito de folhas brancas no rebordo. As folhas são idênticas, estilizadas, um pouco no estilo cartoon, inclinadas em ângulos arrojados, e parece natural e inevitável que uma delas tenha uma pequena mossa, perfeitamente triangular, num lado. Uma fina e branca chuva de farinha cai na tigela.
- Ora vamos lá - diz a Richie. - Queres ver?
- Quero. Ajoelha para mostrar ao filho a farinha peneirada. - Agora temos de medir quatro chávenas. Oh, meu
Deus, sabes quantos são quatro?
Ele levanta quatro dedos.
- Ótimo. Muito bem.
Neste momento seria capaz de o devorar, não vorazmente, mas com adoração, com infinita suavidade, como costumava receber a hóstia na boca antes de casar e se converter (a mãe nunca lhe perdoará, nunca). Está cheia de um amor tão forte, tão sem ambigüidades, que se parece com apetite.
- És um rapazinho muito bom e inteligente.
Richie sorri; olha-a ardentemente no rosto. Ela faz o mesmo. Fazem uma pausa, imóveis, olhando um para o outro, e durante um momento Laura é exatamente aquilo que parece ser: uma mulher grávida, ajoelhada numa cozinha com o seu filho de três anos que sabe quantos são quatro. É ela própria e é a imagem perfeita dela própria; não existe nenhuma diferença. Vai fazer um bolo de aniversário - apenas um bolo -, mas na sua mente, neste momento, o bolo é brilhante e magnífico como qualquer fotografia de qualquer revista: é melhor, até, do que as fotografias de bolos publicadas em revistas. Imagina confeccionar, com os mais humildes materiais, um bolo com toda a harmonia e a força de um vaso ou uma casa. O bolo falará de abundância e deleite, do mesmo modo que uma boa casa fala de conforto e segurança. É isto, pensa, que os artistas ou os arquitetos devem sentir (sabe que é uma comparação tremendamente ambiciosa, talvez até um pouco pateta, mas mesmo assim ...)quando confrontados com tela, pedra, óleo ou cimento. Não foi um livro como Mrs. Dalloway, antes de o ser, apenas papel em branco e um frasco de tinta? É apenas um bolo, diz a si mesma. Mas mesmo assim... Há bolos e bolos. Neste momento, segurando uma tigela cheia de farinha peneirada numa casa bem arrumada sob o céu da Califórnia, espera sentir-se tão satisfeita e cheia de expectativa como um escritor ao escrever a primeira frase, um construtor que começa a desenhar uma planta.
- Ora bem - diz a Richie -, começas tu.

Estende-lhe um reluzente púcaro medidor de alumínio. E a primeira vez que lhe é confiada uma tarefa deste gênero. Laura coloca uma segunda tigela, vazia, no chão, para ele. Richie pega no púcaro-medidor com ambas as mãos.
- Vamos a isto - continua ela.
Guiando as mãos do filho com a dela, ajuda-o a mergulhar o púcaro na farinha. O púcaro enterra-se facilmente e, através da sua parede fina, ele sente a maciez de seda e o grão suave da farinha peneirada. Na esteira do púcaro ergue-se uma minúscula nuvem. Mãe e filho levantam-no de novo, a transbordar. Pequenas cascatas de farinha deslizam pelos lados prateados. Laura diz ao rapazinho que mantenha o medidor firme, o que ele consegue nervosamente fazer, e com um gesto rápido rasoira o pequeno coágulo granuloso do cimo, deixando uma lisa e impecável superfície branca, perfeitamente nivelada com o rebordo do púcaro, que ele continua a segurar com ambas as mãos.
- Muito bem. Agora vamos deitá-la na outra tigela. Achas que consegues fazer isso sozinho?
- Acho - responde Richie, embora não esteja muito certo disso.
Considera este púcaro de farinha único e insubstituível. Uma coisa é pedirem-lhe que transporte uma couve de um lado para o outro da rua, outra muito diferente é pedirem-lhe que transporte a cabeça recém-desenterrada do Apolo de Rilke.
- Então vamos a isto - diz Laura.
Cautelosamente, ele aproxima o púcaro da outra tigela e imobiliza-o, paralisado, sobre a brilhante concavidade branca da tigela (é a segunda mais pequena de um conjunto de tigelas que se encaixam umas nas outras, todas verdes-claras e com o mesmo friso de folhas brancas no rebordo). Richie compreende que o que se espera dele é que despeje a farinha na tigela, mas acha possível que tenha interpretado mal as instruções e estrague tudo, acha possível que, despejando a farinha, cause alguma grande catástrofe, destrua algum equilíbrio precário. Quer olhar para o rosto da mãe, mas não pode desviar os olhos do púcaro.
- Vira-o - diz-lhe ela.
Ele vira-o com um movimento apressado e amedrontado. A farinha hesita durante uma fração de segundo e depois cai. Derrama-se solidamente, formando um monte que é uma espécie de arremedo da forma do púcaro medidor. Levanta-se uma nuvem maior, que quase lhe toca no rosto e depois se desfaz. Olha para baixo, a fitar o que fez: um montículo branco, levemente granuloso, salpicado de sombras minúsculas, erguendo-se do branco brilhante e mais cremoso do interior da tigela.
- Ena! - diz a mãe.
Fita-a, aterrorizado. Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas. Laura suspira. Porque será tão delicado, tão propenso a acessos de inexplicável remorso? Porque tem ela de ser tão cuidadosa com ele? Por um momento - apenas um momento -, a forma de Richie muda sutilmente. Torna-se maior, mais luminoso. A sua cabeça cresce. Uma incandescência muito branca parece, fugazmente, envolvê-lo. Por um momento ela quer apenas partir - não fazer-lhe mal, jamais faria isso -, ser livre, inocente, sem responsabilidades.
- Não, não - diz ao filho. - Está bem. Muito bem. É exatamente assim.
Ele sorri lacrimosamente, de súbito orgulhoso de si mesmo, com um alívio quase

insano. Está tudo bem, então, bastaram algumas palavras bondosas, tranqüilizadoras. Laura suspira. Toca levemente no cabelo do filho.
- Ora bem, estás pronto para outra?
Richie acena afirmativamente, com um entusiasmo tão ingênuo e vulnerável que a garganta dela se aperta, num espasmo de amor. Parece de súbito fácil fazer um bolo, criar um filho. Ama-o puramente, como as mães amam - não tem qualquer ressentimento por ele não querer partir. Ama o marido e sente-se satisfeita por ser casada. Parece possível (não parece impossível) que tenha transposto uma linha invisível, a linha que sempre a separou do que preferiria sentir, de quem preferiria ser. Não lhe parece impossível que tenha sofrido uma subtil mas profunda transformação, aqui, nesta cozinha, neste mais natural dos momentos: acertou as contas consigo mesma. Esforçou-se durante tanto tempo, tão arduamente e com tanta boa-fé, e agora descobriu o truque de viver feliz, sendo ela mesma, do mesmo modo que uma criança aprende em determinado momento a equilibrar-se numa bicicleta de duas rodas. Parece que vai ficar bem. Não perderá a esperança. Não lamentará as suas possibilidades perdidas, os seus talentos inexplorados (e se, no fim de contas, não tiver nenhum talento?). Dedicará a vida ao seu filho, ao seu marido, ao seu lar e aos seus deveres, a todas as suas dádivas. Quererá este segundo filho.

Sobe a Mt. Arúat Road, planeando o suicídio de Clarissa Dalloway. Clarissa terá tido um amor: uma mulher. Ou antes uma rapariga; sim, uma rapariga que conheceu na mocidade, uma daquelas paixões que deflagram quando somos jovens - quando o amor e as idéias parecem verdadeiramente ser uma descoberta pessoal, nunca antes entendidos exatamente desta maneira; durante esse breve período da juventude em que nos sentimos livres para fazer ou dizer seja o que for, para escandalizar, para ripostar, para recusar o futuro que nos é oferecido e exigir outro, muito mais grandioso e estranho, imaginado e reconhecido inteiramente por nós, sem dever nada à velha tia Helena, que se senta todas as noites na sua cadeira habitual e se interroga em voz alta se Platão e Morris serão leitura apropriada para jovens mulheres. Clarissa Dalloway, na sua primeira juventude, amará outra rapariga, pensa Virginia; Clarissa acreditará que está a abrir-se para ela um futuro fértil e tumultuoso, mas acabará (como, exatamente, se fará a mudança?) por cair em si, como costuma acontecer às jovens mulheres, e casar com um homem adequado.
Sim, ela cairá em si e casará. Morrerá na meia-idade. Matar-se-á, provavelmente, por causa de alguma ninharia (como tornar esse gesto convincente, trágico em vez de cômico?).
Isso, claro, acontecerá mais adiante no livro, e Virginia espera que, quando chegar a esse desfecho, a sua natureza precisa já se tenha revelado. Por agora, enquanto caminha em Richmond, concentra os seus pensamentos na questão do primeiro amor de Clarissa. Uma rapariga. A rapariga, pensa, será impetuosa e cativante. Escandalizará as tias decapitando dálias e malva-rosas e pondo as corolas a flutuar em grandes taças de água, como a irmã de Virginia, Vanessa, sempre fez.
Aqui, na Mt. Ararar Road, Virginia passa por uma mulher robusta, uma figura familiar das lojas, uma velha dona de casa forte e desconfiada que passeia com dois cães presos por trelas acastanhadas, traz uma imensa mala de tapeçaria na outra mão e, ao ignorar ostensivamente Virginia, indica que ela estava de novo a falar alto, sozinha, sem ter consciência disso. Sim, ela ouve praticamente as suas próprias palavras murmuradas, escandaliza as tias, ainda a esvoaçarem como uma écharpe atrás de si. Pois sim, e depois? Atrevidamente, depois de a mulher passar, Virginia vira-se, preparada para encarar com altivez o olhar sub-reptício que ela lhe lança com a cabeça ligeiramente voltada. Os seus olhos encontram os de um dos cães, que a olha, ele sim, por cima do ombro fulvo com uma expressão de perplexidade úmida e ofegante.
Chega à Queen's Road e retrocede na direção de casa, pensando em Vanessa e em flores decapitadas a flutuar em taças de água.
Embora se conte entre os melhores, Richmond é, definitiva e inegavelmente, um subúrbio, apenas isso, com tudo o que a palavra implica relativamente a floreiras nas janelas e sebes, a donas de casa passeando cães, a relógios dando horas em salas vazias. Virginia pensa no amor de uma rapariga. Despreza Richmond. Está faminta de Londres, às vezes sonha com os corações das cidades. Aqui, para

onde foi trazida para viver os últimos oito anos precisamente porque não é um lugar nem estranho nem maravilhoso, aqui está em grande parte livre das dores de cabeça e das vozes, dos acessos de fúria. Aqui tudo quanto deseja é regressar aos perigos da vida citadina.

Pára nos degraus de Hogath House para se lembrar de si mesma. Aprendeu ao longo dos anos que a sanidade mental envolve uma certa dose de representação, não apenas em benefício de marido e criados, mas também, e acima de tudo, em benefício das próprias convicções. Ela é a autora; Leonard, Nelly, Ralph e os outros são os leitores. Este romance em particular diz respeito a uma mulher serena e inteligente, de sentimentos dolorosamente melindrosos, que em tempos esteve doente, mas entretanto se refez, de uma mulher que está a preparar-se para a saison em Londres, onde oferecerá e comparecerá a festas, escreverá de manhã e lerá de tarde, almoçará com amigos e se vestirá na perfeição. Há genuína arte nisso, nesse presidir a mesas de chá e de jantar, nessa correção inspiradora. Os homens podem congratular-se por escreverem verdadeira e apaixonadamente acerca dos movimentos das nações, podem considerar a guerra e a busca de Deus os únicos assuntos da grande literatura, mas, se a sua posição no mundo pudesse ser derrubada por uma imprudente escolha de chapéu, a literatura inglesa mudaria espetacularmente.

Clarissa Dalloway, pensa Virginia, mata-se por qualquer coisa que, superficialmente, parecerá muito insignificante. A sua festa não corre bem, ou o seu marido recusa-se, mais uma vez, a reparar em qualquer esforço que ela fez relacionado com a sua pessoa na casa deles. O truque residirá em exprimir intacta a magnitude do desespero miniatural, mas muito autêntico, de Clarissa, em convencer por completo o leitor de que, para ela, as derrotas domésticas são tão devastadoras quanto as batalhas perdidas para um general.

Virginia entra em casa. Sente que controla inteiramente a personagem que é Virginia Woolf e, na qualidade dessa personagem, tira a capa, pendura-a e desce a escada para a cozinha, a fim de falar com Nelly a respeito do almoço.

Na cozinha encontra Nelly a estender massa. Nelly é ela própria, é sempre ela própria: sempre corpulenta e corada, régia, indignada, como se tivesse passado toda a sua vida numa era de magnificência e decoro que terminou, para sempre, cerca de dez minutos antes de termos entrado na sala. Virginia não deixa de se maravilhar com ela. Como consegue lembrar-se, como pode ser, todos os dias e a todas as horas, tão exatamente a mesma?

- Olá, Nelly.

- Bom dia, minha senhora. - Nelly concentra-se na massa, como se o rolo estivesse a revelar uma escrita desmaiada, mas legível, na massa estendida.

- Isso é um empadão para o almoço?

- Sim, minha senhora. Pensei fazer um empadão de borrego. Sobrou borrego e, como a senhora esteve tão atarefada a
trabalhar esta manhã, não falamos.

- Um empadão de borrego parece-me delicioso - diz Virginia, embora tenha de se esforçar por não se afastar da personagem que representa. Recorda a si mesma: comida não é uma coisa sinistra. Não penses em putrefação ou fezes, não penses no rosto no espelho.

- Fiz sopa de agriões - continua Nelly. - E o empadão. E lembrei-me de umas daquelas peras amarelas para sobremesa, a não ser que deseje alguma coisa mais especial.
Ali está o repto, o desafio está lançado, A não ser que haja alguma coisa mais especial. A amazona dominada ergue-se na margem do rio envolta nas peles de animais que matou e esfolou. Atira uma pêra aos pés, calçados de sapatos dourados, da rainha e diz: "Aqui está o que eu trouxe. A não ser que deseje alguma coisa mais especial".
- As pêras estarão bem - diz Virginia, embora, evidentemente, as pêras não estejam de modo algum bem, agora não. Se Virginia tivesse representado o seu papel como devia ser e aparecido na cozinha naquela manhã para destinar o almoço, a sobremesa poderia ter sido a bem dizer tudo. Podia ter sido manjar branco ou um suflê; podia, na realidade, ter sido pêras. Virginia podia ter entrado na cozinha às 8 horas e dito: "Hoje não nos vamos incomodar muito com a sobremesa, pêras servirão perfeitamente". Mas, em vez disso, fechara-se logo no seu escritório, temendo que a escrita do dia (esse impulso frágil, esse ovo equilibrado numa colher) pudesse evaporar-se perante um dos maus humores de Nelly. Esta sabe isso, claro que sabe, e, ao oferecer pêras, está a recordar a Virginia que ela, Nelly, é poderosa; que sabe segredos; que as rainhas que se importam mais com resolver quebra-cabeças nos seus aposentos do que com o bem-estar do seu povo se têm de contentar com o que lhes dão.
Virginia tira um pedaço de massa da tábua e molda-o entre os dedos.
- Lembra-se que Vanessa e as crianças vêm às 4 horas? pergunta.
- Lembro, sim, minha senhora.
Nelly levanta a massa com apurada competência e forra com ela a forma de empadão. O gesto delicado e experiente recorda a Virginia a mudança de fraldas a um bebê, e por breves instantes ela sente-se como uma rapariga a observar, com respeito e fúria, a insondável competência de uma mãe.
- Devemos servir chá da China, suponho. E bolo de especiarias doce.
- Chá da China, minha senhora? E bolo de especiarias?
- Não recebemos a Vanessa há mais de quinze dias. Preferia servir-lhe alguma coisa melhor do que as sobras do chá de ontem.
- Chá da China e bolo de especiarias obrigam a ir a Londres, não vendem essas coisas aqui.
- Os comboios partem de meia em meia hora e os autocarros de hora a hora. Não há outras coisas de que precisemos, de Londres?
- Há sempre coisas que são precisas. Acontece, porém, que já são 11.30 e o almoço está longe de estar pronto. Mrs. Bell chega às 4. A senhora disse às 4, não foi?
- Disse, e para as 4 horas a que me refiro faltam quase cinco, pois agora passam exatamente oito minutos das 11. O comboio das 12.30 deixa-a em Londres poucos minutos depois da 1. O das 2.30 deixa-a aqui pouco depois das 3, a muito boas horas, portanto, com o chá e o bolo de especiarias. Estou enganada nas contas?
- Não.
Nelly tira um nabo da taça e corta-lhe a ponta com um movimento rápido e

certeiro da faca. Isto quer dizer, pensa Virginia, que ela gostaria de me cortar a garganta, assim, com um golpe rápido da faca, como se matar-me fosse outra das tarefas domésticas que existem entre ela e o sono. Era assim que Nelly assassinaria, competente e certeiramente, do mesmo modo que cozinha segundo receitas aprendidas há tanto tempo que nem as sente como uma espécie de conhecimento. Neste momento teria de bom grado cortado a garganta de Virginia como uma cabeça de nabo, porque Virginia descuidara as suas próprias obrigações e agora ela, Nelly Boxall, uma mulher feita, está a ser punida por servir peras. Porque é tão difícil lidar com criados? A mãe de Virginia conseguia fazê-lo muito bem. Vanessa também o faz muito bem. Porque é tão difícil ser firme e afável com Nelly, inspirar-lhe respeito e estima? Virginia sabe exatamente como devia entrar na cozinha, qual devia ser a colocação dos seus ombros, que a sua voz devia ser maternal, mas não íntima, algo parecido com o modo como uma governanta fala com uma criança amada.

Oh, preparemos alguma coisa mais do que pêras, Nelly hoje. Mr. Woolf está de mau humor e eu creio que pêras não chegam para adoçar a sua disposição.

Devia ser tão simples como isto.

Dotará Clarissa Dalloway de grande habilidade para lidar com a criadagem, uns modos complicadamente afáveis e autoritários. As suas criadas amá-la-ão. Farão mais do que ela pede.

Ao entrar no átrio com as flores, Clarissa encontra-se com Sally, que vai a sair. Por um momento - menos de um momento - vê-a como a veria se fossem desconhecidas. Sally é uma mulher pálida, de cabelo grisalho e rosto severo, impaciente, com menos cinco quilogramas do que deveria ter. Por um momento, ao ver esta desconhecida no átrio, Clarissa enche-se de ternura e de uma vaga e clínica desaprovação. É tão agitada e encantadora. Nunca devia usar amarelo, pensa, nem mesmo este tom de mostarda carregado.
- Olá - diz Sally. - Que flores espetaculares.
Beijam-se rapidamente nos lábios. São sempre generosas com beijos.
- Aonde vais? - pergunta Clarissa.
- Almoçar com o Oliver Sr. Ives. Não te disse? Não me lembro se te disse.
- Não disseste.
- Desculpa. Importas-te?
- De modo nenhum. É agradável almoçar com uma estrela de cinema.
- Trabalhei lá em cima como uma danada, a limpar.
- Papel higiênico?
- Há bastante. Estarei de volta daqui a duas horas.
- Até logo.
- As flores são espetaculares - repete Sally. - Porque será que me sinto tão nervosa?
- Por ires almoçar com uma estrela de cinema, suponho.
- É apenas o Oliver. Tenho a sensação de que te estou a abandonar.
- Não estás. Está tudo bem.
- Tens a certeza?
- Vai. Diverte-te.
- Até logo.
Beijam-se de novo. Clarissa aconselhará Sally, quando a ocasião parecer certa, a não usar o casaco cor de mostarda.
Enquanto continua a atravessar o átrio pensa, admirada, no prazer que sentiu - quando tinha sido? - há pouco mais de uma hora. Neste momento, às 11.30 de um quente dia de junho, o átrio de entrada do prédio onde mora lembra uma entrada para o reino dos mortos. A floreira está no seu nicho e os mosaicos castanhos vidrados do chão devolvem silenciosamente, de modo turvo, a cansada luz ocre dos candeeiros. Não, não é exatamente o reino dos mortos; há algo pior do que a morte com a sua promessa de alívio e sono. Há poeira a subir, dias intermináveis e um átrio mudo e quedo, sempre cheio da mesma luz castanha e do cheiro úmido e levemente químico que vai passando, até aparecer alguma coisa mais exata, pelo odor real da idade e da perda, o fim da esperança. Richard, o seu amante perdido, o seu amigo mais sincero, está a desaparecer na sua doença, na sua insanidade. Richard não a acompanhará, como estava planeado, na velhice.
Clarissa entra no apartamento e sente-se imediata e curiosamente melhor. Um pouco melhor. Tem de pensar na festa. Pelo menos há isso. Este é o seu lar, dela e de Sally, e, apesar de já ali viverem juntas há quase quinze anos, ainda a

surpreende a sua beleza e a incrível sorte de ambas. Duas assoalhadas e um jardim em West Village! São ricas, claro, obscenamente ricas pelos padrões mundanos, mas não ricas ricas, não ricas estilo cidade de Nova Iorque. Dispunham de uma certa quantia para gastar e tiveram a sorte de encontrar estas divisões com soalho de tábuas de pinho, esta enfiada de janelas de batente que abrem para um pátio de tijolo onde cresce musgo esmeralda em tinas de pedra pouco fundas e uma pequena fonte circular, uma bandeja de água clara, borbulha em obediência ao toque de um interruptor. Clarissa leva as flores para a cozinha, onde Sally deixou um bilhete ("Almoço com Oliver - esqueci-me de te dizer? -, volto às 3, o mais tardar."). Clarissa sente-se, de súbito, deslocada. Esta não é de modo algum a sua cozinha. Esta é a cozinha de uma pessoa conhecida; sem dúvida bonita, mas não para o seu gosto, cheia de odores estranhos. Ela vive noutro lugar. Ela vive numa sala onde uma árvore bate de leve na vidraça ao mesmo tempo que alguém apóia uma agulha num disco. Aqui, nesta cozinha, estão pristinamente empilhados pratos brancos, quais utensílios sagrados, atrás de portas de armários envidraçadas. Diversos vasos antigos de terracota, vidrados em várias tonalidades de amarelo estalado, enfileiram-se no tampo de granito do balcão. Clarissa reconhece estas coisas, mas mantém-se à distância delas. Sente a presença do seu próprio fantasma, a parte dela ao mesmo tempo mais indestrutivelmente viva e menos distinta, a parte que não possui nada, que observa com admiração e distanciamento, como um turista num museu, uma série de vasos amarelos vidrados e o tampo de um balcão com uma única migalha em cima, uma torneira cromada da qual uma única gota pende, treme, adquire peso e cai. Ela e Sally compraram todas estas coisas, lembra-se de cada transação que fizeram, mas agora sente que esses objetos são arbitrários: a torneira, o balcão e os vasos, os pratos brancos. São apenas escolhas, uma coisa e depois outra, sim ou não, e vê com que facilidade podia sair desta vida, deixar estes confortos vazios e arbitrários. Podia simplesmente deixá-los e regressar à sua outra casa, onde nem Sally nem Richard existem, onde há apenas a essência de Clarissa, uma rapariga que se transformou numa mulher, ainda cheia de esperança, ainda capaz de tudo. É-lhe revelado que toda a sua mágoa e solidão, toda essa estrutura frágil, deriva simplesmente de fingir viver neste apartamento entre estes objetos, com a boa e nervosa Sally, e que, se partir, será feliz, ou melhor ainda do que feliz: será ela mesma. Sente-se fugaz e maravilhosamente só, com tudo pela frente.

Depois essa sensação passa. Não se desmorona, não é afugentada. Passa simplesmente, como um comboio que pára numa pequena estação no campo, demora-se uns momentos e depois continua o seu caminho até desaparecer da vista. Clarissa tira as flores do papel que lhes envolve os pés e coloca-as no lava-louça. Sente-se decepcionada e bastante aliviada. Isto é de fato o seu apartamento, a sua coleção de vasos de barro, a sua companheira, a sua vida. Não quer outra. Sentindo-se normal, nem eufórica nem deprimida, simplesmente presente como Clarissa Vaughan, uma mulher afortunada, profissionalmente respeitada e a preparar uma festa para um artista célebre e mortalmente doente, volta à sala para ouvir os recados deixados no gravador de chamadas. A festa pode correr bem ou mal. Em qualquer dos casos, ela e Sally jantarão juntas.

Depois irão para a cama.
Um dos recados é do novo fornecedor de comida pronta (tem um sotaque inidentificável; e se for incompetente?) a confirmar a entrega às 3 horas. Há uma convidada a pedir autorização para trazer outra convidada sua, e outro a informar que tem de sair da cidade naquela manhã para visitar um amigo de infância cuja SIDA evoluiu, inesperadamente, para uma leucemia.
A máquina dá um estalido e pára. Clarissa carrega no botão de rebobinar. Se Sally se esqueceu de mencionar o seu almoço com Oliver St. Ives, deve ter sido provavelmente porque o convite lhe foi feito só a ela. Oliver St. Ives, o escândalo, o herói, não convidou Clarissa para almoçar. Oliver St. Ives, que saiu espetacularmente do armário na Vanity Faír e foi posteriormente afastado do seu papel principal num thriller dispendioso, adquiriu mais notoriedade como ativista gay do que jamais poderia ter sonhado alcançar se continuasse a fazer-se passar por heterossexual e a fazer filmes caros de série B. Sally conheceu Oliver St. Ives quando ele apareceu muito sério e muito intelectual no programa de entrevistas de que é co-produtora (e que, evidentemente, nunca teria pensado entrevistá-lo quando ele era apenas um herói de filmes de ação e de mais a mais nem sequer de primeira categoria). Sally tornou-se alguém que ele convida para almoçar, embora Oliver e Clarissa já se tenham encontrado várias vezes e tenham tido o que ela recorda como uma longa e surpreendentemente íntima conversa numa campanha de angariação de fundos. Não terá importância que ela seja a mulher do livro? (Embora o livro, claro, tenha sido um fracasso, e embora também, claro, Oliver provavelmente leia muito pouco.) Oliver não disse a Sally: "Não se esqueça de trazer aquela mulher interessante com quem vive". É provável que tenha pensado que ela era uma dona de casa; apenas uma dona de casa. Volta para a cozinha. Não tem inveja de Sally, não se trata de nada tão mesquinho, mas, ao ser ignorada por Oliver Sr. Ives, não pode deixar de sentir o declínio do interesse do mundo por ela e, mais intensamente ainda, o fato embaraçoso de que isso tem importância para ela, mesmo agora, enquanto prepara uma festa para um homem que pode ser um grande artista e talvez não sobreviva ao ano que corre. Sou insignificante, pensa, infinitamente insignificante. E no entanto... Não ser convidada parece de algum modo uma pequena demonstração da capacidade do mundo de passar bem sem ela. Ser ignorada por Oliver St. Ives (que se calhar não a excluiu conscientemente, não pensou apenas nela) assemelha-se à morte, do mesmo modo que um improvisado diorama infantil de um acontecimento histórico se assemelha ao próprio acontecimento. É uma coisa pequena, brilhante, sem valor, feita de feltro e cola. Mas mesmo assim. Não é fracasso, diz a si mesma. Não é fracasso estares nesta casa, na tua pele, a cortar as hastes de flores. Não é fracasso, mas exige mais de ti, todo o esforço exige; estar simplesmente presente e grata, ser feliz (terrível palavra). As pessoas já não te olham na rua, ou, se olham, não é com idéias sexuais de natureza nenhuma. Não és convidada para almoçar por Oliver Sr. Ives. Do lado de fora da estreita janela da cozinha a cidade voga e estrondeia. Amantes discutem, caixas registradoras tilintam, jovens de ambos os sexos compram roupas novas enquanto a mulher parada debaixo do Arco de Washington Square canta iíiii e tu aparas o pé de uma rosa e o metes numa jarra

cheia de água quente. Tentas agarrar o momento, aqui, na cozinha com as flores. Tentas habitá-lo, amá-lo, porque é teu e porque o que espera no exterior imediato destas salas é o átrio de entrada com os seus mosaicos castanhos e os seus foscos candeeiros castanhos que estão sempre acesos. Porque, mesmo que a porta da caravana
se tivesse aberto, a mulher que a ocupa, fosse ela a Meryl Streep ou a Vanessa Redgrave, ou mesmo a Susan Sarandon, teria sido simplesmente isso, uma mulher numa caravana e tu decerto não podias ter feito o que querias fazer. Não a podias ter recebido, ali na rua, não podias tê-la abraçado e chorado com ela. Seria tão maravilhoso chorar assim, nos braços de uma mulher que era simultaneamente imortal e uma pessoa cansada e assustada que tinha acabado de sair de uma caravana. O que tu estás, mais do que tudo, é viva, aqui mesmo na tua cozinha, da mesma maneira que a Meryl Streep e a Vanessa Redgrave estão vivas algures, enquanto o trânsito estrondeia, vindo da Sixth Avenue, e as lâminas prateadas da tesoura cortam suculentamente uma haste verde-escura.
Naquele Verão em que tinha 18 anos parecera que tudo podia acontecer, absolutamente tudo. Parecera que podia beijar o seu grave e temível melhor amigo junto à lagoa, parecera que podiam dormir juntos numa estranha combinação de luxúria e inocência sem se preocuparem com o que isso significava, se porventura significava alguma coisa. Foi a casa realmente, pensa. Sem a casa teriam continuado a ser simplesmente três estudantes universitários que fumavam charros e discutiam nos dormitórios da Universidade de Colúmbia. Foi a casa. Foi a cadeia de acontecimentos desencadeada pelo encontro fatal da velha tia e do velho tio com uma camioneta de produtos hortícolas nos arredores de Plymouth e com o fato de os pais de Louis lhe terem oferecido, e aos seus amigos, o uso, durante todo o Verão, da casa subitamente desabitada, onde ainda havia alfaces frescas no frigorífico e um gato ferino continuava a vir procurar, com impaciência crescente, os restos de comida que sempre encontrara do lado de fora da porta da cozinha. Foi a casa e o tempo - a irrealidade arrebatadora de tudo aquilo - que ajudaram a transformar a amizade de Richard num tipo de amor mais voraz, e foram, na realidade, esses mesmos elementos que trouxeram Clarissa para aqui, para esta cozinha na cidade de Nova Iorque, onde, de pé sobre ardósia italiana (um erro, é fria e atreita a manchas), corta flores e se esforça, com um êxito que não ultrapassa a mediania, por deixar de se importar com o fato de Oliver Sr. Ives, o ativista e astro de cinema arruinado, não a ter convidado para almoçar.
Não era traição, tinha insistido; era simplesmente uma ampliação do possível. Não exigia fidelidade a Richard. Deus a livrasse! - e não estava em sentindo algum a querer extorquir alguma coisa que pertencesse a Louis. Este também não pensava que fosse isso (ou pelo menos não admitia que pensava, mas teria realmente sido por mero acaso que se cortara com tanta freqüência naquele Verão, com várias ferramentas e facas de cozinha, a ponto de ter precisado de ir duas vezes ao médico local para ser suturado?). Estavam em 1965. O amor esgotado podia simplesmente engendrar mais do mesmo. Parecia possível, pelo menos. Porque não fazer sexo com toda a gente, desde que nós os quiséssemos e eles nos quisessem? Por isso Richard continuou com Louis e começou com ela, e

pareceu certo, simplesmente certo. Não que sexo e amor não fossem complicados. As tentativas de Clarissa com Louis, por exemplo, falharam redondamente. Ele não estava interessado nela nem ela nele, apesar da tão exaltada beleza do rapaz. Ambos amavam Richard, ambos queriam Richard, e isso teria de servir como laço entre eles. Nem todas as pessoas estavam destinadas a ser amantes, e eles não eram suficientemente ingênuos para tentar forçar as coisas para além de um atordoado fracasso na cama que Louis partilharia, durante o resto do Verão, apenas com Richard, nas noites em que este não estava com Clarissa.

Quantas vezes, depois disso, ela se perguntara o que poderia ter acontecido se tivesse tentado continuar com ele, se tivesse retribuído o beijo de Richard na esquina da Bleecker com a MacDougal, partido com ele para qualquer lado (para onde?), se nunca tivesse comprado o pacote de incenso ou o casaco de alpaca com os botões de feitio de rosas. Não poderiam ter descoberto alguma coisa... maior e mais estranha do que aquilo que tinham? É impossível não imaginar esse outro futuro, esse futuro recusado, como tendo sido vivido em Itália ou França, entre grandes salas cheias de sol e jardins; como tendo sido cheio de infidelidades e grandes batalhas; como um imenso e duradouro romance assente numa amizade tão abrasadora e profunda que os acompanharia até à sepultura e, quem sabe, talvez mesmo para lá dela. Ela podia, pensa, ter entrado noutro mundo. Podia ter tido uma vida tão intensa e perigosa como a própria literatura.

Ou, por outro lado, talvez não, pensa. Aquilo é quem eu era. Isto é quem eu sou: uma mulher decente com um bom apartamento, com um casamento estável e afetuoso, que vai dar uma festa. Aventura-te longe de mais no amor, lembra a si mesma, e renuncias à cidadania no país que fizeste para ti. Acabas simplesmente a navegar de porto em porto.

Mesmo assim, há o sentimento de oportunidade perdida. Talvez nunca haja nada que possa igualar a recordação de terem sido jovens juntos. Talvez seja tão simples como isso. Richard foi a pessoa que Clarissa amou no seu momento mais otimista. Richard tinha estado a seu lado na beira de uma lagoa, no crepúsculo, usando jeans cortados e sandálias de borracha. Richard chamara-lhe Mrs. Dalloway e tinham-se beijado. A boca dele abrira-se na dela; a sua língua (excitante e absolutamente familiar, ela nunca a esquecera) avançara cautelosamente até a dela ir ao seu encontro. Tinham-se beijado e caminhado juntos à volta da lagoa. Uma hora depois jantaram e beberam uma quantidade considerável de vinho.

O exemplar de Clarissa de The Golden Notebook estava em cima da estalada mesa-de-cabeceira branca onde ela ainda dormia sozinha - onde Richard ainda não começara a passar noites alternadas.

Parecera o começo da felicidade, e às vezes, passados mais de trinta anos, ela ainda se sente chocada ao dar-se conta de que foi felicidade, de que toda a experiência se encontra num beijo e num passeio, na previsão de um jantar e de um livro.

O jantar foi, entretanto, esquecido; a Lessing foi há muito ofuscada por outros escritores, e até o sexo, depois de ela e Richard terem chegado a esse ponto, foi ardente, mas embaraçoso, insatisfatório, mais aprazível do que apaixonado. O

que continua a viver, intacto, na memória de Clarissa, decorridas mais de três décadas, é um beijo no crepúsculo, num retalho de erva seca, e um passeio à volta de uma lagoa, enquanto zumbiam mosquitos no ar que escurecia. Ainda permanece essa perfeição singular, e é perfeição, em parte, porque pareceu, na altura, prometer tão claramente mais. Ela agora sabe: esse foi o momento, exatamente esse. Não houve nenhum outro.

O bolo saiu menos bem do que ela esperara. Tenta não se importar com isso. É apenas um bolo, diz a si mesma. É apenas um bolo. Ela e Richie espalharam a cobertura e depois, com um sentimento de culpa, Laura inventou qualquer coisa para ele fazer, enquanto ela usa um saco de pasteleiro para revestir a orla com rosetas amarelas e escrever "Feliz Aniversário, Dan" com glacê branco. Quer evitar o desastre que o filho faria se a ajudasse nesses pormenores. Apesar dessas cautelas, o resultado não corresponde ao que imaginara; não, de modo algum. Não que haja alguma coisa que esteja realmente mal, mas ela imaginara algo mais. Imaginara um bolo maior, mais excepcional. Esperara (admite-o para consigo) que parecesse mais opulento e bonito, mais maravilhoso. Este bolo que acabou de fazer dá uma sensação de pequenez, não apenas no sentido físico, mas também como entidade. Parece coisa de amador, artesanal. Está bom, diz a si mesma. É um bom bolo, toda a gente vai gostar. Os seus aspectos mais toscos (as várias migalhas que ficaram presas na cobertura, o aspecto espremido do nome de Dan, que ficou perto de mais de uma das rosetas) fazem parte do seu encanto. Lava a louça. Pensa no resto do dia.

Fará as camas e passará o aspirador pelos tapetes. Embrulhará as prendas que comprou para o marido: uma gravata e uma camisa, ambas mais caras e elegantes do que as que ele próprio costuma comprar; uma escova de cerdas de javali; um pequeno estojo, com forte cheiro a cabedal, com um corta-unhas, uma lima de unhas e uma pinça, para levar quando viaja, como acontece de vez em quando, ao serviço da agência. Ele vai ficar feliz com todas aquelas prendas, ou fingir que fica. Assobiará e dirá "Já tenho montes disto" quando vir as dispendiosas camisa e gravata. Vai beijá-la efusivamente a cada prenda e dizer-lhe que exagerou, que não devia tê-lo feito, que ele não merece coisas tão bonitas. Porque será, interroga-se, admirada, que lhe parece que provocaria essencialmente a mesma reação fosse o que fosse que lhe oferecesse? Porque não desejará ele nada, realmente, além do que já tem? É impenetrável quando se trata das suas ambições e satisfações, do seu amor ao trabalho e ao lar. Isso, recorda a si mesma, é uma virtude. Faz parte do seu encanto (nunca usaria esta palavra na presença dele, mas intimamente considera-o encantador, um homem encantador, pois viu-o nos seus momentos mais íntimos, a choramingar num sonho, sentado na banheira com o sexo mirrado, reduzido a um cotozinho a flutuar na água, confrangedoramente inocente). É bom, lembra a si mesma - é encantador -, que o seu marido não se impressione com coisas efêmeras, que a sua felicidade dependa apenas do fato de ela estar ali em casa, a viver a sua vida, a pensar nele.

O seu bolo pode não ter saído bem, mas ela é amada, de qualquer modo. É amada, pensa, mais ou menos da mesma maneira que as suas prendas serão apreciadas: porque foram dadas com boa intenção, porque existem, porque fazem parte de um mundo em que uma pessoa quer o que recebe.

O que preferiria ela então? Que os seus presentes fossem desdenhados, o seu bolo motivo de troça? Claro que não. Ela quer ser amada. Quer ser uma mãe capaz,

que lê calmamente para o filho; quer ser uma esposa que sabe pôr uma mesa com perfeição. Não quer de modo algum ser a mulher estranha, a criatura patética, cheia de evasivas e fúrias, solitária, amuada, tolerada, mas não amada. Virgínia Woolf meteu uma pedra na algibeira do casaco, entrou num rio e afogou-se.
Laura não se permitirá ser mórbida. Vai fazer as camas, passar o aspirador pela casa, fazer o jantar de aniversário. Não se importará com mais coisa nenhuma.
Alguém bate à porta de serviço. Laura, que está a lavar o último prato, distingue os contornos de Kitty através da fina cortina branca. O halo impreciso do cabelo louro-acastanhado, a mancha rosada do seu rosto sem pintura. Contém um espasmo doloroso de excitação e alguma coisa mais forte ainda do que a excitação, uma coisa parecida com pânico. Vai receber uma visita de Kitty. Deu apenas uma escovadela rápida ao cabelo e ainda está com o roupão de banho. Parece-se demasiado com a mulher das mágoas. Quer correr para a porta, mas também quer ficar onde está, imóvel junto do lava-louça, até Kitty desistir e se ir embora. Poderia ter feito, realmente, isso, ficar imóvel, conter a respiração (conseguirá Kitty ver o interior da casa, poderia perceber?), mas há o problema de Richie, testemunha de tudo, correndo agora para a cozinha com uma camioneta de plástico vermelha na mão, gritando com um misto de contentamento e pânico que está alguém à porta.
Laura enxuga as mãos a um pano da louça com galos vermelhos estampados e abre a porta. É apenas a Kitty, diz a si mesma. É apenas a sua amiga de duas portas abaixo, e isto, claro, é uma coisa que as pessoas fazem. Aparecem e são recebidas; não importa o estado do nosso cabelo ou que estejamos de roupão. Não importa o bolo.
- Olá, Kitty.
- Venho interromper alguma coisa?
- Claro que não. Entra.
Kitty entra e, com ela, uma aura de asseio e uma filosofia doméstica, todo um vocabulário de ávidos movimentos vigorosos. É uma mulher atraente, robusta, bem revestida de carne e com uma cabeça grande, vários anos mais nova do que Laura (de repente, parece que toda a gente é pelo menos um pouco mais nova do que ela). As feições de Kitty, os olhos pequenos e o nariz delicado, muito juntos no centro da sua cara redonda. Na escola era uma das várias raparigas autoritárias, agressivas, não inteiramente bonitas, mas tão poderosas graças ao seu dinheiro e à sua confiança atlética que se limitavam a ocupar o seu território e a impor que o conceito local de atração fosse reconfigurado para as incluir. Kitty e as suas amigas - raparigas seguras, impassíveis, de feições firmes, fortes de espírito, capazes de lealdades profundas e crueldades terríveis - eram as rainhas dos vários festivais, as chefes de claque, as estrelas das peças de teatro.
- Preciso de um favor - diz Kitty.
- Com certeza. Podes sentar-te um momento?
Kitty senta-se à mesa da cozinha. Diz um olá amigável e um pouco a despachar ao rapazinho que a observa desconfiadamente, até mesmo com certa irritação (que veio ela ali fazer?), de um lugar de relativa segurança, perto do fogão. Kitty, que ainda não tem filhos (as pessoas começam a estranhar), não tenta atrair os

filhos das outras. Eles podem ir ter com ela, se quiserem; ela não vai ter com eles.
- Estou a fazer café. Queres uma chávena?
- Com certeza.
Laura deita uma chávena de café para ela e outra para Kitty. Olha nervosamente para o bolo, com pena de não poder escondê-lo. Há migalhas presas na cobertura. O nome de "Dan" está apertado contra uma roseta.
Seguindo o olhar de Laura, Kitty diz: - Ah, fizeste um bolo.
- O Dan faz anos.
Kitty levanta-se e vai colocar-se ao lado de Laura. Traz uma blusa branca de manga curta, calções de xadrez verdes e sandálias de fibra. que produzem um leve ruído seco quando anda.
- Sim, senhora - diz.
- É uma das minhas novas tentativas - responde Laura. - Escrever com glacê é mais difícil do que podes imaginar.
Espera estar a mostrar-se indiferente, jovial, cativantemente despreocupada. Porque terá feito as rosetas primeiro, se qualquer idiota teria sabido que era melhor começar pela mensagem? Tira um cigarro. É uma pessoa que fuma e bebe café de manhã, está a criar uma família, tem Kitty como amiga e não se importa se os seus bolos ficam aquém da perfeição. Acende um cigarro.
- Está engraçado - diz Kitty, e mata à nascença a personagem insolente de cigarro na boca de Laura. - O bolo está engraçado - diz-lhe Kitty, como quem diz a uma criança que o seu desenho a lápis de cor está engraçado. É carinhoso e comovente na sua sentida e angustiantemente sincera discrepância entre ambição e facilidade.
Laura compreende: só há duas opções. Uma pessoa pode ser competente ou indiferente. Pode fazer uma obra-prima de um bolo com as próprias mãos ou, se isso é impossível, acender um cigarro, declarar-se um caso perdido para tais projetos, deitar outra chávena de café e encomendar um bolo na pastelaria. Laura é uma artesã que tentou e falhou publicamente. Produziu uma coisa engraçada, quando esperara (é embaraçoso, mas verdadeiro) produzir um objeto dotado de beleza.
- Quando é o aniversário do Ray? - pergunta, porque tem de dizer alguma coisa.
- Em Setembro - responde Kitty, que volta para a mesa da cozinha.
Que mais se pode dizer a respeito do bolo?
Laura segue-a com as chávenas de café. Kitty precisa de amigas (o encanto zeloso e um pouco atordoado do seu próprio marido não está a pegar muito bem no mundo exterior, além de haver a questão de continuarem sem filhos), e por isso Laura é uma pessoa que ela visita, uma pessoa a quem pede favores. No entanto, ambas sabem com que implacabilidade Kitty a teria desdenhado na escola secundária se tivessem sido da mesma idade. Noutra vida, não muito diferente desta, teriam sido inimigas, mas nesta, com as suas surpresas e perversidades de escolha do momento adequado, Laura está casada com um rapaz famoso, um herói da guerra, finalista no mesmo ano que Kitty, e entrou para a aristocracia de modo muito semelhante ao de uma pouco graciosa princesa alemã que, ultrapassada já a juventude, poderia dar consigo sentada

num trono ao lado de um rei inglês.
O que a surpreende - o que de vez em quando a horroriza - é o muito que a delicia a amizade de Kitty. Kitty é especial, exatamente como o marido de Laura é encantador. A qualidade especial de Kitty, o seu silêncio de ouro, a sensação de momento mais longo que ela traz a uma sala, equivalem aos de uma estrela de cinema. Ela possui a singularidade de uma estrela de cinema, a beleza imperfeita e idiossincrática de uma estrela de cinema; como uma estrela de cinema, parece, ao mesmo tempo, comum e idealizada, como acontece com Olivia de Havilland ou Barbara Stanwyck. É intensamente, quase profundamente, popular.
- Como está o Ray? - pergunta Laura, pondo-lhe uma chávena à frente. - Há algum tempo que não o vejo.
O marido de Kitty é a oportunidade que Laura tem para estabelecer o equilíbrio entre elas, para exprimir a Kitty a sua compreensão. Ray não é exatamente um embaraço - não é um completo falhanço -, mas é de certo modo, em ponto grande, a versão de Kitty do bolo de Laura. Foi o seu namorado da escola secundária. jogou como central na equipa de basquetebol e depois saiu-se bem, embora não espetacularmente, na USC. Esteve sete meses prisioneiro de guerra nas Filipinas. Agora é uma espécie qualquer de funcionário misterioso do Departamento de Água e Energia e, apesar de ter apenas 30 anos, começa já a ser um exemplo de como rapazes heróicos podem, por passos infinitesimais, metamorfosear-se em jarretas de meia-idade. Ray usa o cabelo à escovinha, tem ar de pessoa de confiança, é míope e cheio de líquidos. Transpira copiosamente. Quando fala durante algum tempo, formam-se-lhe pequenas bolhas de saliva branca nos cantos da boca. Laura imagina (é impossível não pensar nisso) que, quando fazem amor, ele deve esguichar rios, em contraste com as modestas gotas do seu próprio marido. Porque será, então, que continuam sem filhos?
- Está ótimo - responde Kitty - O mesmo Ray de sempre.
- O Dan também continua o mesmo - diz Laura, amável e enfaticamente. - Estes rapazes são o máximo, não achas?
Pensa nas prendas que comprou para o marido; as prendas que ele apreciará, estimará até, mas que não quer de modo nenhum. Porque casou com ele? Casou com ele por amor. Casou com ele por culpa, por medo de ficar sozinha, por patriotismo. Ele era pura e simplesmente bom de mais, amável de mais, sincero de mais, bem-cheiroso de mais para não casar com ele. Sofrera muito. Queria-a.
Toca na barriga.
- Podes repeti-lo - diz Kitty.
- Nunca te perguntas o que os faz correr? Quero dizer, o Dan é um bulldozer. Nada parece incomodá-lo.
Kitty encolhe os ombros num gesto teatral, revira os olhos. Neste momento ela e Laura podiam ser raparigas da escola secundária, as melhores amigas, queixando-se de rapazes que serão em breve substituídos por outros rapazes.
Laura gostaria de fazer uma pergunta a Kitty, uma pergunta que não sabe bem exprimir e que tem que ver com subterfúgio e, mais obscuramente, com inteligência. Gostaria de saber se Kitty se sente uma mulher estranha, forte e desequilibrada como é costume dizer que os artistas são, cheia de visão, cheia de

raiva, empenhada acima de tudo em criar.. o quê? Isto. Esta cozinha, este bolo de aniversário, esta conversa. Este mundo renascido.
- Temos realmente de nos juntar um dia destes, em breve - sugere. - Há séculos que não o fazemos.
- Este café é muito bom - observa Kitty, bebendo aos golinhos. - Que marca usas?
- Não sei. Não, claro que sei. Folgers. E tu?
- Maxwell House. Também é bom. - Mmm... - Mesmo assim, estou a pensar em mudar. Mas, para ser franca, não sei porquê.
- Bem, este é Folgers. É bom.
Kitty olha para a sua chávena de café com um interesse estudadamente falso e ridículo. Parece, por breves instantes, uma simples mulher comum sentada à mesa de uma cozinha. A sua magia evapora-se, é possível ver o aspecto que terá aos 50 anos - será gorda, máscula, coriácea, cínica e irônica a respeito do seu casamento, uma daquelas mulheres de quem as pessoas dizem: "Ela era muito bonita, sabes". O mundo já está, sutilmente, a começar a deixá-la para trás.
Laura apaga o cigarro, pensa acender outro, decide não acender. Faz bom café descuidadamente, cuida bem do marido e do filho, vive nesta casa onde ninguém necessita, ninguém possui, ninguém sofre. Está grávida de outro filho. Que importância tem que não seja nem deslumbrante nem um modelo de competência doméstica?
- Então... - diz a Kitty. Surpreende-a a força da própria voz, a sugestão de aço. - Bem... - responde Kitty.
- O que se passa? Está tudo bem?
Kitty fica um momento imóvel, sem olhar para Laura nem para nada. Concentra-se em si mesma. Está sentada como entre estranhos num comboio.
- Tenho de ir passar dois dias no hospital.
- Mas porquê?
- Eles não sabem ao certo. Parece que tenho um tumor qualquer.
- Meu Deus.
- Cá dentro, sabes. Nas minhas entranhas.
- Como?
- No meu útero. Vão examinar e ver do que se trata.
- Quando?
- Esta tarde. O doutor Rich disse que quanto mais cedo melhor. Preciso de ti para dares de comer ao cão.
- Claro. Que disse o médico exatamente?
- Apenas que há lá qualquer coisa e precisam de descobrir o que é.
Provavelmente é aí que reside o problema. De não engravidar.
- Depois podem retirá-lo.
- Ele disse que têm de ver. Que não há motivo nenhum para preocupação, mas têm de ver.
Laura observa Kitty, que não se mexe nem fala, que não chora.
- Vai correr tudo bem - diz.
- Sim, provavelmente. Não estou preocupada. Que ganharia em me preocupar?
Laura está cheia de pena e ternura. Ali está Kitty, a forte, Kitty, a Rainha de

Maio, doente e assustada. Ali está o bonito relógio de pulso de ouro de Kitty, ali está o rápido deslindar da sua vida. Laura sempre imaginou, como muitas outras pessoas, que o problema era Ray - Ray com o seu obscuro emprego num organismo municipal, as suas bolhas de saliva aos cantos da boca, os seus laços de pescoço, o seu bourbon. Kitty parecia, até este momento, uma figura de luminosa e trágica dignidade, uma mulher apoiando o seu homem. Tantos destes homens deixaram de ser inteiramente o que eram (ninguém gosta de falar nisso); tantas mulheres vivem sem uma queixa com as excentricidades e os silêncios deles, os seus períodos de depressão, os seus hábitos de bebida. Kitty pareceu-lhe simplesmente heróica.
Mas, afinal, é nela que reside o problema. Laura sabe, ou julga saber, que há de fato algum motivo de preocupação. Vê que Kitty e Ray, a sua bem arranjada pequena casa, foram invadidos pelo infortúnio, meio devorados por ele. Afinal, Kitty talvez não venha a tornar-se aquela cinqüentenária robusta e coriácea.
- Vem cá - diz Laura, como diria ao seu filho, e, como se Kitty fosse o seu filho, não espera que lhe obedeça e vai ela ao seu encontro.
Agarra-a pelos ombros e, após um certo constrangimento, inclina-se até ficar praticamente de joelhos. Tem consciência da sua estatura, de quanto é alta ao lado de Kitty. Abraça-a.
Kitty hesita e depois deixa-se abraçar. Rende-se. Não chora. Laura sente o abandono, sente-a entregar-se. E pensa: é isto que um homem sente quando abraça uma mulher.
Kitty passa os braços à roda da cintura de Laura, que está inundada de sentimento, de comoção. Aqui, aqui nos seus braços, estão o medo e a coragem de Kitty, a sua doença. Aqui estão os seus seios. Aqui está o coração resoluto e prático que bate por baixo deles; aqui estão as luzes líquidas do seu ser: luzes rosa-carregado, luzes vermelho-ouro, cintilando, vacilantes, luzes que se congregam e dispersam; aqui está o mais íntimo, o mais profundo de Kitty, o coração debaixo do coração, a essência intangível com que um homem (e logo o Ray!) sonha, pela qual se sente atraído, que procura à noite tão desesperadamente. Aqui está, à luz do dia, nos braços de Laura. Sem ter bem consciência disso, sem decidir fazê-lo, beija Kitty demoradamente no alto da testa. Sente-se inundada pelo perfume dela, pela essência fresca e pura do seu cabelo louro-acastanhado.
- Eu estou bem - murmura ela. - De verdade.
- Eu sei que estás.
- Se alguma coisa me preocupa, é o Ray. Ele realmente não sabe o que fazer tão bem como parece, sobretudo com uma coisa como esta.
- Esquece o Ray por um momento. Esquece-o.
Kitty acena com a cabeça contra os seios de Laura. Ao que parece, a pergunta foi silenciosamente feita e silenciosamente respondida. Estão ambas angustiadas e abençoadas, cheias de segredos partilhados, batalhando a cada momento. Cada uma delas está a personificar alguém. Estão exaustas e sitiadas, carregam nos ombros um trabalho tão ingente.
Kitty levanta o rosto e os lábios de ambas tocam-se. Sabem ambas o que estão a fazer. Encostam as bocas uma à outra. Os seus lábios tocam-se, mas não se beijam inteiramente.

É Kitty que se afasta.
- És uma querida - diz.
Laura solta-a. Recua. Foi longe de mais, foram ambas longe de mais, mas foi Kitty quem se afastou primeiro. Foram os terrores de Kitty que por breves momentos a impeliram, a levaram a agir estranha e desesperadamente. Laura é a predadora de olhos escuros. Laura é a peculiar, a estrangeira, aquela em quem não se pode confiar. Laura e Kitty concordam, silenciosamente, que isto é verdade.
Laura olha para Richie. O filho continua a segurar a camioneta de plástico vermelha. Continua a observar.
- Não te preocupes, por favor - diz Laura a Kitty. - Ficarás boa.
Kitty está de pé, graciosamente, sem pressa.
- Sabes qual é a rotina, não sabes? Basta dares-lhe meia lata à noite e verificar a água de vez em quando. O Ray pode dar-lhe a comida de manhã.
- Ele vai levar-te ao hospital?
- Vai.
- Não te preocupes. Eu encarrego-me das coisas por aqui.
- Obrigada.
Kitty olha rapidamente em redor, com um ar de aprovação enfadada, como se afinal tivesse resolvido, um tanto ao arrepio do que lhe dita a razão, comprar esta casa e ver o que pode fazer para a pôr a seu gosto.
- Adeus - despede-se.
- Amanhã telefono-te para o hospital.
- Está bem.
Com um sorriso relutante e uma pequena compressão dos lábios, Kitty volta-se e sai.
Laura olha para o seu rapazinho, que a fita nervosamente, desconfiadamente, adoradoramente. Sente-se, acima de tudo o mais, cansada; quer mais do que tudo voltar para a sua cama e o seu livro. O mundo, este mundo, parece-lhe de súbito atordoado e atrofiado, distante de tudo. Há o sol a bater uniformemente nas ruas e nas casas; há a enfiada única de lojas localmente referida como "a baixa". Há o supermercado e o drugstore e a casa de limpeza a seco; há o salão de beleza, a papelaria e a loja dos trezentos, há a biblioteca de estuque de um andar, com os seus jornais em estacas de madeira e as suas prateleiras de livros amodorrados.
... vida, Londres, este momento de junho.
Leva de novo o filho para a sala, para que continue a brincar com a sua torre de blocos de madeira coloridos. Depois regressa à cozinha e, sem hesitar, pega no bolo e despeja-o do prato de vidro branco opaco para o latão do lixo, onde aterra com um baque surpreendentemente sólido. Uma roseta amarela deixa um rasto ao longo da parede curva do latão. Sente-se, ato contínuo, aliviada, com se cordas de aço apertadas à volta do seu peito tivessem sido desatadas. Agora pode recomeçar. O relógio da parede marca apenas 10.30. Tem muito tempo para fazer outro bolo. Desta vez evitará que fiquem migalhas aprisionadas na cobertura. Desta vez traçará as letras com um palito, para ficarem centradas, e deixará as rosetas para o fim.

Virginia a rever provas com Leonard e Ralph quando Lottie anuncia que sra. Bell e as crianças chegaram.
- Não pode ser - protesta. - Ainda não são 2.30. Eles vêm às 4 horas.
- já chegaram, minha senhora - insiste Lottie, no seu tom de voz um pouco entorpecido. - sra. Bell foi direita para a sala.
Marjorie levanta os olhos do pacote de livros embrulhados que está a atar com um cordel (ao contrário de Ralph, não se importa de fazer embrulhos e escolher tipo, o que é uma bênção e uma decepção).
- já são duas e meia? - pergunta. - Esperava ter isto despachado a esta hora. - O som da voz de Marjorie não faz Virginia estremecer, pelo menos visivelmente.
- Não posso parar de trabalhar - diz Leonard severamente a Virginia. - Aparecerei às 4 horas, de acordo com o
que estava estipulado, e, se a Vanessa resolver esperar até lá, vê-la-ei então.
- Não te preocupes, eu encarrego-me da Vanessa responde Virginia, que, quando se levanta, tem consciência do seu roupão mal arranjado e do desalinho escorrido do seu cabelo. É apenas a minha irmã, pensa, mas, mesmo assim, depois de todo este tempo, depois de tudo o que aconteceu, quer causar em Vanessa uma certa admiração surpreendida. Mesmo assim, quer que a irmã pense: "A transa está realmente com bom aspecto, não está?". Virginia não está com muito bom aspecto e pouco pode fazer para remediar isso, mas às 4 horas teria pelo menos arranjado o cabelo e mudado de roupa. Segue Lottie para o andar de cima e, quando passa pelo espelho oval pendurado no vestíbulo, sente-se momentaneamente tentada a olhar para ver a sua imagem. Mas não é capaz. Endireita os ombros e entra na sala. Vanessa será o seu espelho, como aliás sempre foi. Vanessa é o seu navio, a sua faixa de litoral verde onde zumbem abelhas entre videiras.
Beija a irmã, castamente, na boca.
- Minha querida - diz, agarrando os ombros de Vanessa. - Se te disser que estou encantada por te ver agora, tenho a certeza de que podes imaginar como me sentiria extasiada se te visse à hora que realmente te esperava.
Vanessa ri-se. Tem um rosto firme, a sua pele é de um encalorado tom rosa-brilhante. Apesar de ser três anos mais velha, parece mais nova do que Virginia e ambas o sabem. Enquanto Virginia tem a beleza austera e ressequida de um fresco de Giotto, Vanessa lembra mais uma figura esculpida em mármore rosado por um artista experiente, mas menor, do barroco tardio. É uma figura claramente terrena e até decorativa, toda ondulações e volutas, com o rosto e o corpo reproduzidos numa tentativa afetuosa e levemente sentimentalizada de exprimir um estado de abundância humana tão excessiva que rala o etéreo.
- Desculpa - responde Vanessa. - Despachámo-nos em Londres mais cedo do que eu poderia ter imaginado e a nossa única outra opção seria andarmos às voltas em Richmond até às 4 horas.
- E que fizeste aos teus filhos?
- Foram para o jardim. O Quentin encontrou um pássaro moribundo na estrada e

eles parecem convencidos de que o pobre precisa de estar no jardim.
- Tenho a certeza de que a sua velha tia Virginia não pode competir com isso. Vamos ter com eles?
Quando saem de casa, Vanessa pega na mão de Virginia do mesmo modo que pegaria na mão de um dos seus filhos.
O fato de se sentir tão dona e senhora, tão convencida de que pode chegar hora e meia, nada menos, antes da hora para que foi convidada, é quase tão irritante como agradável. Ali está, pois, ali está a sua mão. Se ao menos Virginia tivesse tido tempo de dar um pequeno jeito ao cabelo...
- Despachei a Nelly para Londres para comprar pão doce para o nosso chá. Podes contar com ele daqui a uma hora, mais ou menos, juntamente com uma gotinha de sangue do coração dela.
- A Nelly tem de ter paciência - responde Vanessa.
Sim, pensa Virginia, é isso mesmo, é exatamente esse tom de severa e pesarosa tolerância: é assim que se fala com criadas. E com irmãs. Existe uma arte para isso, como existe uma arte para todas as coisas, e muito do que Vanessa tem para ensinar está contido nestes gestos aparentemente isentos de esforço. Chegamos cedo ou tarde, alegando despreocupadamente que não o pudemos evitar. Oferecemos a mão com maternal confiança. Dizemos "A Nelly tem de ter paciência" e, ao dizê-lo, perdoamos de uma assentada à serva e à ama.
No jardim, os filhos de Vanessa estão ajoelhados em círculo na relva, perto das roseiras. Como são surpreendentes: três seres, completamente vestidos, como se tivessem surgido, por magia, do nada. Num momento há duas irmãs jovens agarradas uma à outra, seio com seio, lábios prontos, e no momento seguinte, é o que parece, há duas mulheres casadas de meia-idade, paradas juntas num modesto talhão de relvado, diante de um grupo de crianças (filhos de Vanessa, claro, todos de Vanessa; não há, nem haverá, nenhum de Virginia). Ali está o sisudo e bonito Julian, ali está o corado Quentin a segurar o pássaro (um tordo) nas mãos vermelhas, ali está a pequenina Angelica, acocorada um pouco distante dos irmãos, assustada, fascinada pelo punhado de penas cinzentas. Anos atrás, quando Julian. era bebê, quando Virginia e Vanessa pensavam em nomes para crianças e para personagens de romances, Virginia sugerira a Vanessa que pusesse à sua futura filha o nome de Clarissa.
- Olá, elfos - saúda Virginia.
- Achamos um pássaro - anuncia Angelica. - Está doente.
- já me tinham dito.
- Está vivo - diz Quentin, com uma gravidade de pessoa entendida. - Acho que vamos salvá-lo.
Vanessa aperta a mão de Virginia, que pensa: "Oh, eis a morte antes do chá! O que se deve dizer, exatamente, a crianças, ou seja a quem for?".
- Podemos fazer alguma coisa para ele se sentir confortável - diz Vanessa. - Mas esta é a hora de o passarinho morrer e não é possível mudar isso.
Assim mesmo, a fiandeira corta o fio. É assim, crianças, nada menos, mas nada mais. Vanessa não magoa os filhos, mas também não lhes mente, nem mesmo por piedade.
- Devemos arranjar uma caixa para ele - continua Quentin - e levá-lo para

dentro de casa.
- Não acho - discorda Vanessa. - Um ser selvagem, quererá morrer ao ar livre.
- Fazemos um funeral - decide Angelica, animadamente. - Eu canto.
- Ainda está vivo - responde-lhe Quentin, em tom ríspido.
"Benza-te Deus, Quentin - pensa Virginia. - Serás tu que, um dia, segurarás a minha mão e assistirás ao meu verdadeiro último suspiro, enquanto todos os outros ensaiam secretamente os discursos que pronunciarão na cerimônia religiosa?"
- Devíamos fazer uma cama de erva para ele - alvitra Julian. - Angel, queres apanhar alguma?
- Sim, Julian. - E Angelica começa a arrancar obedientemente punhados de erva.
Julian. Ah, Julian! Terá alguma vez existido prova mais persuasiva da iniqüidade essencial da natureza do que Julian, o filho mais velho de Vanessa, aos 15 anos de idade? Julian é franco e robusto, magnífico; possui uma beleza eqüina graciosamente musculosa, tão natural que sugere ser a própria beleza uma condição humana fundamental, e não uma mutação do modelo geral. Quentin (benza-o Deus), apesar de toda a sua inteligência e ironia, podia ser já, aos 13 anos, um resoluto e corado coronel da Royal Cavalary, e Angelica, de formas perfeitas, revela, apenas com cinco anos, uma boniteza meiga, nervosamente trabalhada, que é quase certo não sobreviver à juventude. Julian, o primogênito, é clara e naturalmente o herói da história desta família, o depositário das suas maiores esperanças - quem pode censurar Vanessa por o preferir?
- Colhemos também algumas rosas? - pergunta Virginia a Angelica.
- Sim - responde a menina, ainda atarefada com a erva. - Das amarelas.
Antes de ir com Angelica para o roseiral, Virginia demora-se mais um momento, ainda de mãos dadas com Vanessa, observando os filhos da irmã como se eles fossem uma lagoa na qual poderia ou não mergulhar. Isto, pensa, é a verdadeira realização, isto continuará a viver depois de o ouropel das experiências na narrativa ter sido encaixotado e abandonado juntamente com as velhas fotografias, os vestidos de baile de máscaras e os pratos de porcelana nos quais a avó pintava as suas melancólicas paisagens inventadas.
Solta a mão e vai para o jardim, onde ajoelha ao lado de Angelica e a ajuda a fazer uma cama na qual o tordo poderá morrer. Quentin e Julian estão parados ali perto, mas Angelica é, sem sombra de dúvida, o membro mais entusiástico da brigada funerária, aquele cujos gostos decorativos e de decoro devem ser respeitados. Angelica é ali, de algum modo, a viúva.
- Pronto - diz Virginia, quando ela e a sobrinha formam com a erva um pequeno monte ondulante. - Acho que ela ficará aqui muito confortável.
- É uma ela? - pergunta a sobrinha.
- É. As fêmeas são maiores e um pouco mais pardacentas.
- Tem ovos?
Virginia hesita.
- Não sei. Não podemos realmente saber, pois não?
- Quando ela morrer, procuro os seus ovos.
- Se quiseres. Talvez haja um ninho nos beirais, em qualquer lado.
- Encontro-os e choco-os - declara Angelica.

Quentin ri-se.
- Sentas-te em cima deles, tu mesma? - pergunta.
- Não, estúpido. Choco-os.
- Ah - diz Quentin, e, sem os ver, Virginia sabe que ele e Julian se estão a rir silenciosamente de Angelica e talvez, por extensão, também dela.
Mesmo agora, neste século XX, os machos ainda detêm a morte nas suas mãos competentes e riem afetuosamente das fêmeas, que preparam leitos funerários e falam em ressuscitar, por magia ou pura força de vontade, as partículas de vida incipiente abandonadas na paisagem.
- Ora bem - diz Virginia - Estamos prontas para a deitar.
- Ainda não - responde Angelica. - Faltam as rosas.
- Tens razão.
Virginia quase protesta que o pássaro devia ser deitado primeiro e só depois as rosas colocadas à volta do seu corpo. É sem dúvida assim que deveria ser feito. Devias, pensa, explicar essas coisas a uma menina de cinco anos. Devias, se Vanessa e os rapazes não estivessem a observar.
Angelica pega numa das rosas amarelas que colheram e coloca-a, com cuidado, ao longo do rebordo do montículo de erva. Acrescenta outra e mais outra, até formar um círculo de botões de rosa, hastes espinhosas e folhas.
- Está bonito - diz, e, surpreendentemente, está de fato.
Virginia olha com um prazer imprevisto aquela modesta coroa de espinhos e flores - aquele leito de morte selvagem. Gostaria de se deitar ela mesma nele.
- Podemos então deitá-la lá? - pergunta baixinho a Angelica, e inclina-se para a sobrinha como se partilhassem um segredo. Flui entre elas uma força qualquer, uma cumplicidade que não é maternal nem erótica, mas contém elementos de ambas. Há ali entendimento. Há uma espécie de entendimento demasiado grande para se exprimir por palavras. Virginia sente-o tão inequivocamente como sente o tempo na sua pele, mas, quando fita profundamente o rosto de Angelica, compreende, pelos seus olhos brilhantes e inquietos, que ela começa já a impacientar-se com a brincadeira. Fez o seu arranjo de erva e rosas e agora quer despachar o pássaro o mais depressa possível e ir procurar o ninho.
- Sim - responde Angelica.
Tem apenas cinco anos e já sabe fingir um entusiasmo grave pela tarefa em mãos, quando o que realmente deseja é que toda a gente admire o seu trabalho e a deixe livre.
Quentin ajoelha com o pássaro e, com imensa delicadeza e gestos incomensuravelmente delicados, deposita-o na erva. Oh, se os homens fossem os brutos e as mulheres os anjos... se fosse assim tão simples! Virginia pensa em Leonard, de testa franzida sobre as provas, empenhado em expurgar não apenas as gralhas, mas também toda a mácula de mediocridade que elas impliquem. Pensa em Julian, no Verão anterior, atravessando o Ouse a remos, com as mangas arregaçadas até aos cotovelos, e como esse parecera ser o dia, o momento em que se tornou um homem e deixou de ser uma criança.
Quando Quentin retira as mãos, Virginia vê que o pássaro está deposto na erva compactamente, com as asas dobradas contra o corpo. Sabe que já está morto, que morreu nas palmas de Quentin. Dá a impressão de ter querido deixar o mais

pequeno volume possível de si mesmo. O olho, uma perfeita conta preta, está aberto e os pés cinzentos, maiores do que seria de esperar, enrolados sobre si mesmos.
Vanessa aproxima-se por trás de Virginia.
- Deixemo-la agora em paz, todos - diz. - Fizemos o que pudemos.
Angelica e Quentin afastam-se de boa vontade. Angelica inicia o seu circuito da casa, a olhar de olhos franzidos para cima, para os beirais. Quentin esfrega as mãos na camisola e entra em casa para as lavar. (Pensa que o pássaro deixou um resíduo de morte nas suas mãos? Pensa que o bom sabão inglês e uma das toalhas da tia Virginia o farão desaparecer?) Julian fica com Vanessa e Virginia, ainda a velar o pequeno corpo.
- A Angie ficou tão entusiasmada com o ninho que se esqueceu de cantar o seu hino - diz o rapaz.
- Ser-nos-á negado qualquer chá por termos chegado tão cedo? - pergunta Vanessa.
- Não. Sou perfeitamente capaz de fazer chá sem a ajuda da Nelly.
- Nesse caso... - diz Vanessa e, com Julian, vira-se e encaminha-se para casa, com a mão do filho enfiada no côncavo do seu cotovelo.
Antes de os seguir, Virginia demora-se um momento mais ao lado do pássaro morto no seu círculo de rosas. Podia ser uma espécie de chapéu. Podia ser o elo perdido entre a chapelaria e a morre.
Gostaria de se deitar neste lugar. Não é possível negá-lo, gostaria. Vanessa e Julian podem ir tratar da sua vida, do seu chá e das suas viagens, enquanto ela, Virginia, uma Virginia do tamanho de um pássaro, se deixa metamorfosear, passar de uma mulher angulosa para um ornamento de chapéu uma coisa frívola, indiferente.
Clarissa, pensa, não é afinal a noiva da morte. Clarissa é o leito no qual a noiva é deitada.

Clarissa enche uma jarra com uma dúzia de rosas amarelas. Leva-a para a sala, coloca-a na mesinha de apoio, recua e afasta-a alguns centímetros para a esquerda para observar o efeito. Quer oferecer a Richard a melhor festa de que for capaz. Vai tentar criar uma coisa mundana, trivial até, mas perfeita no seu gênero. Arranjará maneira de ele ser rodeado por pessoas que o respeitam e admiram genuinamente (porque convidou Walter Hardy, como pôde ser tão fraca?), não permitirá que se canse demasiado. É o seu tributo, a sua dádiva. Que mais lhe pode oferecer?
Regressa à cozinha quando o intercomunicador toca. Quem será? Alguma entrega de que se esqueceu, talvez, ou o fornecedor da comida que vem trazer alguma coisa. Carrega no botão.
- Quem é?
- Louis. É o Louis.
- O Louis? Sério?
Clarissa carrega no trinco automático para ele entrar. Claro que é o Louis. Mais ninguém, com certeza nenhum nova-iorquino tocaria assim à campainha sem primeiro ter telefonado. Ninguém faz isso. Abre a porta e sai para o patamar com uma grande e quase vertiginosa sensação de expectativa, uma sensação tão forte e tão peculiar, tão desconhecida em quaisquer outras circunstâncias, que há algum tempo resolveu dar-lhe simplesmente o nome de Louis. É aquela sensação Louis, atravessada por traços de dedicação e culpa, atração, um elemento inconfundível de nervosismo de palco e uma pura e imaculada esperança, como se, cada vez que aparece, Louis possa trazer, finalmente, uma notícia tão boa que seja impossível prever a sua extensão ou até a sua exata natureza.
Depois, decorrido um momento, Louis em pessoa contorna a curva do patamar. Passaram - quantos? - mais de cinco anos, mas ele está exatamente na mesma. O mesmo restolho de cabelo branco que parece galvanizado, o mesmo andar ávido e dançante, as mesmas roupas práticas, mas que de algum modo parecem adequadas. A sua antiga beleza, a sua postura pesada e leonina desapareceram com uma rapidez surpreendente há quase duas décadas e este Louis - de cabelo branco, rijo e nervudo, cheio de furtivas e disciplinadas emoções - surgiu em seu lugar do mesmo modo que um homem baixo e de aspecto insignificante podia saltar da torre de um tanque para proclamar que tinha sido ele, e não o blindado, que arrasara a aldeia. Louis, o antigo objeto de desejo, foi sempre, afinal, isto: um professor de Arte Dramática, uma pessoa inofensiva.
- Olá, viva - diz.
Abraçam-se. Quando Clarissa se solta, vê que os míopes olhos cinzentos de Louis estão úmidos. Foi sempre dado a lágrimas. Ela, a mais sentimental, a mais fácil de se indignar, parece que nunca chora, embora não lhe falte vontade com freqüência.
- Quando chegaste à cidade? - pergunta.
- Anteontem. Saí para caminhar e quando dei por mim estava na tua rua.
- Estou muito feliz por te ver.

- Eu também estou muito feliz por te ver. - Os olhos de Louis marejam-se de novo.
- É incrível que chegues logo hoje. Esta noite damos uma festa em homenagem ao Richard.
- Sério? Qual é a ocasião especial?
- Ele ganhou o Carrouthers. Não soubeste?
- Ganhou o quê?
- É um prêmio para poetas. Coisa muito importante. Admira-me que não tenhas sabido.
- Bem, parabéns ao Richard.
- Espero que venhas. Ele ficará encantado por te ver.
- Achas?
- Claro que sim. Mas porque continuamos aqui parados, praticamente no púarriar? Entra.
Ela parece mais velha, pensa Louis, enquanto segue Clarissa para dentro do apartamento (oito passos, volta, mais três passos). Ela parece mais velha, pensa Louis com grande surpresa. Está finalmente a acontecer. Que coisa extraordinária estas rasteiras genéticas, o modo como um corpo se pode manter essencialmente inalterado, década após década, e depois, em poucos anos, capitular, render-se à idade. Surpreende-o também a tristeza que sente, a pouca satisfação pelo fim relativamente abrupto da plenitude anormalmente prolongada de Clarissa. Quantas vezes fantasiou a esse respeito? É a sua vingança, o único ajuste de contas possível. Todos aqueles anos com Richard, todo aquele amor e esforço, e Richard passa os últimos anos da sua vida a escrever a respeito de uma mulher com uma casa urbana na West Tenth Street. Richard escreve um romance que constitui uma reflexão exaustiva sobre uma mulher (um capítulo de mais de cinqüenta páginas sobre compras de verniz para unhas que ela não recomenda!) e o velho Louis W é relegado para o coro. Louis W tem direito a uma cena, relativamente curta, em que se lamenta da escassez de amor que há no mundo. Só isso. E essa é a recompensa depois de mais de doze anos, depois de viver com Richard em seis apartamentos diferentes, apoiando-o, fodendo-o até à exaustão, depois de terem tomado juntos milhares de refeições, depois da viagem à Itália e daquela hora debaixo da árvore. Depois de tudo isso Louis aparece e será lembrado como um homem triste lamentando-se do amor.
- Onde estás instalado? - pergunta Clarissa.
- Estou com o James no motel das carochas.
- Ele ainda lá está? - Algumas das suas mercearias ainda lá estão. Vi um pacote de jarfalle que me lembro de ter ido buscar para ele à loja há cinco anos. Tentou negar que fosse a mesma caixa, mas tem uma amolgadela num canto de que me lembro muito bem.
Louis toca no nariz com a ponta de um dedo (lado esquerdo, lado direito). Clarissa vira-se de frente para ele.
- Olha para ti - diz, e abraçam-se de novo.
Apertam-se durante quase um minuto (os lábios dele roçam-lhe no ombro esquerdo e depois muda de posição para fazer o mesmo no direito). É Clarissa que se solta.

- Queres beber alguma coisa? - oferece.
- Não. Sim... um copo de água, pode ser?
Clarissa vai à cozinha. Como ela continua a ser impenetrável, como é irritantemente bem comportada. Clarissa esteve aqui, pensa Louis, durante todo este tempo. Esteve aqui, nesta casa, com a sua namorada (ou parceira, ou lá como é que se chamam a si mesmas), saindo para trabalhar e voltando de novo para casa. Viveu aqui um dia, e depois outro, indo ao teatro, a festas.
"Há - pensa - tão pouco amor no mundo." Dá quatro passos para o interior da sala. Aqui está ele outra vez, na grande sala fresca com o jardim, o sofá fundo e bons tapetes. Culpa Sally pelo apartamento. É a influência de Sally, o seu gosto. Sally e Clarissa vivem numa réplica perfeita de um apartamento de West Village para as classes superiores. Imaginamos o assistente de um indivíduo qualquer entrando por aqui dentro com uma prancheta de apontamentos: poltronas de cabedal francesas, confere; mesa Stickley, confere; paredes cor de linho com gravuras de motivos botânicos penduradas, confere; estantes adornadas com pequenos tesouros adquiridos no estrangeiro, confere... Até as excentricidades - a moldura de espelho coberta de conchas e a pirosa arca sul-americana com sereias de olhar lascivo pintadas, "achados" característicos de alguma feira ao ar livre de quinquilharia em segunda mão - parecem estar ali graças a um ato calculado, como se o diretor artístico tivesse dado uma vista de olhos e dito: "Ainda não está bastante convincente, precisamos de mais coisas para nos dizerem quem estas pessoas realmente são".
Clarissa volta com dois copos de água (gaseificada, com gelo e limão) e, ao vê-la, Louis aspira o ar - pinheiro e relva, água ligeiramente salobra - de Weilfleet de há mais de trinta anos. O seu coração eleva-se. Ela está mais velha, mas - é inútil negá-lo - conserva ainda aquele fascínio rígido, aquela sensualidade aristocrática levemente agressiva. Ainda é esbelta. Ainda revela, de algum modo, um aspecto de romance frustrado, e, olhando-a agora, com mais de 50 anos, nesta sala penumbrenta e próspera, Louis pensa em fotografias de jovens soldados, rapazes de feições firmes, serenos nos seus uniformes, rapazes que morreram antes dos 20 anos e continuam a viver, como a personificação de uma promessa dissipada, em álbuns de fotografias ou em mesinhas de sala, belos e confiantes, intocados pelo seu destino, do mesmo modo que os vivos sobrevivem a empregos e incumbências, férias decepcionantes. Neste momento Clarissa lembra a Louis um soldado. Parece olhar para o mundo a envelhecer de um reino passado, parece tão triste, inocente e invencível como os mortos nas fotografas.
Entrega a Louis um copo de água.
- Estás com bom aspecto - diz-lhe.
O rosto de meia-idade de Louis sempre fora incipiente no seu rosto mais jovem: o nariz adunco e os olhos claros e assombrados, as sobrancelhas crespas, o pescoço sulcado de veias grossas sob um queixo quadrado e ossudo. Estava destinado a ser agricultor, forte como uma erva daninha, devastado pelas intempéries e a idade fez em cinqüenta anos o que lavrar e colher teria feito em metade desse tempo.
- Obrigado - agradece.

- Tenho a sensação de que estiveste muito longe.
- E estive. É bom estar de volta.
- Cinco anos. Não posso acreditar que não tenhas visitado Nova Iorque ao menos uma vez.
Louis bebe três goles de água. Voltou a Nova Iorque várias vezes nos últimos cinco anos, mas não telefonou. Embora nunca tivesse decidido especificamente não ver Clarissa nem Richard, a verdade é que não telefonou. Pareceu-lhe mais simples desse modo.
Voltei de vez - diz a Clarissa. - Estou farto destas comissões de ensino, sou demasiado velho e insignificante. Sou demasiado pobre. Estou a pensar em arranjar um trabalho honesto qualquer.
- Sério?
- Oh, sei lá. Não te preocupes, não voltarei para a escola para obter o meu diploma de administração comercial, ou coisa parecida.
- Pensava que te tinhas apaixonado por São Francisco e que nunca mais te voltaríamos a ver.
- Toda a gente espera que nos apaixonemos por São Francisco. É deprimente.
- Louis, o Richard está muito diferente do que era.
- O caso é muito grave?
- Só quero que estejas preparado.
- Ficaste perto dele todos estes anos.
- Sim, fiquei.
Ela é uma interessante mulher comum, pensa Louis. exatamente. isso, nem mais nem menos. Clarissa senta-se no sofá e, após um momento de hesitação, Louis dá cinco passos e senta-se ao lado dela.
- Claro que li o livro - diz.
- Leste? Ainda bem. Não é esquisito?
- É, sim. Ele quase não se deu ao trabalho de mudar o teu nome.
- A mulher do livro não sou eu. É uma fantasia do Richard sobre uma mulher qualquer que se parece vagamente comigo.
É um livro muitíssimo esquisito. É o que toda a gente parece pensar. Dá a sensação de ter algumas dez mil páginas. Não acontece nada. E de repente, bum! Ela mata-se.
- A mãe dele.
- Eu sei. Mas mesmo assim... É completamente inesperado.
- Estás de perfeito acordo com quase todos os críticos. Tinham esperado aquele tempo todo, e para quê? Mais de novecentas páginas de flirt, na realidade, e uma morte súbita no fim. As pessoas disseram que estava muito bem escrito.
Louis afasta os olhos dela.
- Estas rosas são lindas - diz.
Clarissa inclina-se para a frente e desvia a jarra um pouco para a esquerda.
Santo Deus, pensa Louis, ela ultrapassou a condição de companheira. Tornou-se mãe da outra.
Clarissa ri-se.
- Olha para mim! Uma velha a perder tempo com as suas rosas.
Ela surpreende-nos sempre assim, sabendo mais do que pensamos que sabe.

Louis pergunta-se se serão calculadas estas pequenas demonstrações de conhecimento próprio que temperam o desempenho de Clarissa como anfitriã sensata. Às vezes parece que lê os nossos pensamentos. Desarma-nos dizendo, essencialmente, eu sei o que estão a pensar e concordo, sou ridícula, sou muito menos do que podia ter sido e gostaria que não fosse assim, mas não posso, simplesmente, evitá-lo. Descobrimos então que deixamos, quase contra a nossa vontade, de estar irritados com ela e passamos a consolá-la, a ajudá-la a retomar a sua atitude de modo que possa sentir-se de novo bem e, pela nossa parte, possamos voltar a sentir-nos irritados.
Então - diz Louis - o Richard está muito doente.
- É verdade. O seu corpo já não está tão terrivelmente mal como esteve, mas a sua mente vagueia. Temo que o seu estado já seja demasiado grave para permitir que os inibidores de protease o ajudem como estão a ajudar algumas pessoas.
- Deve ser terrível.
- Continua a ser ele. Quero dizer, há uma espécie de qualidade constante, uma espécie de "richardeza", que não mudou absolutamente nada.
- Isso é bom. Isso é alguma coisa.
- Lembras-te da grande duna de Wellfleet?
- Claro que lembro.
- Outro dia estive a pensar que, quando morrer, provavelmente quererei que as minhas cinzas sejam espalhadas lá.
- Isso é de uma morbidez tremenda.
- Mas nós pensamos nestas coisas. Como poderíamos não pensar?
Clarissa acreditava então, e continua a acreditar hoje, que a duna de Wellfleet a acompanhará de algum modo para sempre. Seja o que for que aconteça, ela terá tido sempre isso. Terá sempre estado numa duna alta, no Verão. Terá sempre sido jovem e indestrutivelmente saudável, com uma pequena ressaca, a camisola de algodão de Richard vestida, enquanto ele lhe envolve familiarmente o pescoço com a mão e Louis observa as ondas, um pouco afastado.
- Nessa altura sentia-me furioso contigo - lembra Louis. - Às vezes quase não conseguia olhar para ti.
- Eu sei.
- Tentava ser bom. Tentava ser liberal e livre.
- Tentávamos todos. Não tenho a certeza de que o organismo seja inteiramente capaz disso.
- Fui até lá de carro uma vez. À casa. Acho que não te disse.
- Não. Não disseste.
- Foi imediatamente antes de partir para a Califórnia. Fazia parte de um painel qualquer em Boston, uma coisa muito chata acerca do futuro do teatro, um bando de velhos dinossauros bombásticos que tinham arrebanhado para lá a fim de proporcionarem aos estudantes graduados um motivo para troçarem, e depois senti-me tão deprimido que aluguei um carro e fui a Wellfleet. Não tive a bem dizer qualquer dificuldade em encontrá-la.
- Provavelmente não quero saber.
- Não, ela ainda lá está e o aspecto é quase o mesmo. Aperaltaram-na um

pouco... Pintura nova e alguém teve a idéia de fazer um relvado, que parece esquisito no meio da floresta, como uma alcatifa de parede a parede. Mas ainda está de pé.
- Quem diria.
Ficam um momento calados. É, de certo modo, pior que a casa ainda esteja de pé. É pior que o sol, e depois a escuridão, e depois de novo o sol tenham entrado e saído daquelas salas todos os dias, que a chuva tenha continuado a cair naquele telhado, que tudo aquilo tenha podido ser visitado de novo.
- Devia ir lá qualquer dia - diz Clarissa. - Gostaria de subir àquela duna.
- Se é onde pensas que queres as tuas cinzas espalhadas, sim, acho que devias ir lá e confirmar.
- Não, tu tinhas razão, eu estava a ser mórbida. O Verão provoca-me isso. Não faço idéia alguma de onde quereria as minhas cinzas espalhadas.
Clarissa quer, de súbito, mostrar toda a sua vida a Louis. Quer despejá-la no chão aos pés dele, todos os momentos intensos e sem sentido que não podem ser contados como histórias. Quer sentar-se com Louis e examiná-los.
- Fala-me mais de São Francisco - pede.
- É uma bonita cidadezinha com grandes restaurantes e onde não acontece nada. Os meus alunos são, na sua maioria, imbecis. A verdade é que voltarei para Nova Iorque o mais depressa que puder.
- Excelente. Será bom ter-te aqui de novo.
Clarissa toca no ombro de Louis e é como se fossem ambos levantar-se, em silêncio, subir para o quarto e despirem-se juntos. É como se fossem para o quarto e se despissem não como amantes, mas como gladiadores que saíram vivos da arena e se descobrem ensangüentados e feridos, mas miraculosamente vivos quando todos os outros morreram.
Farão esgares de dor enquanto desafivelam as correias dos peitorais e das caneleiras. Olharão um para o outro com ternura e reverência, abraçar-se-ão docemente enquanto Nova Iorque estrondeia do lado de fora das janelas de batente, enquanto Richard escuta vozes sentado na sua cadeira e Sally almoça com Oliver St. Ives.
Louis pousa o copo, levanta-o, pousa-o de novo. Bate três vezes com o pé no carpete, levemente.
- No entanto, é um pouco complicado - diz. - Sabes, apaixonei-me.
- Sério?
- Ele chama-se Hunter. Hunter Craydon.
- Hunter Craydon. Bem.
- Foi meu aluno o ano passado.
Clarissa recosta-se no sofá, suspira impacientemente. Este devia ser o quarto, pelo menos daqueles de que tem conhecimento. Gostaria de o sacudir e dizer-lhe: "Tens de envelhecer melhor do que isto. Não suporto a idéia de que conseguiste chegar tão longe para depois ofereceres tudo a um rapaz qualquer só porque ele é bonito e jovem".
- Talvez seja o aluno mais talentoso que alguma vez ensinei - diz Louis. - Faz as mais extraordinárias performancepieces a respeito de crescer branco e gay na África do Sul. Incrivelmente vigorosas.

- Bem. - Clarissa não consegue lembrar-se de mais nada para dizer.
Lamenta Louis e sente-se profundamente impaciente, mas, apesar disso, pensa: "Está apaixonado. Está apaixonado por um jovem. Tem 53 anos e ainda tudo isso à sua frente, o sexo e os argumentos ridículos, a angústia".
- Ele é espantoso - diz Louis e, para sua total surpresa, desata a chorar. As lágrimas começam a cair simplesmente, com um calor na parte de trás dos olhos e um turvamento da visão. Estes espasmos de emoção apoderam-se constantemente dele. Podem ser desencadeados por uma canção, até por ver um cão velho. Passam. Geralmente passam. Desta vez, porém, as lágrimas começam a cair-lhe quase antes de se dar conta disso, e por instantes um compartimento do seu ser (o mesmo que conta passos, goles, palmadas) diz para consigo: "Ele está a chorar, que estranho". Louis inclina-se para a frente, tapa o rosto com as mãos. Soluça.
A verdade é que não ama Hunter e Hunter não o ama a ele. Têm um caso, apenas um caso. Às vezes não pensa nele horas a fio. Hunter tem outros namorados, todo um futuro planeado, e, quando ele seguir o seu caminho, Louis tem de o admitir no seu íntimo, não sentirá muito a falta do riso esganiçado de Hunter, dos seus dentes da frente falhados, dos seus silêncios petulantes.
Há tão pouco amor no mundo. Clarissa esfrega as costas de Louis com a palma da mão. O que tinha Sally dito? Nós nunca brigamos. Tinha sido ao jantar, algures, há um ano ou mais. Tinham servido um peixe qualquer, uns medalhões altos num charco de molho amarelo vivo (parecia que tudo, naquela altura, vinha num charco de molho de cor viva). Nós nunca brigamos. Era verdade. Elas discutem, elas amuam, mas nunca explodem, nunca gritam ou choram, nunca quebram um prato. Parece sempre que ainda não brigaram, ainda não, que a situação ainda é muito nova para uma guerra declarada e total, que, depois de desbravado o caminho das suas negociações iniciais e de se sentirem suficientemente seguras na companhia uma da outra, ainda existem à sua frente inteiros continentes inexplorados para realmente se soltarem. Em que estaria ela a pensar? Celebrarão em breve o décimo oitavo aniversário da sua vida juntas. São um casal que nunca briga.
Enquanto esfrega as costas de Louis, Clarissa pensa: "Leva-me contigo. Quero um amor condenado. Quero ruas à noite, vento e chuva, ninguém a querer saber onde estou".
- Desculpa - diz Louis.
- Não te preocupes com isso. Por favor, repara em tudo o que aconteceu.
- Sinto-me um grande idiota. - Levanta-se e dirige-se para as portas-janelas (sete passos). Distingue, por entre as lágrimas, o musgo nas tinas de pedra pouco fundas, a bandeja de bronze de água clara onde flutua uma única pena branca. Não sabe porque chora. Está de novo em Nova Iorque. Parece chorar por este curioso jardim, pela doença de Richard (porque foi Louis poupado?), por esta sala com Clarissa nela, por tudo. Parece chorar por um Hunter que apenas se parece com o verdadeiro. Este outro Hunter tem uma grandeza ardente e trágica, genuína inteligência, um modesto modo de pensar. É, por ele que Louis chora. Clarissa vai juntar-se-lhe.
- Não te preocupes - repete.

- Estúpido - murmura Louis. - Estúpido.
Uma chave gira na fechadura da porta da frente.
- É a Julia - diz Clarissa. - Merda. Não te preocupes. Ela já viu homens a chorar.
O raio da filha dela. Louis endireita os ombros, afasta-se do ombro de Clarissa para o lado. Continua a olhar para o jardim, a tentar controlar a expressão do rosto. Pensa em musgo. Pensa em fontes. Sente-se, de súbito, profundamente interessado em musgo e fontes.
Que estranho, diz a voz. Porque está ele a pensar em coisas daquelas?
- Boa tarde - diz Julia atrás dele. Não "olá".
Foi sempre uma rapariguinha séria, esperta mas peculiar, grande de mais, cheia de manias e tiques.
- Olá, querida - responde Clarissa. - Lembras-te do Louis?
Louis vira-se para ela. Pronto, deixá-la ver que esteve a chorar. Que se lixe.
- Claro que lembro. - Julia avança para ele de mão estendida.
Agora tem 18 anos, talvez 19. Louis acha-a tão inesperadamente atraente, tão mudada, que receia que as lágrimas voltem. Quando a viu a última vez, devia ter uns 13 anos, era pesada e gorda, embaraçada consigo mesma. Ainda não é bonita, nunca o será, mas adquiriu um pouco da presença da mãe, aquela preciosa segurança. É atraente e confiante como uma jovem atleta, usa o cabelo quase rapado e tem uma pele rosada.
- Julia. Que prazer em ver-te.
Julia aperta-lhe firmemente a mão. Tem uma fina argola de prata no nariz. É viçosa e forte, respira saúde, como uma espécie de idealizada camponesa irlandesa acabada de chegar do campo. Deve sair ao pai (Louis fantasiou a respeito dele, imaginou-o um jovem louro sadio, em apuros, talvez um ator ou pintor, um amante, um criminoso, um rapaz desesperado reduzido a vender os seus fluidos, sangue para o banco de sangue, esperma para o banco de esperma). Deve ter sido, pensa Louis, corpulento, vigoroso, uma figura de mito celta, pois agora ali está Julia, que, mesmo de top, calções e botas pretas de combate tem o porte de quem traz um feixe de cevada debaixo de um braço e um cordeiro novo debaixo do outro.
- Como está, Louis? - Aperta-lhe a mão, mas sem a sacudir.
Sabe, claro, que ele esteve a chorar, mas não parece particularmente surpreendida. Que terá ouvido dizer a seu respeito?
- Bem, tenho de ir - diz ele.
- Quanto tempo vai ficar por cá?
- Apenas alguns dias. Mas depois volto. Gostei de te ver. Adeus, Clarissa.
- Às 5 horas - lembra-lhe Clarissa.
- O quê?
- A festa é às 5 horas. Vem, por favor.
- Claro que venho.
- Adeus, Louis - despede-se Julia.
É uma atraente rapariga de 19 anos, que diz "como está?" e não "olá". Tem dentes muito brancos e invulgarmente pequenos.
- Adeus.
- Vens, não vens? - insiste Clarissa. - Promete-me que vens.

- Prometo. Adeus.
Sai do apartamento, ainda vagamente lacrimejante. Está furioso com Clarissa e vagamente, absurdamente, apaixonado por Julia (ele que nunca se sentiu atraído por mulheres, nunca ainda estremece, ao fim de tantos anos, só de recordar a horrível e desesperada tentativa que fez com Clarissa apenas para conservar os seus direitos sobre Richard). Imagina fugir com Julia daquele horroroso apartamento mobiliado com bom gosto, afastar-se, com ela, das paredes cor de linho e das gravuras com motivos botânicos, de Clarissa e dos seus copos de água gaseificada com rodelas de limão. Percorre o corredor penumbrento (vinte e três passos), passa pela porta que dá para o átrio e sai pela que dá para a West Tenth Street.
O sol explode como uma lâmpada no seu rosto. junta-se, grato, às pessoas do mundo. um homem com ar de furão a passear dois dachsbunds, um homem gordo a suar abundantemente num fato azul-escuro, uma mulher careca (moda ou quimioterapia?) encostada ao prédio de Clarissa, a fumar avidamente um cigarro e cujo rosto parece uma equimose recente. Louis vai voltar para aqui, para esta cidade; morar num apartamento em West Village, sentar-se no Dante com um expresso e um cigarro, à tarde. Não é velho, ainda não é velho. Há duas noites parou o carro no deserto do Arizona e deixou-se ficar debaixo das estrelas até sentir a presença da sua própria alma, ou seja o que for que queiramos chamar-lhe, a parte que perdurava do que tinha sido uma criança e depois se deteve - assim lhe pareceu passado um momento - no silêncio do deserto, sob as constelações. Pensa com perturbada afeição em si mesmo, o jovem Louis Waters, que passou a juventude tentando viver com Richard, que se sentiu alternadamente lisonjeado e enfurecido com a adoração incansável de Richard pelos seus braços e pelo seu rabo e que finalmente deixou Richard para sempre, depois de uma discussão na estação dos caminhos-de-ferro em Roma (tinha sido especificamente por causa da carta que Richard recebera de Clarissa ou do sentimento mais generalizado de Louis de que se esgotara o seu interesse em ser o membro mais afortunado e menos brilhante?). Esse Louis, apenas com 28 anos, mas convencido da sua idade avançada e das oportunidades perdidas, afastara-se de Richard e metera-se num comboio que por acaso ia para Madrid. Parecera, na altura, um gesto dramático, mas temporário, e enquanto o comboio avançava (o condutor informara-o, cheio de indignação, para onde se dirigia) sentira-se estranhamente, quase sobrenaturalmente, satisfeito. Estava livre. Agora quase não se recorda dos seus dias errantes em Madrid; não se recorda sequer com muita clareza do rapaz italiano (ter-se-ia chamado, realmente, Franco?) que por fim o convencera a abandonar o longo e condenado projeto de amar Richard a favor de paixões mais simples. Do que se lembra com perfeita nitidez é de estar sentado num comboio com destino a Madrid, sentindo a espécie de felicidade que imaginava deverem sentir os espíritos, libertos dos seus corpos terrenos, mas ainda na posse das suas naturezas essenciais. Caminha para leste na direção da universidade (setenta e sete passos até à esquina). Espera para atravessar.

Sra. Brown

Enquanto conduz o seu Chevrolet pela Pasadena Freeway, entre montes ainda crestados nalguns pontos pelo fogo do ano anterior, tem a impressão de que está a sonhar ou, mais precisamente, a recordar este trajeto de carro de um sonho muito antigo. Tudo quanto vê lhe dá a sensação de estar espetado no dia como borboletas eternizadas espetadas numa prancha. Aqui estão as vertentes negras dos montes salpicadas com o estuque de tom pastel das casas que as chamas pouparam. Aqui está o nebuloso céu branco-azulado. Laura conduz com competência, nem demasiado devagar nem demasiado depressa, consultando periodicamente o retrovisor. É uma mulher num automóvel a sonhar que está num automóvel.

Deixou o filho com Sra. Latch, do fundo da rua. Pretextou um recado de última hora relacionado com o aniversário do marido.

Entrou em pânico - supõe que "pânico" é a palavra certa. Tentou deitar-se alguns minutos enquanto o filho dormia a sesta e experimentou ler, mas não conseguiu concentrar-se. Deitada na cama com o livro nas mãos, sentia-se vazia, exaurida pelo filho, pelo bolo, pelo beijo. Tudo se resumia, de certo modo, a esses três elementos e, enquanto estava deitada na cama de casal, com as persianas corridas e o candeeiro da mesa-de-cabeceira aceso, tentando ler, interrogava-se: "Enlouquecer é isto?". Nunca imaginara que fosse assim quando pensara em alguém (uma mulher como ela) a perder o juízo, imaginara gritos e lamentos, alucinações; mas naquele momento parecera-lhe claro que existia outra maneira, muito mais silenciosa, de enlouquecer, uma maneira que era tórpida e desesperada, rasa, a tal ponto que uma emoção tão forte como a mágoa teria sido um alívio.

E por isso saíra durante umas horas. Não agira irresponsavelmente. Tinha deixado o filho bem entregue. Fizera outro bolo, descongelara os bifes, preparara os feijões. Feito tudo isso, permitira-se sair. Estará em casa a tempo de fazer o jantar e dar de comer ao cão de Kitty. Mas agora, neste preciso momento, vai a qualquer lado (onde?) para estar só, livre do filho, da casa, da pequena festa que dará esta noite. Trouxe consigo a carteira e o seu exemplar de Sra. Dalloway. Vestiu uns collants, uma blusa e uma saia e prendeu nas orelhas os seus brincos preferidos, uns simples discos de cobre. Sente-se levemente, tolamente satisfeita com o seu vestuário e com a limpeza do seu carro. Um pequeno cesto de papéis azul-escuro, vazio, estreita a caixa do eixo com o conchego com que uma sela se ajusta num cavalo. Sabe que é ridículo, mas mesmo assim esta ordem impecável conforta-a. Está limpa e bem vestida a conduzir um automóvel.

Em casa, o novo bolo aguarda sob uma campânula de alumínio própria para o efeito, com uma pequena pega de madeira do feitio de uma bolota. Este bolo representa um progresso em relação ao primeiro. Foi coberto duas vezes, para evitar que ficassem migalhas presas na cobertura (consultou um segundo livro de culinária e ficou a saber que os pasteleiros se referem à primeira camada de cobertura como a "camada das migalhas" e que um bolo deve sempre ser coberto uma segunda vez). Este bolo diz "Feliz Aniversário, Dan" numa elegante

caligrafia branca, desafogada dos conjuntos de rosetas amarelas. É um belo bolo, perfeito à sua maneira, o que não impede que continue a sentir-se decepcionada com ele. Continua a ter um amador ar artesanal, continua a parecer de certo modo mal feito. O z de "Feliz" não saiu como ela desejaria e duas das rosetas ficaram de esguelha.

Toca nos lábios, onde o beijo de Kitty fugazmente residiu. Não se importa muito com o beijo, com o que sugere ou não sugere, a não ser pelo fato de dar a Kitty uma vantagem.

O amor é profundo, um mistério, quem quer compreender todas as suas particularidades? Laura deseja Kitty. Deseja a sua força, a sua decepção enérgica e animada, as inconstantes luzes rosa-ouro do seu-eu secreto, os abismos ondulados do seu cabelo bem lavado. Laura também deseja Dan, de um modo mais sombrio e menos requintado, de um modo mais sutilmente assombrado de crueldade e vergonha. Mesmo assim não deixa de ser desejo, afiado como uma lasca de osso. Pode beijar Kitty na cozinha e amar também o seu marido. Consegue pressentir o prazer constrangido dos lábios e dedos do seu marido (desejará o desejo dele?) e ainda assim sonhar com beijar de novo Kitty, qualquer dia, numa cozinha ou na praia enquanto crianças gritam na rebentação, num corredor com os braços cheios de toalhas dobradas, rindo docemente, excitadas, desvairadas, apaixonadas pela temeridade mútua se não uma pela outra, dizendo "Shhh!", separando-se rapidamente, continuando o seu caminho.

O que Laura lamenta, o que quase não consegue suportar, é o bolo. Embaraça-a, mas não o pode negar. É apenas açúcar, farinha e ovos - parte do encanto de um bolo são as suas inevitáveis imperfeições. Ela sabe que é assim, evidentemente que sabe. No entanto, esperara criar alguma coisa mais bonita, mais expressiva, do que o produto dos seus esforços, mesmo com a sua superfície lisa e a sua mensagem bem centrada. Quer (admite-o para si mesma) o sonho de um bolo expresso num bolo real, um bolo investido de um inegável e profundo sentido de conforto, de munificência. Queria ter feito um bolo que banisse a mágoa, mesmo que apenas por momentos. Queria ter criado uma coisa maravilhosa, uma coisa que fosse maravilhosa mesmo para aqueles que não a amam.

Não conseguiu. Desejaria não se importar com isso. Algo, pensa, está errado nela.

Passa para a faixa da esquerda e acelera. Agora, neste preciso momento, podia ser qualquer pessoa, indo a qualquer lado. Tem o depósito cheio de gasolina e dinheiro na carteira. Durante uma ou duas horas pode ir aonde lhe apetecer. Depois disso, os alarmes soarão. Por volta das 5 horas, sra. Latch começará a preocupar-se e às 6, no máximo, a telefonar. Se chegar a esse ponto, Laura terá de dar explicações, mas por agora, e durante pelo menos mais duas horas, está realmente livre. É uma mulher num automóvel, apenas isso.

Quando chega ao cimo de Chavez Ravine e os campanários nebulosos das igrejas da parte baixa aparecem, tem de se decidir. Durante a última meia hora foi suficiente seguir, vagamente, na direção da baixa de Los Angeles, mas agora ela ali está - os sólidos e atarracados edifícios mais antigos, as estruturas dos mais novos e mais altos a subirem -, toda impregnada do clarão branco do dia, que parece emanar menos do céu para baixo, para a terra, do que do próprio ar,

como se invisíveis partículas, no éter, emitissem uma uniforme fosforescência ligeiramente brumosa. Ali está a cidade, e a Laura resta entrar nela pela faixa da esquerda ou então passar para a faixa da direita e ignorá-la por completo. Se fizer isso, se continuar simplesmente a conduzir, dirigir-se-á para a vasta e plana extensão de fábricas e prédios de apartamentos de poucos andares que envolvem Los Angeles num raio de cerca de 105 quilômetros em todas as direções. Seria possível virar para a direita até encontrar o caminho para Beverly Hills ou para a praia de Santa Monica, mas não quer fazer compras e não trouxe nada para a praia. Há surpreendentemente poucos lugares onde entrar nesta imensa paisagem luminosa e fumarenta e o que ela deseja - um lugar qualquer discreto, silencioso, onde possa ler, onde possa pensar não é fácil de encontrar. Se for a uma loja ou a um restaurante, terá de representar - terá de fingir que quer ou precisa de alguma coisa que não lhe interessa em sentido nenhum. Terá de proceder de conformidade com as normas, de examinar mercadorias e recusar ofertas de auxílio, ou de sentar-se a uma mesa, pedir qualquer coisa, consumi-la e sair. Se, por outro lado, estacionar apenas o carro em qualquer lado e ficar lá sentada, uma mulher sozinha, tornar-se-á vulnerável a criminosos e àqueles que tentarão protegê-la de criminosos. Ficará demasiado exposta, parecerá peculiar. Até uma biblioteca seria um lugar demasiado público, assim como um parque. Dirige o carro para a faixa da esquerda e segue para a cidade. Parece ter tomado essa decisão quase fisicamente, como se, indo para a esquerda, tivesse optado por um procedimento que a esperava tão palpavelmente como Figueroa Street, com as suas montras e os seus passeios sombreados. Irá para um hotel. Dirá (claro) que passará lá a noite, que o seu marido chega em breve. Desde que pague o quarto, que mal pode haver em usá-lo apenas duas horas?

Parece um gesto tão extravagante, tão temerário, que a simples idéia a deixa tonta, e nervosa como uma rapariguinha. Sim, é um desperdício - pagar uma noite inteira num quarto de hotel quando tenciona apenas sentar-se lá a ler cerca de duas horas -, mas de momento não têm dificuldades de dinheiro e governa a casa com relativa parcimônia. Quanto pode custar um quarto? Não deve ser nenhuma fortuna.

Embora devesse ir para um lugar barato - um motel algures nos arredores -, não se sente capaz disso. Parecer-lhe-ia excessivamente ilícito; parecer-lhe-ia excessivamente sórdido. O recepcionista poderia mesmo tomá-la por alguma profissional, fazer perguntas. Motéis desse gênero não fazem parte da sua experiência, provavelmente envolvem códigos de conduta que desconhece em absoluto, e por isso segue para o Normandy, um edifício branco e comprido a poucos quarteirões de distância. O Normandy é grande, limpo e dá pouco nas vistas. Tem a forma de um V, duas alas brancas, gêmeas, de dez andares, que envolvem um jardim urbano, com uma fonte. Tem um ar de respeitabilidade anti-séptica, destina-se a turistas e homens de negócios, pessoas cuja presença não contém a mais vaga sugestão de mistério. Laura para o carro debaixo de uma cobertura cromada na qual o nome do hotel sobressai em altas e angulosas letras cromadas. Embora seja dia claro, o ar sob a cobertura tem uma característica ligeiramente noturna, uma luminosidade lunar, uma claridade pura, branco sobre branco. Os aloés envasados, de cada lado das portas de vidro

preto, parecem surpreendidos por estarem ali.
Laura deixa o carro entregue ao funcionário, recebe o talão para depois o reclamar e transpõe as pesadas portas de vidro. O átrio é silencioso, gélido. Ouve-se o som de um carrilhão distante, cristalino e cadenciado. Sente-se imediatamente confortada e fraca. Atravessa a espessa alcatifa azul a caminho do balcão da recepção. Este hotel, este átrio, é precisamente o que quer: a sua tranqüila atmosfera neutra, a imaculada ausência de cheiro, as idas e vindas desembaraçadas, mas impassíveis. Sente-se de imediato uma cidadã deste lugar. É tão competente, tão indiferente. Ao mesmo tempo, porém, ela encontra-se ali ao abrigo de falsas ou, pior ainda, inexplicáveis circunstâncias: veio, de alguma maneira obscura, para fugir de um bolo. Tenciona dizer ao recepcionista que o marido sofreu um atraso inevitável e chegará com a bagagem dentro de uma ou duas horas. Nunca mentiu desta maneira, não, a alguém que não conhece ou ama, nunca.
Os trâmites na recepção revelam-se surpreendentemente fáceis. O recepcionista, um homem mais ou menos da sua idade, com uma voz fina e amável e uma péssima pele, não só não desconfia claramente de nada, como não nutre sequer a possibilidade de suspeitar. Quando Laura lhe pergunta: "Têm um quarto disponível?", ele responde simplesmente e sem hesitação: "Temos, sim. Deseja para pessoa só ou duplo?".
- Duplo - responde. - Para o meu marido e para mim. Ele está a chegar, com a nossa bagagem.
O recepcionista olha para trás dela, à procura de um homem carregado de malas. O rosto de Laura queima, mas ela não vacila.
- Na realidade deve chegar dentro de uma ou duas horas. Sofreu um atraso e disse-me que viesse à frente. Para ver se havia vagas.
Toca no balcão de granito preto, para se firmar. A sua história parece-lhe absolutamente implausível. Se ela e o marido estão a viajar, porque têm dois carros? Porque não telefonaram a reservar quarto?
O recepcionista, porém, não revela a mínima reação.
- Infelizmente só temos quartos nos andares mais baixos. Não se importa?
- Serve perfeitamente. É apenas para uma noite.
- Muito bem. Vejamos. Quarto 19.
Laura assina a ficha de registro com o seu próprio nome (um nome inventado ter-lhe-ia parecido demasiado estranho, demasiado sórdido) e paga logo. ("Devemos partir de manhã muito cedo e com muita pressa, prefiro resolver já isso.") Recebe a chave.
Quando se afasta da recepção, custa-lhe a crer que tenha feito aquilo. Tem a chave, passou a barreira. As portas dos elevadores, ao fundo do átrio, são de bronze martelado, cada uma encimada por uma faixa horizontal de algarismos vermelhos, e para lá chegar tem de passar por diversos conjuntos de sofás e cadeiras vazios, pelo torpor fresco de palmeiras miniaturais envasadas e, atrás de painéis de vidro, pela gruta interior formada por uma combinação de drugstore e café onde vários homens sozinhos, de fato completo, lêem jornais sentados ao balcão, uma mulher de certa idade, de uniforme rosa-claro de empregada de mesa e peruca vermelha, parece estar a dizer qualquer coisa humorística a

ninguém em particular e onde uma enorme tarte de limão com merengue, a que faltam duas fatias e que quase parece mais um cartaz do que realidade, ocupa um pedestal protegida por uma campânula de plástico claro.
Laura chama o elevador e carrega no botão para o seu andar. Debaixo de um vidro, na parede do elevador, há uma fotografia dos ovos Benedict que podem ser encomendados no restaurante do hotel até às duas da tarde. Olha para a fotografia e pensa que por pouco ainda seriam horas de encomendar ovos Benedict. Há muito tempo que está nervosa e o nervosismo não se dissipou, mas a sua natureza parece ter mudado de súbito. O seu nervosismo, juntamente com a sua irritação e decepção consigo mesma, são perfeitamente identificáveis, mas agora situam-se noutro lugar. A decisão de se registrar neste hotel e subir neste elevador parece tê-la salvo, do mesmo modo que a morfina salva um doente canceroso, não por erradicar a dor, mas fazendo simplesmente que ela deixe de ter importância. É quase como se estivesse acompanhada por uma irmã invisível, uma mulher perversa cheia de ira e recriminações, uma mulher humilhada por si mesma, e é esta Mulher, esta irmã infeliz, é ela, e não Laura, que precisa de conforto e silêncio. Laura poderia ser uma enfermeira a aliviar a dor de outra pessoa.
Sai do elevador, segue calmamente pelo corredor e mete a chave na fechadura do quarto 19.
Aqui está, pois, o seu quarto: é cor de turquesa, sem nada de invulgar em aspecto algum, tem uma colcha turquesa na cama de casal e um quadro (Paris, Primavera) numa moldura de madeira clara. Há um cheiro a álcool e pinheiro do pez, lixívia e sabonete perfumado, uma mistura que paira pesadamente sobre alguma coisa que não é bafienta, nem sequer cediça, mas também não é fresca. Trata-se, pensa, de um cheiro cansado. É o cheiro de um lugar que tem tido muito uso.
Vai até à janela, afasta as diáfanas cortinas brancas, sobe a persiana. Lá em baixo está a praceta em forma de V, com a sua fonte e as roseiras que se esforçam por medrar, os seus bancos de pedra vazios. Tem de novo a sensação de ter entrado num sonho - um sonho em que olha para este jardim peculiar, tão desabitado, pouco depois das 2 horas da tarde. Afasta-se da janela e descalça os sapatos. Põe o seu exemplar de Sra. Dalloway no tampo de vidro da mesa-de-cabeceira e estende-se na cama. O quarto está impregnado do silêncio especial que predomina nos hotéis, um silêncio cuidado, absolutamente artificial, estendido em camadas sobre uma base de estalos e gorgolejos, de rodas sobre alcatifas.
Está tão longe da sua vida. Foi tão fácil. Parece, não sabe porquê, que saiu do seu mundo e entrou no mundo do livro. Nada, evidentemente, poderia estar mais longe da Londres de Sra. Dalloway do que este hotel cor de turquesa, o que não a impede de imaginar que a própria Virginia Woolf, a mulher afogada, o gênio, podia habitar, na morte, um lugar parecido com este. Ri baixinho. "Por favor, meu Deus - roga em silêncio - permite que o Céu seja uma coisa melhor do que um quarto no Normandy". O céu devia ser mais bem mobiliado, mais luminoso e imponente, mas também era possível que tivesse uma certa dose deste afastamento silencioso, desta ausência absoluta dentro do mundo que continua.

Ter este quarto para ela parece simultaneamente recatado e libertino. Aqui está em segurança. Aqui poderia fazer tudo o que quisesse, absolutamente tudo. de certo modo como uma recém-casada, reclinada na sua alcova à espera de... não do seu marido, nem de qualquer outro homem. A espera de alguém. De alguma coisa.
Estende a mão para o livro. Assinalou onde ia com o seu marcador de prata ("Para o meu ratinho de biblioteca, com amor") que o marido lhe ofereceu há vários aniversários.
Com uma sensação de profunda e eufórica libertação, começa a ler: ... Recordava-se de uma vez ter lançado uma moeda de meio xelim na Serpentine. Mas recordações todos tinham. Do que ela gostava era disto, aqui, agora, à sua frente, a senhora gorda no táxi. Importava então, perguntava-se, enquanto caminhava para a Bond Street, tinha então alguma importância que tivesse inevitavelmente de deixar de existir por completo? Tudo isto continuaria sem ela. Isso desagradava-lhe? Ou não seria antes consolador acreditar que a morte era um fim absoluto, mas que de algum modo, nas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, aqui, ali, ela sobrevivia, Peter sobrevivia, viviam um no outro, ela fazendo parte, tinha a certeza, das árvores da casa da família, da casa de lá, feia, desordenada e toda a cair aos pedaços; fazendo parte de pessoas que nunca conhecera; dispersando-se como uma neblina entre as pessoas que melhor conhecia, que a erguiam nos seus ramos como ela vira as árvores erguerem a neblina, mas alastrava sempre para tão longe, a sua vida, ela. Mas que sonhava ela enquanto olhava para a montra da Flatchards'?
O que tentava recapturar? Que imagem de branco alvorecer no campo enquanto lia no livro aberto:
Não temas mais o calor do Sol. Nem do Inverno as violentas fúrias.
É possível morrer. Laura pensa, de súbito, como ela como qualquer pessoa - pode fazer uma escolha dessas. É um pensamento impulsivo, vertiginoso, um pouco imaterial - anuncia-se dentro da sua cabeça, leve mas distintamente, como uma voz crepitante de uma longínqua estação de rádio. Ela podia decidir morrer. É uma tremeluzente idéia abstrata, não particularmente mórbida. É em quartos de hotel que as pessoas fazem coisas dessas, não é? É possível - talvez até provável - que alguém tenha posto fim à vida aqui, neste quarto, nesta cama. Alguém disse: "Basta, não quero mais"; alguém olhou pela última vez para estas paredes brancas, este liso teto branco. Ao ir para um hotel, ela percebe-o, deixamos para trás as particularidades da nossa própria vida e entramos numa zona neutra, num limpo quarto branco, onde morrer não parece uma coisa assim tão estranha. Podia, pensa, ser profundamente reconfortante, podia dar uma sensação de tanta liberdade: partir, simplesmente. Dizer a todos: eu não podia suportar, não fazem a mínima idéia; não queria tentar mais. Podia, pensa, haver uma terrível beleza nisso, como um campo de gelo ou um deserto ao despontar da manhã. Ela podia ir, por assim dizer, para essa outra paisagem, podia deixá-los todos cá - o seu filho, o seu marido e Kitty, os seus pais, toda a gente -, neste mundo escalavrado (nunca mais voltará a ficar inteiro, ileso, nunca será completamente limpo), dizendo uns aos outros e a quem perguntasse: nós pensávamos que ela estava bem, pensávamos que as suas mágoas eram mágoas comuns. Não fazíamos

nenhuma idéia.
Passa a mão pelo ventre. Nunca o faria. Diz as palavras em voz alta, no quarto limpo e silencioso: "Nunca o faria". Ama a vida, ama-a desesperadamente, pelo menos em certos momentos. E além disso estaria a matar também o seu filho. Estaria a matar o seu filho e o seu marido, e a outra criança ainda a formar-se dentro dela. Como poderia qualquer deles refazer-se de semelhante coisa? Nada do que pudesse fazer como mulher e mãe viva, nenhum deslize, nenhum acesso de fúria ou depressão, nada se poderia comparar a isso. Seria simplesmente ruim, perverso. Abriria na atmosfera um buraco através do qual tudo quanto ela criou - os dias bem organizados, as janelas iluminadas, a mesa posta para o jantar - seria sugado e desapareceria.
No entanto, está satisfeita por saber (pois, de algum modo, subitamente, sabe) que é possível parar de viver. Existe conforto em encarar toda a gama de opções, em considerar sem medo e sem astúcia todas as escolhas possíveis. Imagina Virgínia Woolf, virginal, desequilibrada, vencida pelas impossíveis exigências da vida e da arte; imagina-a a entrar num rio com uma pedra na algibeira. Laura continua a passar a mão pelo ventre. Seria tão simples, pensa, como alugar um quarto num hotel. Sim, seria tão simples como isso.

Senta-se na cozinha com Vanessa, a tomar chá.
- Havia um lindo casaco para a Angelica no Harrods diz Vanessa. Mas não havia nada para os rapazes e pareceu-me muito injusto. Acho que lhe darei o casaco como prenda de anos, mas claro que ela vai ficar zangada, pois está convencida de que os casacos lhe são devidos naturalmente, e não dados como presentes.
Virginia acena com a cabeça. De momento parece incapaz de falar. Há tantas coisas no mundo. Há casacos no Harrods, há crianças que ficarão zangadas e decepcionadas seja o que for que uma pessoa faça. Há a mão gorducha de Vanessa na sua chávena e há o tordo lá fora, tão bonito na sua pira tão parecido com um artigo de chapelaria feminina.
Há esta hora, neste momento, na cozinha. Clarissa não morrerá; não pela sua própria mão. Como poderia ela suportar perder todas estas coisas?
Virginia prepara-se para fazer alguns comentários sensatos a respeito de crianças. Quase não sabe o que dirá, alguma coisa há-de dizer.
Gostaria de dizer: "Chega. As chávenas de chá e o tordo lá fora, a questão dos casacos das crianças. Chega".
Morrerá qualquer outra pessoa. Deve ser alguém com uma inteligência maior do que a de Clarissa; deve ser alguém com talento e mágoa suficientes para virar as costas às seduções do mundo, às suas chávenas e aos seus casacos.
- Talvez Angelica... - começa a dizer Virginia.
Mas eis que Nelly chega em socorro de Virginia: furiosa, triunfante, regressando de Londres com um embrulho contendo o chá da China e o pão de especiarias doce. Ergue o embrulho bem alto, como se fosse arremessá-lo.
- Boa tarde, Sra. Bell - cumprimenta com a calma estudada do carrasco.
Eis Nelly com o chá e o pão de especiarias e eis aqui, para sempre, Virginia, inexplicavelmente feliz, mais do que feliz, animada, sentada com Vanessa na cozinha num normal dia de Primavera, enquanto Nelly, a cativa, a rainha amazona, Nelly, a eternamente indignada, exibe o que foi forçada a trazer.
Nelly vira-se e, embora esse não seja de modo algum o costume delas, Virginia inclina-se para a frente e beija Vanessa na boca. É um beijo inocente, bastante inocente, mas neste preciso momento, ali na cozinha, nas costas de Nelly, dá-lhe a sensação de ser o mais delicioso e proibido dos prazeres. Vanessa retribui o beijo.

- Pobre Louis. Julia suspira, com um misto surpreendentemente maduro de pesar e paciência esgotada, e por momentos parece uma figura de vetusta desaprovação maternal, como se pertencesse a uma linhagem centenária de mulheres que suspiraram de pesar e paciência esgotada por causa das estranhas paixões dos homens.
Momentaneamente, Clarissa consegue imaginar a sua filha aos 50 anos: será aquilo a que as pessoas chamam uma mulher generosa na acepção lata da palavra, grande de corpo e espírito, misteriosamente capaz, decidida, sem dramatismos e madrugadora. Clarissa quer, nesse momento, ser Louis: não estar com ele (isso pode ser tão espinhoso, tão difícil), mas ser ele, uma pessoa infeliz, uma pessoa estranha, desleal, sem escrúpulos, solta nas ruas.
- Sim - diz. - Pobre Louis.
Estragará Louis a festa a Richard? Porque convidou ela Walter Hardy?
- É um homem tão estranho - observa Julia.
- Serias capaz de suportar, se eu te abraçasse?
Julia ri-se e volta a ter 19 anos. É incrivelmente bonita. Vai ver filmes de que Clarissa nunca ouviu falar, tem acessos de mau humor e exultação. Usa seis anéis na mão esquerda, mas nenhum deles é o que a mãe lhe deu quando fez 18 anos.
Usa uma argola de prata no nariz.
- Claro que sim - responde.
Clarissa abraça Julia e depois solta-a rapidamente.
- Como estás? - pergunta de novo e arrepende-se logo.
Receia que este seja um dos seus tiques, um daqueles pequenos hábitos inocentes que inspiram pensamentos homicidas a um filho. A sua própria mãe pigarreava compulsivamente. A sua mãe prefaciava todas as opiniões discordantes dizendo: "Detesto ser desmancha-prazeres, mas ... ". Estas coisas permanecem na memória de Clarissa, muito vivas e ainda capazes de provocar irritação, depois de a bondade, a modéstia e as filantropias da sua mãe se terem desvanecido.
Costuma dizer com excessiva freqüência a Julia: "Como estás?". É uma pergunta que faz movida, em parte, pelo nervosismo (como pode evitar ser formal com a filha, sentir-se um pouco ansiosa, depois de tudo o que aconteceu?) e, em parte também, porque quer, simplesmente, saber.
A sua festa, pensa, será um fracasso. Richard sentir-se-á enfadado e ofendido e com toda a razão. Ela é superficial, importa-se de mais com coisas deste gênero. A filha deve troçar dela, a esse respeito, com as amigas.
Mas também ter amigas como a Mary Krull!
- Estou bem - responde Julia.
- Estás com um aspecto maravilhoso! - diz-lhe Clarissa, num desespero jovial.
Pelo menos está a ser generosa. Está a ser uma mãe que elogia a filha, lhe dá confiança, não se lamenta a respeito das suas próprias preocupações.
- Obrigada - agradece Julia. - Ontem deixei cá a minha mochila?
- Deixaste. Está ali no cabide junto da porta.

- Ainda bem. A Mary e eu vamos às compras.
- Onde te vais encontrar com ela?
- Na verdade, ela está aqui. Está lá fora.
- Ah!
- Está a fumar um cigarro.
- Bem, talvez quando acabar de fumar ela queira entrar e dizer-me olá.
O rosto de Julia ensombra-se com uma expressão de arrependimento e algo mais - estará a sua antiga fúria a voltar? Ou trata-se apenas de culpa, pura e normal culpa? Segue-se um silêncio. Dir-se-ia que entrou em ação uma força de convencionalismo, potente como a da gravidade. Mesmo que tenhamos sido rebeldes a vida inteira, mesmo que tenhamos criado uma filha tão honestamente quanto sabíamos, numa casa de mulheres (o pai não mais do que um frasquinho numerado, lamento, Julia, não existe nenhuma maneira de o encontrar), mesmo com tudo isso, parece que tem de chegar um dia em que nos encontramos paradas em cima de um tapete persa, cheias de desaprovação maternal e amargos sentimentos feridos, enfrentando uma rapariga que nos despreza (ainda deve desprezar, não deve?) por a termos privado de um pai.
Talvez quando acabar de fumar ela queira entrar e dizer-me olá.
Mas porque não havia Mary de respeitar algumas das regras fundamentais do decoro humano? Não é decente esperar à porta do apartamento de outra pessoa, por muito inteligentes e coléricos que sejamos. Entramos e cumprimentamos. Submetemo-nos a isso.
- Eu vou buscá-la - diz Julia.
- Não tem importância.
- Não, sério. Ela está apenas lá fora a fumar. Sabe como a Mary é. Primeiro os cigarros e depois tudo o mais.
- Não a tragas. Palavra. Vai, liberto-te.
- Mas eu quero que vocês duas se conheçam melhor uma à outra.
- já nos conhecemos perfeitamente bem.
- Não tenha medo, mãe. A Mary é uma querida. Inteira e absolutamente inofensiva.
- Eu não tenho medo dela. Pelo amor de Deus!
Julia mostra um sorriso irritantemente astuto, abana a cabeça e sai. Clarissa inclina-se para a mesinha de apoio e desloca a jarra dois ou três centímetros para a esquerda. Sente uma vontade súbita de esconder as rosas. Ainda se fosse outra pessoa qualquer em vez de Mary Krull. Se fosse outra pessoa qualquer..
Julia volta, com Mary Krull a reboque. Aqui está pois, uma vez mais, Mary - Mary a severa e rigorosa, Mary a íntegra,
com a cabeça rapada começando a mostrar uma mancha de cabelo escuro, vestindo calças largas cor de pêlo de rato, seios descaídos, à solta (deve ter mais de 40 anos), debaixo do andrajoso top branco. Ali está o seu andar pesado, ali estão os seus olhos astutos, desconfiados. Ao ver Julia e Mary juntas, Clarissa pensa numa rapariguinha arrastando para casa um cão vadio, de costelas a romper a pele e grandes dentes manchados, uma patética e, em última análise, perigosa criatura que precisa claramente de uma boa casa, mas cuja fome é na realidade tão funda que nenhuma demonstração de amor ou generosidade a

consegue comover. O cão limitar-se-á a comer, a comer. Nunca ficará satisfeito. Nunca será domesticado.
- Olá, Mary - saúda-a Clarissa.
- Olá, Clarissa. - Atravessa a sala e sacode a mão de Clarissa para baixo e para cima. A sua mão é pequena, forte, surpreendentemente macia. - Como está? - pergunta.
- Bem, obrigada. E você?
Encolhe os ombros. "Como posso eu estar, como pode alguém estar num mundo como este?" Clarissa caiu com demasiada facilidade na armadilha da pergunta ardilosa. Pensa nas suas rosas. Obrigarão crianças a colhê-las? Será verdade que famílias chegam aos campos antes do alvorecer e passam os dias dobradas sobre as roseiras, com as costas doridas e os dedos sangrando dos espinhos?
- Vão às compras? - pergunta, sem tentar disfarçar o desdém da sua voz.
- Botas novas - responde Julia. - As da Mary estão quase a cair-lhe dos pés.
- Detesto fazer compras. - Mary mostra um levíssimo sorriso de desculpa. - É uma grande perda de tempo.
- Hoje vamos comprar botas - declara Julia. - Ponto final.
A filha de Clarissa, aquela maravilhosa e inteligente rapariga, podia ser uma mulher bem disposta, acompanhando e orientando o marido num dia de compras. Podia ser uma figura dos anos 50, com algumas alterações relativamente pequenas.
- Eu não conseguiria fazê-lo sem ajuda - diz Mary a Clarissa. - Sou capaz de enfrentar um chui com gás lacrimogêneo, mas quando se trata de uma empregada de balcão, por favor, não se aproxime de mim.
Clarissa descobre, surpreendida, que Mary está a fazer um esforço. Está a tentar cativá-la, à sua maneira.
- Oh, elas não podem ser assim tão assustadoras!
- São as lojas, tudo aquilo, aquela merda toda por todo o lado... desculpe, aquela mercadoria, todas aquelas coisas, e
anúncios a gritarem-nos de todos os cantos, compra compra compra compra compra, e, quando alguém vem ter comigo com cabelo comprido e pastas de maquiagem e pergunta: "Posso ajudá-la?", tenho de fazer um esforço danado para não gritar: "Idiota, nem a ti mesma és capaz de ajudar".
- Hmm - murmura Clarissa. - Isso parece grave.
- Mary, vamos - diz Julia.
- Toma bem conta dela - recomenda Clarissa à filha.
"Idiota, - pensa Mary Krull. - Bruxa convencida e satisfeita consigo mesma." Mas logo se autocorrige. Clarissa Vaughan não é o inimigo. Clarissa Vaughan está apenas iludida, nem mais nem menos do que isso. Acredita que, obedecendo às normas, pode ter o que os homens têm. Foi na conversa. Não tem culpa. Mesmo assim, apetecia-lhe agarrar-lhe a frente da camisa e gritar: "Acredita sinceramente que, se eles vierem arrebanhar os aberrantes, não pararão à sua porta, não acredita? É realmente idiota a esse ponto".
- Adeus, mãe - despede-se Julia.
- Não te esqueças da mochila.
- Ah, é verdade! - Julia ri-se e tira a mochila do cabide.

É de lona cor de laranja-vivo, nada o tipo de coisa que se esperaria que ela tivesse.
O que estava, afinal, errado com o anel? Momentaneamente, enquanto Julia está de costas voltadas, Clarissa e Mary ficam cara a cara.
"Idiota - pensa Mary, embora se esforce por se manter caridosa ou, pelo menos, serena. - Não, que se lixe a caridade. Não há nada pior do que fufas da velha escola, vestidas como convém, burguesas até à medula, vivendo como marido e mulher. É melhor ser franca e assumida, é melhor ser uma porra de uma caminhoneira do que uma machona bem vestida com um emprego respeitável."
"Impostora. - pensa Clarissa. - Enganaste a minha filha, mas a mim não me enganas. Conheço uma conquistadora à distância. Sei tudo a respeito de fazer sensação. Não é difícil. Se alguém grita suficientemente alto e durante o tempo necessário, junta-se uma multidão para ver qual é a causa do barulho. É da natureza das multidões. Não ficam muito tempo, a não ser que lhes dêem razão para isso. És tão má como a maioria dos homens, tão agressiva como eles, tão auto-exaltante, e a tua hora chegará e passará. "
- Pronto - diz Júlia -, vamos.
- Não te esqueças da festa - recomenda Clarissa. - Às 5 horas.
- Está bem. - Julia coloca a berrante mochila cor de laranja às costas, provocando em Clarissa e Mary uma momentânea identificação de sentimentos. Cada uma delas adora com especial veemência a auto-confiança desembaraçada e afável de Julia, os dias ilimitados que tem pela frente.
- Até logo - diz Clarissa.
Ela é fácil. É uma pessoa que pensa demasiado em festas. Se ao menos Julia conseguir esquecê-la, um dia...
- Adeus - diz Mary e sai atrás de Julia.
Mas porque tinha de ser Mary Krull? Porque havia uma rapariga heterossexual como Julia de se transformar numa acolita? Ainda estará assim tão ansiosa por um pai?
Mary demora-se um momento atrás de Julia, permitindo-se admirar-lhe as costas largas e graciosas, as luas gêmeas do seu rabo. Sente-se quase completamente dominada pelo desejo e por algo mais, um nervo mais subtil e mais intensamente doloroso que se ramifica através do seu desejo. Julia desperta nela um patriotismo erótico, como se fosse o país distante em que Mary nasceu e de onde foi expulsa.
- Vamos - chama Julia alegremente por cima do ombro, por cima do brilho laranja sintético da sua mochila.
Mary pára um momento a observar. Acredita que nunca viu nada tão belo. "Se pudesses amar-me - pensa - eu faria tudo. Compreendes? Tudo."
- Anda, vamos - insiste Julia, e Mary apressa o passo atrás dela, desesperadamente, numa agonia (Julia não a ama, não dessa maneira, nem nunca amará), para ir comprar umas botas novas.

Vanessa e os filhos partiram de regresso a Charleston.
Nelly está no andar de baixo a preparar o jantar, misteriosamente bem disposta, como não a via há dias - será possível que goste de ter sido mandada fazer um recado estúpido, que aprecie a injustiça de tal procedimento ao ponto de se sentir inspirada para cantar na cozinha?
Leonard está a escrever no seu escritório e o tordo jaz no leito de ervas e rosas, no jardim.
Parada junto de uma janela da sala, Virginia observa o cair da noite sobre Richmond.
Chega ao fim um dia normal. Na sua mesa de trabalho, numa sala às escuras, encontram-se as páginas do novo romance, a respeito do qual acalenta extravagantes esperanças, mas que, neste momento, teme (acredita que sabe) que venha a revelar-se árido e fraco, destituído de verdadeiro sentimento: um beco sem saída.
Passaram poucas horas, apenas, mas o que sentiu na cozinha com Vanessa - aquela forte satisfação, aquela ventura - evaporou-se tão completamente que é como se nunca tivesse acontecido.
Há apenas isto: o cheiro da carne de vaca que Nelly está a assar (repugnante, e Leonard vai vigiá-la enquanto se esforçar para a comer), todos os relógios da casa prestes a bater a meia hora, o seu próprio rosto a refletir-se cada vez mais nitidamente no vidro da janela à medida que os candeeiros de iluminação pública - cor de limão-claro contra o azul-tinta do céu - se acendem de ponta a ponta de Richmond. É suficiente, diz a si mesma, e esforça-se por acreditar nisso. É suficiente estar nesta casa, livre da guerra, com um serão de leitura pela frente, e depois sono, e depois de novo o trabalho, de manhã. É suficiente que os candeeiros da rua projetem sombras amarelas nas árvores.
Sente a dor de cabeça subir sorrateiramente pela parte de trás do pescoço. Fica hirta. Não, é só a recordação da dor de cabeça, é o seu medo da dor de cabeça, ambas as coisas tão nítidas e fortes que, pelo menos fugazmente, é impossível distingui-las do verdadeiro início da dor de cabeça. Fica muito direita, à espera. Está tudo bem. Está tudo bem. As paredes da sala não oscilam; nada murmura no interior do estuque. Ela é ela mesma, ali parada, com um marido em casa, com criadas, tapetes, almofadas e candeeiros. Ela é ela.
Sabe que vai sair antes mesmo de resolver sair. Um passeio a pé; dará apenas um passeio a pé. Voltará dentro de meia hora, ou menos. Veste rapidamente a capa, põe o chapéu e o lenço no pescoço. Dirige-se em silêncio para a porta de serviço, sai, fecha-a com cuidado atrás de si. Prefere que ninguém lhe pergunte aonde vai nem quando espera voltar.
Lá fora, no jardim, está o pequeno monte obscuro do tordo na sua sepultura, abrigado pelas sebes. Soprou um vento forte de leste, e Virginia arrepia-se. Tem a sensação de haver saído de casa (onde há carne de vaca a assar e candeeiros acesos) e entrado no reino da ave morta. Pensa nos recém-sepultos, que ficam toda a noite nas suas campas, depois de as pessoas presentes no funeral terem

dito orações, depositado coroas e regressado à aldeia. Depois de as rodas dos carros se terem afastado sobre a lama seca da estrada, depois de comidos os jantares e abertas as camas, depois de tudo isso ter acontecido, a sepultura permanece, com as suas flores fustigadas ao de leve pelo vento. Amedronta, mas não é inteiramente desagradável, esta atmosfera de cemitério. É real, é quase opressivamente real. E, a seu modo e neste momento, mais suportável, mais nobre, do que a carne de vaca e os candeeiros. Desce a escada e caminha para a relva.

O corpo do tordo ainda lá está (é curioso como os gatos e os cães da vizinhança não estão interessados), pequenino até mesmo para um pássaro, tão definitivamente sem vida, aqui no escuro, como uma luva perdida, este pequeno e vazio punhado de morte. Virginia pára junto dele. Agora é lixo; perdeu a beleza da tarde do mesmo modo que Virginia perdeu a sua admiração, à mesa do chá, por chávenas e casacos, do mesmo modo que o dia está a perder o seu calor. De manhã, com uma pá, Leonard recolhe pássaro, erva e rosas e deita tudo fora. Virginia pensa na muito maior quantidade de espaço que um ser ocupa na vida do que na morte, na muita ilusão de tamanho contida em gestos e movimentos, na respiração. Mortos, somos revelados nas nossas verdadeiras dimensões, que são surpreendentemente modestas. Não parecera a sua própria mãe ter sido levada sub-repticiamente e substituída por uma versão mais pequena de ferro claro? Não sentira ela, Virginia, em si mesma um espaço vazio, de uma pequenez espantosa, onde seria natural que um sentimento forte residisse?

Aqui está, pois, o mundo (casa, céu, uma primeira estrela hesitante) e aqui está o seu oposto, esta pequena forma escura num círculo de rosas. É lixo, mais nada. Beleza e dignidade foram ilusões criadas pela companhia de crianças, alimentadas para benefício de crianças.

Vira-se e afasta-se. Neste momento parece possível a existência de outro lugar qualquer, um lugar que não tem nada a ver nem com carne assada nem com o círculo de rosas. Sai pela cancela do jardim para a travessa das traseiras e segue na

Direção da cidade.

Quando atravessa a Princes Street e desce a Waterloo Place (a caminho de quê?), passa por outras pessoas: um homem gordo e imponente com uma sacola, duas mulheres que devem ser criadas regressando da sua tarde de saída, tagarelando, mostrando lampejos de pernas brancas por baixo de casacos finos, o brilho barato de uma pulseira. Virgínia aconchega a gola da capa ao pescoço, embora não esteja frio. Escurece, apenas, e está vento. Acha que vai, realmente, até à cidade, mas fazer o quê? As lojas já estão a ser varridas e preparadas para fechar. Passa por um casal, um homem e uma mulher mais novos do que ela, caminhando juntos, vagarosamente, inclinados um para o outro debaixo da suave luminosidade cor de limão de um candeeiro, conversando (ela ouve o homem dizer, "disse-me qualquer coisa qualquer coisa qualquer coisa neste estabelecimento, qualquer coisa, qualquer coisa - um pigarro de enfado -, francamente!"); ambos, homem e mulher, usam chapéus elegantes, a ponta franjada de um cachecol cor de mostarda (de qual deles?) ondula atrás como uma bandeira; ambos vão ligeiramente inclinados para a frente, assim como um

para o outro, enquanto sobem a encosta, segurando os chapéus contra a força do vento, ávidos, mas sem pressa, regressando a casa (muito provavelmente) de um dia passado em Londres. Agora ele diz: "E por isso tenho de te perguntar .. ", depois do que baixa a voz - Virginia não consegue perceber as palavras -, a mulher solta um pequeno guincho alegre, mostrando um momentâneo fulgor branco de dentes, e o homem ri-se, sempre a caminhar, apoiando com perfeita confiança a biqueira de um e depois a do outro sapato castanho primorosamente engraxado.

Estou só, pensa Virginia enquanto o homem e a mulher continuam a subir a encosta e ela continua a descê-la. Claro que não está só, não de uma maneira que qualquer outra pessoa reconheceria, e, no entanto, neste momento, ao caminhar debaixo de vento na direção das luzes do Quadrant, sente a proximidade do antigo demônio (que outro nome lhe dar?) e sabe que estará de fato absolutamente só se e quando o demônio resolver aparecer de novo. O demônio é uma dor de cabeça, o demônio é uma voz dentro de uma parede, o demônio é uma barbatana rasgando ondas escuras. O demônio é o breve, palpitante nada que foi a vida de um tordo. O demônio suga toda a beleza do mundo, toda a esperança, e o que resta quando o demônio se farta é um reino de mortos vivos - triste, asfixiante. Virginia sente agora, neste exato momento, uma certa grandeza trágica, pois o demônio é muitas coisas, mas não é insignificante, não é sentimental: ferve nele uma letal, uma intolerável verdade. Neste momento, enquanto caminha, livre da sua dor de cabeça, livre das vozes, consegue ver o rosto do demônio, mas tem de continuar a andar, não pode voltar para trás.

Quando chega ao Quadrant (o talho e o vendedor de hortaliças já enrolaram os toldos), vira na direção da estação do caminho-de-ferro. Irá, pensa, a Londres; irá simplesmente a Londres, como Nelly foi para fazer o seu recado, embora o recado de Virginia seja a própria viagem, a meia hora no comboio, a saída na estação de Paddington, a possibilidade de descer uma rua até outra rua e outra depois dessa. Que aventura! Que mergulho! Parece que pode viver, pode medrar se tiver Londres à sua volta, se desaparecer durante alguns momentos na sua enormidade, desafiadora e audaciosa agora sob um céu vazio de ameaça, todas as janelas sem cortinas (aqui o perfil grave de uma mulher, ali a coroa de um cadeirão entalhado), o trânsito, homens e mulheres passando, ligeiros, em trajes de noite; os cheiros a cera e gasolina, a perfume, enquanto alguém, algures (numa daquelas avenidas largas, numa daquelas casas brancas com pórticos), toca piano; enquanto berram buzinas e ladram cães, enquanto todo o ruidoso carrossel gira e torna a girar, fulgurante, tremeluzente; enquanto o Big Ben bate as horas, que descem em círculos de chumbo sobre os que se vão divertir e sobre os ônibus, sobre a Rainha Vitória de pedra sentada diante do Palácio nos seus canteiros de gerânios, sobre os jardins que jazem afundados na sua solenidade sombria atrás de gradeamentos de ferro pretos.

Virginia desce a escada para a estação do caminho-de-ferro. A estação de Richmond é simultaneamente um portal e um destino. Tem colunas, abóbada, impregna-a um leve cheiro a queimado, é ligeiramente desolada mesmo quando cheia de gente (como agora), contornada por bancos de madeira amarelos que não convidam a permanecer. Olha para o relógio, vê que acaba de partir um

comboio e o seguinte só partirá dali a quase vinte e cinco minutos. O seu corpo fica rígido. Imaginara (idiota!) que entraria logo num comboio ou, no máximo, esperaria cinco ou dez minutos. Para impacientemente diante do relógio e depois dá alguns passos lentos no cais. Se fizer aquilo, se entrar no comboio que parte dentro de, deixa ver, vinte e três minutos, e for a Londres, e passear em Londres, e apanhar o último comboio de regresso (o que a porá em casa, em Richmond, as 11.10 da noite), Leonard ficará desvairado de preocupação. Se lhe telefonar (há uma cabina pública, recentemente instalada, na estação), ele ficará furioso, exigirá que regresse imediatamente, dará a entender (nunca o diria claramente) que, se ficar exausta e oprimida, se adoecer de novo, a culpada será ela. E aí, claro, reside o dilema: ele estará coberto de razão e tremendamente enganado ao mesmo tempo. É verdade que ela está melhor, está mais segura, se descansar em Richmond; se não falar de mais, não escrever de mais, não sentir de mais; se não viajar impetuosamente para Londres e passear pelas ruas. Contudo, desta maneira está a morrer, está a morrer docemente num leito de rosas. É melhor, na realidade, enfrentar a barbatana na água do que viver escondida, como se a guerra ainda continuasse (é estranho que a primeira recordação que lhe acode à memória, depois de tudo aquilo, seja a interminável espera na cave, toda a gente da casa ali amontoada, junta, e ter de conversar durante horas com Nelly e Lottie). A sua vida (passados já os 40!) está a ser medida, consumida chávena a chávena, e o carro de circo que transporta Vanessa - toda aquela sua companhia espalhafatosa e alegre, aquela imensa vida, os filhos, os quadros, os amantes, a casa magnificamente atravancada - continuou pela noite fora, deixando atrás de si o seu eco de címbalos, as suas notas de acordeão, enquanto as rodas avançam estrada fora. Não, não telefona da estação, telefona quando chegar a Londres, quando não for possível fazer nada. Aceitará o seu castigo.

Compra um bilhete ao homem corado que está atrás do guichê e vai sentar-se, muito direita, num banco de madeira. Ainda faltam dezoito minutos. Fica sentada no banco, olhando em frente (se ao menos tivesse alguma coisa para ler!), até não suportar mais (ainda faltam quinze minutos). Levanta-se e sai da estação. Se caminhar até à esquina, pela Kew Road, e depois voltar para trás, chegará mesmo a tempo de apanhar o comboio.

Vai a passar pelo seu fragmentado reflexo dourado na tabuleta com o nome escrito a letras de ouro do talho, suspensa no vidro por cima de uma carcaça de borrego (um tufo de lã desmaiada agarra-se ainda ao astrágalo do animal), quando vê Leonard caminhar na sua direção. Pensa, momentaneamente, virar as costas e correr de novo para a estação, pensa que, fazendo isso, escapará a algum tipo de catástrofe. Mas não faz semelhante coisa. Continua a andar em frente, ao encontro de Leonard, que tudo indica ter saído de casa apressadamente - ainda traz os chinelos de cabedal - e parece espantosamente magro - esquelético - no seu colete e casaco de bombazina e com o colarinho desabotoado. Apesar de ele ter vindo à sua procura como um polícia ou um inspetor escolar, uma figura repreensora, impressiona-a como parece pequeno, assim de chinelos na Kew Road, o seu ar de homem de meia-idade, tão banal. Vê-o, fugazmente, como um estranho poderia vê-lo: apenas mais um dos muitos homens que andam pelas ruas. Sente-se triste por ele, e estranhamente

comovida. Consegue mostrar-lhe um sorriso irônico.
Sr. Woolf. Que prazer inesperado.
- Importas-te de me dizer o que estás a fazer, por favor?
- A dar um passeio. Isso parece-te misterioso?
- Só quando desapareces de casa, pouco antes do jantar, sem dizer uma palavra.
- Não quis interromper-te. Sabia que estavas a trabalhar.
- Estava.
- Bem, aí tens.
- Não deves desaparecer assim. Não gosto.
- Estás a proceder de um modo muito estranho, Leonard.
- Achas? - replica, carrancudo. - Não sei o que se passa, realmente. Fui procurar-te e tu não estavas. Pensei que tinha acontecido alguma coisa. Não sei porque.
Virginia imagina-o a procurar na casa toda, no jardim. Pensa nele a sair de casa a correr, passando pelo corpo do tordo, transpondo a cancela, descendo a encosta. Sente, de súbito, uma imensa pena dele. Sabe que devia dizer-lhe que a sua premonição não tinha sido inteiramente errada, que ela encenara de fato uma espécie de fuga e tencionara de fato desaparecer, ainda que por algumas horas apenas.
- Não aconteceu nada. Vim só arejar pelas avenidas. A noite convida.
- Fiquei muito preocupado - confessa ele. - Não sei porquê.
Ficam parados juntos, num breve silêncio pouco habitual. Olham para a montra do talho, onde as suas imagens se refletem, distorcidas, nas letras douradas.
- É melhor voltarmos para o assado da Nelly - diz Leonard. - Dispomos de aproximadamente quinze minutos antes de ela ficar em pé de guerra e deitar fogo à casa.
Virginia hesita. Mas Londres! Ainda quer, desesperadamente, embarcar naquele comboio.
- Deves estar com fome - responde.
- Estou, um pouco. E tu também, com certeza.
Pensa, de súbito, como os homens são frágeis, cheios de terror. Pensa em Quentin, a entrar em casa para lavar a morte do tordo das mãos. Parece-lhe, neste momento, ter um p, de cada lado de uma linha invisível. Deste lado está o austero e preocupado Leonard, a enfiada de lojas fechadas, a subida escura que conduz a Hogarth House, onde Nelly espera cheia de impaciência, quase alegremente, a oportunidade de aumentar o rol das suas queixas. No outro lado está o comboio. No outro lado está Londres, e tudo quanto Londres representa no que diz respeito a liberdade, no que diz respeito a beijos, no que diz respeito a possibilidades de arte e ao brilho ardiloso e negro da loucura. sra. Dalloway, pensa, é uma casa numa colina onde está prestes a começar uma festa; a morte é a cidade que fica em baixo, que sra. Dalloway ama e teme e em que quer, de algum modo, embrenhar-se tão profundamente que nunca mais encontrará o caminho de regresso.
- É altura de voltarmos para Londres - diz a Leonard. - Não achas?
- Não estou nada certo disso.
- Há muito tempo que tenho estado melhor. Não podemos viver eternamente nos subúrbios, pois não?

- Discutimos isso durante o jantar, está bem?
- Pois sim.
- Queres muito viver em Londres?
- Quero. Desejava que não fosse assim. Desejava sentir-me feliz com a vida tranqüila. Como eu desejo.
- Vamos, anda.
Tem o bilhete na carteira. Nunca dirá a Leonard que planeara fugir, ainda que por poucas horas. Como se fosse ele que precisasse de cuidados e conforto - como se fosse ele que corresse perigo -, Virginia dá-lhe o braço e aperta-lhe afetuosamente o cotovelo. Começam a subir a encosta para Hogarth House, de braço dado, como um casal de meia-idade que volta para casa.

- Mais café? - pergunta Oliver a Sally.
- Obrigada. - Sally estende a chávena ao assistente de Oliver, um homem novo, surpreendentemente simples, de cabelo louro muito claro e faces encovadas, que, apesar de ter sido apresentado como assistente, parece estar encarregado de servir café. Esperara um jovem garanhão impecável, todo queixo e bíceps. Este rapaz magricela e zeloso estaria no seu ambiente atrás do balcão da secção de perfumaria de um armazém.
- Então, que lhe parece? - pergunta Oliver.
Sally olha para o café a ser deitado na chávena, para evitar olhar para Oliver. Quando a chávena é colocada à sua frente, lança um olhar a Walter Hardy, que, por sua vez, não denuncia nada. Walter tem um talento especial, notável no seu gênero, para parecer absolutamente desatento e completamente inexpressivo, como um lagarto que rastejou para uma rocha cheia de sol.
- Interessante - responde.
- É - concorda Oliver.
Sally acena judiciosamente com a cabeça e bebe um gole de café.
- Pergunto-me se seria, de fato, possível fazê-lo.
- Penso que chegou a altura - responde Oliver. - Penso que as pessoas estão preparadas.
- Pensa, realmente?
Sally apela silenciosamente a Walter. "Fala, idiota." Walter limita-se a acenar com a cabeça, pestanejando, regalando-se ao sol, atento à possibilidade de perigo e, ao mesmo tempo, praticamente hipnotizado pelo calor que emana de Oliver Sr. Ives, o qual veste com despreocupada elegância, deve andar pelos 45 anos, tem olhos penetrantes atrás dos discretos óculos de aros dourados e cuja imagem no celulóide sobreviveu a incontáveis tentativas de outros homens para o assassinarem, vigarizarem, denegrirem o seu nome e destruírem a sua família - e que fez amor com deusas sempre com o mesmo ardor envergonhado de quem não pode acreditar na sua sorte.
- Penso - responde Oliver, com um audível aumento de impaciência no tom da voz.
- Parece realmente, enfim, interessante - diz Sally, que não consegue evitar o riso.
- O Walter podia fazê-lo - continua Oliver. - O Walter podia safar-se com isso. Sem a menor dúvida.
Ao ouvir o seu nome, Walter parece despertar, pestaneja mais rapidamente, chega-se para a frente na cadeira, quase muda de cor.
- Adoraria tentar - confessa.
Oliver mostra o seu famoso sorriso. Às vezes Sally ainda se surpreende com o muito que Oliver se parece consigo mesmo. Não costumam os grandes atores de cinema ser baixos, comuns e mal-humorados? Não nos devem isso?. Ives deve ter sido identificável como astro de cinema desde a infância. Não deve ter muito menos de um metro e noventa de altura e nas palmas das suas mãos perfeitas,

com tufos de pelos louro, poderiam caber facilmente as cabeças da maioria dos outros homens. Tem traços largos e rosto plano e, se em pessoa não é tão bem parecido como na tela, não deixa de possuir em igual dose a mesma misteriosa e inegável singularidade, uma singularidade que não é apenas de espírito, mas também da carne, como se todos os outros musculosos, exuberantes e resolutos homens americanos fossem de algum modo cópias dele, mais ou menos bem feitas.
- Tenta - diz Oliver a Walter. - Tenho muita confiança nas tuas capacidades. Deste cabo da minha carreira com uma pequena história, lembras-te?
Walter tenta mostrar um sorriso sabido, mas o que consegue tem um ar horrivelmente falso e ressuma ódio. Sally imagina-o, de súbito e com perfeita clareza, aos 10 anos de idade. Devia ter sido gordo, desesperadamente amistoso, capaz de avaliar a posição social de outros miúdos da sua idade com uma precisão milimétrica e de praticar a deslealdade em quase todas as suas formas.
- Não me venhas com isso - diz, sorrindo. - Eu não tentei dissuadir-te? Quantas vezes te telefonei?
- Oh, não te preocupes, amiguinho, estou a brincar contigo - responde Oliver. - Não me arrependo de nada, absolutamente de nada. Que pensas do enredo?
- Nunca experimentei um thriller.
- É fácil. É a coisa mais fácil do mundo. Aluga meia dúzia dos que deram dinheiro e ficas a saber tudo quanto precisas.
- No entanto, este seria um pouco diferente - observa Sally.
- Não - discorda Oliver, com uma paciência sorridente e irritada. - Nada diferente. Este teria um homem gay como herói. É a única diferença, e não é nada do outro mundo. Ele não viveria torturado por causa da sua sexualidade. Não teria HIV. Seria apenas um tipo gay que faz o seu trabalho. Que salva o mundo, de uma maneira ou outra.
- Humm... - murmura Walter. - Creio que era capaz de o fazer. Gostaria de tentar.
- Muito bem. Excelente.
Sally sorve o seu café, querendo ir-se embora e querendo ficar, querendo não querer ser admirada por Oliver Sr. Ives. Não há força mais poderosa no mundo, pensa, do que a fama. Para ajudar a manter o seu equilíbrio, passeia o olhar pelo apartamento, que apareceu na capa da Architectural Dígest um ano antes de Oliver se assumir e provavelmente nunca mais aparecerá em nenhuma revista, em virtude do que a natureza sexual anunciada por Oliver implica agora em relação ao seu gosto. A ironia da situação, pensa Sally, reside no fato de o apartamento ser horrendo de uma maneira que ela associa a ostentação machista, com a sua mesa de centro de Lucite e as suas paredes envernizadas de castanho, os seus nichos em que objetos asiáticos e africanos iluminados por projetores (Oliver considera-os "dramaticamente iluminados") sugerem, apesar da sua disposição impecável e reverente, serem mais produto de saque do que escolhas de um connoisseur. Esta é a terceira vez que Sally ali vai e em todas elas sentiu um ímpeto de confiscar os tesouros e devolvê-los aos seus legítimos donos. Enquanto finge prestar atenção a Oliver, imagina-se a entrar numa remota aldeia na montanha, entre vivas e lamentos, transportando a máscara de antílope enegrecida pela idade ou a taça de porcelana levemente fosforescente na qual

duas carpas pintadas nadam há dez séculos.
- Não está muito certa, pois não, Sally? - pergunta Oliver.
- Como?
- Não está convencida.
- Bem, convencida ou não convencida, a verdade é que sou praticamente ignorante nesta matéria.
- Você é mais inteligente do que a maioria dos que andam por aí. É uma das poucas pessoas ligadas à atividade que eu respeito.
- Não estou de modo algum "ligada à atividade", você sabe o que eu faço...
- Não está convencida.
- Bem, não, não estou. Mas, também, quem se importa com isso?
Oliver suspira e empurra os óculos mais para cima, no nariz, gesto que Sally tem a certeza de recordar de um dos seus filmes, qualquer coisa relacionada com alguém de temperamento pacífico (um contabilista? Um advogado? Teria sido um produtor de TV?) que acaba por ser levado a aniquilar brutalmente um pequeno exército de traficantes de droga para salvar a sua filha adolescente.
- Admito que temos de fazer tudo como deve ser, sem falhas - diz Oliver, devagar. - Não tenho quaisquer ilusões de que seja uma coisa garantida.
- Ele terá um amante?
- Um companheiro. Um parceiro. Assim no gênero do Batman com Robin.
- Farão sexo?
- Ninguém faz sexo num thriller. Desacelera muito a ação. Perdem-se os miúdos. No máximo, haverá um beijo no fim.
- Quer dizer que eles se beijam no fim?
- Isso é do pelouro do Walter.
- Walter?
Walter pestaneja, como se a sua atenção tivesse andado por longe.
- Disse há apenas três minutos que achava poder fazê-lo. Não comecem já a querer muitos pormenores, está bem?
- Não podemos embarcar nisto baseados em conjecturas - diz Oliver. - já vi muita gente que se senta para escrever uma coisa com êxito garantido e acaba sempre por falhar. É como se houvesse uma espécie de maldição.
- Pensa que as pessoas se interessariam? - pergunta Sally. - Quero dizer, um número de pessoas suficiente?
Oliver suspira de novo e o tom deste suspiro é muito diferente do anterior. Este é um suspiro resignado e decisivo, a pender para o registro nasal, eloqüente na sua ausência de drama. É como o primeiro suspiro desinteressado que um amante transmite pelos fios telefônicos, o suspiro que assinala o primeiríssimo começo do fim. Terá Oliver usado aquele suspiro num filme? Ou terá qualquer outra pessoa, alguém do mundo real, suspirado daquela maneira ao ouvido de Sally há muito tempo?
- Bem - diz Oliver, e coloca as mãos, de palmas para baixo, em cima da toalha da mesa. - Walter, e se tu e eu conversássemos daqui a uns dias, depois de teres tido uma oportunidade de meditar no assunto?
- Com certeza. Acho boa idéia.
Sally bebe um último gole de café. Trata-se, evidentemente, de um jogo

masculino, de um jogo de engano masculino. Para começar, eles nunca precisaram dela, nunca precisaram realmente. Depois de aparecer no seu programa, Oliver teve simplesmente a idéia (e, enfrentemos a realidade, ele não é nenhum Einstein) de que Sally era a sua musa e mentora, uma espécie de Safo proclamando tristes máximas sábias da sua ilha. Era melhor pôr sem demora um ponto final nisso.
No entanto, há este terrível desejo de ser amada por Oliver St. Ives. No entanto, há este horror de ser deixada para trás.
- Obrigada por ter vindo - agradece Oliver e Sally domina um forte impulso de se retratar, de se inclinar para Oliver por cima da mesa, por cima dos despojos do almoço, e dizer: "Pensei melhor e acho que um thriller com um herói gay podia realmente resultar".
Adeus, pois. São horas de voltar para as ruas.
Sally pára com Walter na esquina da Madison com a Seventieth. Não falam de Oliver Sr. Ives. Compreendem, diferentemente, que Walter ganhou e Sally perdeu e que Sally ganhou e Walter perdeu. Encontram outras coisas de que falar.
- Suponho que a verei esta noite - diz Walter.
- Ah, sim... - Quem convidou, Walter?
- Como está o Richard? - pergunta ele, e baixa desajeitada e reverentemente a cabeça, apontando a pala do boné na direção das pontas de cigarro e círculos cinzentos de pastilha elástica, a embalagem almofadada que, Sally não pode deixar de reparar, conteve um Quarter Pourider. Ela nunca comeu um Quarter Pourider.
A luz muda. Atravessam.
- Vai indo - responde Sally. - Quero dizer, está muito mal.
- Estes tempos - diz Walter. - Meu Deus, estes tempos.
Sally sente-se de novo percorrida por uma vaga de indignação, que sobe de baixo do seu ventre e inunda a sua visão de calor. É a vaidade de Walter que o torna insuportável. É saber que, enquanto diz as coisas corretas e respeitosas até mesmo enquanto, talvez, sente as coisas corretas e respeitosas - está ao mesmo tempo a pensar como é ótimo ser o semifamoso romancista Walter Hardy, amigo de estrelas de cinema e poetas, ainda saudável e musculoso já depois dos 40 anos. Seria mais cômico se tivesse menos influência sobre o mundo.
- Bem - diz Sally na outra esquina, mas, sem lhe dar tempo para se despedir, Walter avança para a montra de uma loja e pára com o rosto a alguns centímetros do vidro.
- Olhe que bonitas.
Na montra estão três camisas de seda, cada qual exposta numa reprodução de gesso de uma estátua grega clássica. Uma camisa é cor de damasco muito clara, outra esmeralda e a terceira de um azul-vivo muito forte. Cada uma tem um bordado diferente no colarinho e pela frente abaixo, numa linha prateada fina como um fio de teia de aranha. Todas três pendem liquidamente, iridescentemente, dos torsos esbeltos das estátuas e de cada colarinho irrompe uma serena cabeça branca com lábios cheios, nariz retilíneo e olhos brancos vazios.

- Sim - diz Sally. - São bonitas.
- Talvez compre uma para o Evan. Fazia-lhe bem um presente hoje. Venha.
Sally hesita, mas depois entra na loja atrás de Walter, contrafeita, irremediavelmente levada por uma onda inesperada de remorso. Sim, Walter é sem dúvida ridículo, mas, a par do seu desdém, Sally julga sentir uma horrível e inescapável ternura pelo pobre sacaria, que passou os últimos anos esperando que o bonito e pateta do seu namorado, o seu troféu, morresse e agora, de repente, se vê confrontado com a perspectiva (terá sentimentos confusos?) da sobrevivência do dito namorado. A morte e a ressurreição são sempre hipnotizantes, pensa Sally, e não parece ter muita importância que envolvam o herói, o vilão ou o palhaço.
A loja é toda de madeira de bordo envernizada e granito preto. Sabe-se lá como, cheira levemente a eucalipto. Há camisas expostas nos reluzentes balcões negros.
- Inclino-me para a azul - diz Walter quando entram. - O azul é uma boa cor para o Evan.
Sally deixa-o falar com o elegante jovem empregado de lustroso cabelo alisado para trás, enquanto vagueia pensativamente entre as camisas. Olha para a etiqueta de uma creme, com botões de madrepérola. Custa 400 dólares. Será patético, interroga-se, ou heróico comprar uma camisa fabulosa e escandalosamente cara para um amante que melhora hesitantemente? Ou será ambas as coisas? Ela, por exemplo, nunca adquiriu o jeito necessário para comprar presentes para Clarissa. Mesmo ao fim de tantos anos ainda não tem a certeza do que ela gostaria. Houve êxitos - o lenço de casimira cor de chocolate do último Natal, a caixa de laca antiga onde ela guarda as cartas -, mas houve pelo menos igual número de insucessos. Como o extravagante relógio da Tiffany (demasiado formal, parece), o casaco de malha amarelo (terá sido a cor ou o decote?), a mala de mão de pele preta (simplesmente errada, impossível dizer porquê). Clarissa recusa-se a admiti-lo quando uma prenda não lhe agrada, apesar da insistência de Sally. Cada presente, segundo Clarissa, é perfeito, exatamente o que esperava, e à infeliz presenteadora só resta esperar para ver se o relógio é considerado "bom de mais para usar no dia-a-dia", ou se a camisola é usada uma vez, para uma festa obscura, e depois não volta a aparecer. Sally começa a irritar-se com Clarissa, Walter Hardy e Oliver Sr. Ives, em suma, como todo o ser humano otimista e insincero; mas depois olha para Walter, ocupado a comprar a camisa azul-vivo para o amante, e a irritação dá lugar a uma terna ansiedade. É provável que Clarissa esteja em casa, neste momento. Súbita e veementemente, quer ir para casa.
- Tenho de ir - diz a Walter. - É mais tarde do que pensava.
- Eu não me demoro.
- Vou andando. Até logo.
- Gosta da camisa?
Sally apalpa o tecido, que é macio, tem um grão que mal se sente e um toque vagamente sensual.
- Adoro-a - responde. - É uma camisa maravilhosa.
O empregado sorri, grata e timidamente, como se a beleza da camisa se devesse pessoalmente a si mesmo. Não é reservado nem condescendente, como se

poderia esperar de um rapaz elegante a trabalhar numa loja como aquela. De onde vêm estes impecáveis Adônis que trabalham como empregados de balcão? Quais são as suas esperanças?
- Sim - concorda Walter -, é uma soberba camisa, não é?
- Adeus.
- Até logo.
Sally sai da loja o mais depressa que pode e dirige-se para a estação de metro da Sixty-eighth. Gostaria de chegar a casa
com uma prenda para Clarissa, mas não consegue imaginar o quê. Gostaria de lhe dizer alguma coisa, alguma coisa importante, mas não consegue traduzi-la numa frase. "Amo-te" é fácil. "Amo-te" tornou-se quase comum, uma coisa que se diz não só em aniversários e nascimentos, mas também espontaneamente, na cama ou no lava-louça da cozinha, ou até em táxis, onde pode ser ouvida por taxistas estrangeiros convencidos de que as mulheres deviam andar três passos atrás dos maridos. Sally e Clarissa não são parcimoniosas com os seus sentimentos e isso, claro, é bom, mas agora Sally sente necessidade de ir para casa e dizer mais alguma coisa, alguma coisa que ultrapasse não só o terno e reconfortante, mas vá também além da própria paixão. O que ela quer dizer relaciona-se com todas as pessoas que morreram, relaciona-se com os seus próprios sentimentos de enorme ventura e iminente e devastadora perda. Se acontecer alguma coisa a Clarissa, ela, Sally, continuará a viver, mas sobreviver, exatamente, não sobreviverá. Não ficará bem. O que quer dizer relaciona-se não só com felicidade, mas também com medo, o medo pungente, constante, que é a outra metade da felicidade. Pode suportar a idéia da sua própria morte, mas não a da morte de Clarissa. Este amor delas, com a sua domesticidade tranqüilizadora e os seus silêncios confortáveis, com a sua estabilidade, em suma, jungiu de imediato Sally ao mecanismo da própria mortalidade. Agora há uma perda que transcende o imaginável. Agora há um cordão que ela pode seguir a partir deste momento, ao dirigir-se para a estação do metro de Upper East Side, até ao dia de amanhã, e ao seguinte, e ao seguinte, todo o caminho até ao fim da sua vida e da vida de Clarissa.
Viaja no metro para a baixa e pára na banca de flores anexa ao mercado coreano da esquina. A variedade é a habitual, cravos e crisântemos, uma dispersão de tristonhos lírios, frésias, margaridas, ramos de tulipas de estufa brancas, amarelas e vermelhas com as pétalas a ficarem coriáceas nas pontas. Flores Zumbis, pensa, simples produtos forçados a existir como frangos cujas patas nunca tocaram na terra desde o ovo até ao matadouro. Pára de testa franzida diante das flores dispostas nas suas plataformas de madeira em escada, vê-se, e às flores, refletida nos mosaicos espelhados do fundo da loja (ali está ela, de cabelo grisalho, rosto sério e amarelado [como envelheceu tanto?], precisa realmente de apanhar mais sol), e pensa que não há nada no mundo que queira para si ou para Clarissa, nem camisas de 400 dólares, nem estas deploráveis flores, nada. Está prestes a ir-se embora de mãos vazias quando repara num único ramo de rosas amarelas num vaso de plástico, ao canto. Estão a começar a abrir. As pétalas, na base, estão tingidas de um amarelo mais carregado, quase laranja, uma espécie de rubor cor de manga que alastra para cima e se propaga

em velas capilares. Assemelham-se tão convincentemente a flores verdadeiras, nascidas e criadas na terra de um jardim, que parecem ter ido ali parar por engano. Compra-as rapidamente, quase furtivamente, como se receasse que a coreana que dirige a banca se dê conta de que houve uma confusão e a informe gravemente de que aquelas rosas não são para vender. Segue pela Tenth Street com as rosas na mão, sentindo-se exultante, e, quando entra no apartamento, está ligeiramente excitada. Há quanto tempo não fazem sexo?
- Olá - chama. - Estás em casa?
- Estou aqui - responde Clarissa, e Sally percebe pela sua voz que alguma coisa correu mal.
Estará prestes a cair numa daquela pequenas emboscadas que condimentam a sua vida em comum? Terá entrado, com o seu ramo de rosas e o seu desejo nascente, num cenário de rabugice doméstica, num mundo que se tornou cinzento e mórbido, porque revelou mais uma vez o seu egoísmo e deixou alguma coisa por fazer, não se lembrou de limpar fosse o que fosse, se esqueceu de algum telefonema importante? A sua felicidade desvanece-se, o desejo evapora-se. Entra na sala com as rosas.
- O que aconteceu? - pergunta a Clarissa, que está sentada no sofá, sentada apenas sem fazer nada, como se estivesse na sala de espera de um médico.
Olha para Sally com uma expressão peculiar, mais desorientada do que angustiada, como se não tivesse a certeza de quem é, e ela tem uma espécie de antevisão fugaz do declínio que espreita. Se ambas sobreviverem tempo suficiente, se permanecerem juntas (e como, depois de tudo isto, podiam separar-se?), ver-se-ão uma à outra estiolar.
- Nada - responde Clarissa.
- Estás bem?
- O quê? Ah, sim. Não sei. O Louis está na cidade. Voltou.
- Isso acabaria por acontecer, mais cedo ou mais tarde.
- Passou por aqui, tocou à campainha e pronto. Falamos um bocado e depois ele começou a chorar.
- Deveras?
- Sim. De repente, sem mais nem menos. Depois a Julia chegou e ele quase fugiu.
- O Louis. Quem diria.
- Anda a encontrar-se com um novo rapaz. Um estudante.
- Claro. E então?
- Então a Julia apareceu com a Mary..
- Meu Deus. Esteve cá o circo todo.
- Oh, Sally! Trouxeste rosas.
- O quê? Ah, sim.
Sally faz um floreado com o ramo e, no mesmo instante, repara na jarra cheia de rosas que Clarissa pôs na mesa.
Riem-se ambas.
- Isto parece um momento à O. Henry, não achas? - comenta Sally.
- Nunca é possível ter rosas de mais - responde Clarissa.
Sally entrega-lhe as flores e durante um momento sentem-se ambas simples e

inteiramente felizes. Estão presentes, aqui e agora, e durante dezoito anos conseguiram arranjar maneira de continuarem a amar-se. Isso basta. Neste momento, isso basta.

Sra. Brown

Está mais atrasada do que pretendia, mas não seriamente atrasada; não ao ponto de precisar de dar uma explicação. São quase 6 horas. Chegou a meio do livro. Enquanto conduz o carro para casa de Sra. Latch, tem a cabeça cheia do que leu: Clarissa e o demente Septimus, as flores, a festa. Perpassam imagens pela sua mente: a figura no carro, o aeroplano com o anúncio. Laura encontra-se numa espécie de zona crepuscular, um mundo composto pela Londres dos anos 20, um quarto de hotel turquesa e este carro, seguindo por esta rua familiar. É ela e ao mesmo tempo não é. É uma mulher em Londres, uma aristocrata, pálida e encantadora, um pouco falsa; é Virginia Woolf e ao mesmo tempo é esta outra, a coisa incipiente e tropeçante conhecida como ela própria, uma mãe, uma motorista, um relâmpago turbilhonante de pura vida como a Via Láctea, uma amiga de Kitty (que beijou e que pode estar a morrer), um par de mãos, com unhas cor de coral (uma falhada) e uma aliança de casamento de diamantes, a agarrar o volante de um Chevrolet enquanto um Plymouth azul-claro acende os faróis de travagem à sua frente, enquanto o sol estival do fim da tarde adquire as suas tonalidades douradas e um esquilo atravessa veloz um fio telefônico, com a cauda a lembrar um ponto de interrogação cinzento-claro.
Pára defronte da casa de sra. Latch, onde dois esquilos de gesso pintados encimam a empena da garagem. Apeia-se e detém-se um momento, a olhar para os esquilos de gesso, ainda com as chaves do carro na mão. A seu lado, o Chevrolet emite uma espécie de tique-tique estranho (há vários dias que faz isto, tem de o levar à oficina). Apodera-se dela uma sensação de não-ser. Não encontra outra palavra para a definir. Parada ao lado do carro com o seu estranho ruído, voltada para a garagem de Sra. Latch (os esquilos de gesso projetam sombras compridas), não é ninguém, não é nada. Parece-lhe, por breves instantes, que ao ir ao hotel saiu de dentro da sua vida, e este caminho, esta garagem, são-lhe inteiramente desconhecidos. Esteve ausente. Esteve a pensar amenamente, anelantemente até, na morte. Vem-lhe ao espírito, aqui, no caminho de acesso da casa de Sra. Latch, que esteve a pensar anelantemente na morte. Foi para um hotel em segredo, do mesmo modo que podia ter ido ao encontro de um amante. Continua parada, com as chaves do carro e a carteira na mão, de olhos fixos na garagem de sra. Latch. A porta, pintada de branco, tem uma pequena janela com postigos verdes, como se a garagem fosse uma casa em miniatura ligada à casa maior. A respiração de Laura torna-se de súbito agitada. Sente-se um pouco tonta, como se fosse tropeçar e cair no liso caminho de cimento de Sra. Latch. Considera a idéia de voltar para o
carro e partir de novo. Mas contém-se. Recorda a si mesma que tem de ir buscar o filho, levá-lo para casa e acabar o jantar de aniversário do marido. Tem de fazer essas coisas triviais.
Com algum esforço, respira fundo e sobe o passeio para o alpendre estreito da casa de sra. Latch. É o segredo, explica a si mesma, é a estranheza do que acaba de fazer, embora não tenha havido nenhum mal verdadeiro nisso, pois não? Ela não foi encontrar-se com um amante, como uma mulher de um romance banal.

Ausentou-se apenas durante algumas horas, leu o seu livro e regressou. Só é um segredo porque não consegue pensar numa maneira de explicar, enfim, nada do que se passou: o beijo, o bolo, o momento de pânico quando o seu carro chegou ao cimo de Chavez Ravine. Não sabe, realmente, como poderia explicar duas horas e meia a ler num quarto alugado.
Volta a respirar fundo. Toca à campainha retangular iluminada de Sra. Latch, que brilha, alaranjada, no sol do fim da tarde.
Sra. Latch abre a porta quase imediatamente, como se tivesse estado ali parada, à espera. Sra. Latch é uma mulher corada, de ancas fartas, calções Bermuda e excessivamente amável. A sua casa está cheia de um cheiro suculento, talvez de carne a assar, que se desenrola atrás dela quando abre a porta.
- Oh, viva - diz
- Desculpe ter-me atrasado.
- Não tem de quê. Passamos uns bons momentos. Entre, por favor.
Richie vem a correr da sala. Está corado, assustado, praticamente avassalado de amor e alívio. Paira a sensação de que Laura o surpreendeu e a Sra. Latch a fazer qualquer coisa, a sensação de que pararam ambos o que estavam a fazer e esconderam apressadamente qualquer indício denunciador. Não, ela é que tem a consciência pesada hoje. Ele está apenas confuso, pensa. Passou as últimas horas num meio completamente diferente do seu. Estar em casa de Sra. Latch, mesmo por poucas horas, fê-lo começar a perder o rasto da sua própria vida. Começou a acreditar, e não gostou, que vive aqui, que talvez sempre tenha vivido aqui, no meio desta maciça mobília amarela, destas paredes forradas de tecido de fibras vegetais.
Richie rompe em pranto e corre para ela.
- Então, o que é isso? - pergunta Laura, e pega-lhe ao colo.
Aspira o seu cheiro, a sua essência profunda, uma limpeza entranhada, indefinível. Pegando-lhe, inalando-o, sente-se melhor.
- Ele está contente por a ver - diz Sra. Latch com uma animação amarga, mas cuidadosamente calorosa.
Teria imaginado que era uma espécie de recompensa para ele, uma favorita, e a sua casa um lugar de maravilhas? Sim, provavelmente tinha. Sentir-se-á, de súbito, ressentida com ele por ser um menino da mamãe? Provavelmente sente-se.
- Então, Inseto? - murmura Laura junto da pequena orelha rosada do filho. Sente-se orgulhosa da sua calma maternal, dos seus direitos sobre o rapaz. As lágrimas dele embaraçam-na. Acharão as pessoas que é excessivamente protetora? Porque será que ele faz isto tantas vezes?
- Conseguiu fazer tudo? - pergunta Sra. Latch.
- Consegui. Mais ou menos. Muito obrigada por ter ficado com ele.
- Oh, passamos um bom bocado juntos! - diz a mulher calorosamente, irritadamente. - Pode trazê-lo quando quiser.
- Divertiste-te? - pergunta Laura ao filho.
- S-sirri. - responde Richie, cujas lágrimas vão secando.
O seu rosto é uma miniatura angustiada de esperança, mágoa e confusão.
- Portaste-te bem?

Acena com a cabeça.
- Tiveste saudades minhas?
- Sim!
- Bem, eu tive muito que fazer. Temos de dar ao teu papá uma boa festa de aniversário, não temos?
Ele acena de novo. Continua a olhar para ela com uma desconfiança lacrimosa e envergonhada, como se ela pudesse não ser realmente a sua mãe.
Laura paga a sra. Latch e aceita uma estrelícia do seu quintal. Sra. Latch oferece sempre qualquer coisa – uma flor, biscoitos -, como se o objeto do pagamento fosse isso e o trabalho de tomar conta do rapazinho fosse grátis. Laura pede novamente desculpa pelo atraso, alega a iminente chegada do marido para se furtar aos habituais quinze minutos de conversa, mete Richie no carro e arranca com um último e um pouco exagerado aceno de mão. As suas três pulseiras de marfim entrechocam-se.
Uma vez longe de Sra. Latch, diz a Richie:
- Meu filho, agora estamos em apuros. Temos de correr para casa e começar a fazer aquele jantar. Devíamos ter chegado há uma hora.
Ele acena solenemente com a cabeça. O peso e a textura da vida reafirmam-se; a sensação de não estar em lado nenhum desaparece. Este momento, agora, a meio quarteirão, enquanto o carro se aproxima de um sinal de stop, é inesperadamente grande e tranqüilo, sereno: Laura entra nele como entraria numa igreja, vinda de uma rua barulhenta. Dos dois lados da rua aspersores projetam brilhantes cones de gotículas sobre os relvados. O sol tardio doura um abrigo de carro de alumínio. É indizivelmente real. Ela reconhece-se como mulher e mãe, de novo grávida, guiando para casa enquanto véus de água são lançados para o ar.
Richie não fala. Observa-a. Laura trava, para o sinal de Stop.
- Ainda bem que o papá trabalha até tão tarde. Assim teremos tempo de preparar tudo, não achas?
Vira-se para olhar o filho. Os seus olhos encontram-se e ela vê nos dele algo que não reconhece inteiramente. Os seus olhos, todo o seu rosto, parecem iluminados do interior: pela primeira vez, parece sentir uma emoção que ela não sabe identificar.
- O que é, meu querido?
Ele responde mais alto do que seria necessário:
- Mamã, gosto muito de si.
Há algo de esquisito na sua voz, algo arrepiante. É um tom que nunca lhe ouviu. Ele parece frenético, estranho. É como se fosse um refugiado, alguém que sabe apenas um inglês rudimentar, tentando transmitir desesperadamente uma necessidade para a qual não aprendeu a frase adequada.
- Eu também gosto muito de ti, meu amor - responde Laura, e, embora já tenha dito estas palavras milhares de vezes, detecta a suavidade forçada do nervosismo alojado agora na sua garganta, o esforço que tem de fazer para parecer natural.
Acelera no cruzamento. Conduz cuidadosamente, com ambas as mãos centradas com precisão no volante.
Parece que o rapaz vai recomeçar a chorar, como faz tantas vezes e tão

inexplicavelmente, mas os seus olhos mantêm-se brilhantes e secos, sem pestanejar.
- Qual é o problema? - pergunta-lhe.
Ele continua a fitá-la. Sem pestanejar. Ele sabe. Deve saber. O rapazinho percebe que ela esteve nalgum lugar ilícito, percebe que ela está a mentir. Observa-a constantemente, passa na sua presença quase todas as horas em que está acordado. Viu-a com Kitty. Observou-a a fazer um segundo bolo e a meter o primeiro debaixo de outro lixo, no latão ao lado da garagem. Dedica-se inteiramente a observá-la e decifrá-la, porque sem ela não existe mundo, nenhum mundo. Claro que deve perceber quando ela está a mentir.
- Não te preocupes, querido. Está tudo bem. Esta noite vamos fazer uma festa maravilhosa para os anos do papá. Imaginas como ele vai ficar feliz? Temos todos aqueles presentes para lhe dar. Fizemos-lhe um bolo muito bonito.
Richie acena com a cabeça sem pestanejar. Balança-se devagarzinho para trás e para a frente. Em voz baixa, como quem prefere ser escutado a ouvido, diz:
- Sim, fizemos-lhe um bolo muito bonito. - Há uma insinceridade profundamente adulta na sua voz.
Observá-la-á sempre. Saberá sempre quando alguma coisa está mal. Saberá sempre, com exatidão, quando e quanto ela errou.
- Amo-te, meu queridinho - diz Laura. - És o meu rapaz.
Momentaneamente, Richie muda de forma. Momentaneamente, brilha, intensamente branco. Laura continua a não se irritar. Lembra-se de sorrir. Mantém ambas as mãos no volante.

Veio para ajudar Richard à arranjar-se para a festa, mas ele não responde quando ela bate. Bate de novo com mais força e depois, rapidamente, nervosamente, abre a porta com a sua chave.
O apartamento está cheio de luz. Clarissa fica quase boquiaberta, no limiar. Todas as persianas foram levantadas, as janelas abertas. Embora o ar esteja apenas cheio da claridade natural que entra em qualquer casa numa tarde soalheira, no apartamento de Richard parece uma explosão silenciosa. Ali estão as suas caixas de cartão, a sua banheira (mais suja do que ela imaginara), o espelho baço e a cara máquina de café, tudo revelado no seu verdadeiro pathos, na sua banal insignificância. É, muito simplesmente, o apartamento alugado de uma pessoa transtornada.
- Richard! - chama Clarissa.
- Mrs. Dalloway. Oh, Mrs. Dalloway, és tu!
Ela corre para a outra sala e encontra Richard ainda de roupão, empoleirado no parapeito da janela aberta, com uma perna magra no apartamento e a outra, invisível aos olhos dela, pendurada no lado de fora, a uma altura de cinco andares.
- Richard - diz severamente. - Desce daí.
- Está tão delicioso aqui fora. Que dia!
Parece louco e exaltado, ao mesmo tempo velho e infantil, montado no parapeito da janela como um espantalho eqüestre, uma estátua de jardim de Glacometti. Tem o cabelo colado ao crânio em alguns pontos e, noutros, espetado em ângulos agudos e cômicos. A perna do lado de dentro, nua até meio da coxa e de uma brancura azulada, é esquelética, mas apresenta na barriga da perna um pequeno punho surpreendentemente sólido de músculo ainda obstinadamente agarrado ao osso.
- Estás a apavorar-me - diz Clarissa. - Quero que pares com isso e venhas para dentro. Já.
Ela caminha na sua direção e ele levanta a perna do lado de dentro para o parapeito. Apenas o calcanhar desse pé, uma mão e uma nádega descarnada continuam em contacto com a madeira gasta. No seu roupão, foguetões de barbatanas vermelhas jorram pinhas perfeitas de fogo cor de laranja. Astronautas de capacete, roliços e brancos como o Uniroyal Man, sem rosto atrás dos visores escuros, fazem continências formais, com as mãos enluvadas.
- Tomei o Xanax e o Ritalin. Produzem um efeito maravilhoso juntos. Sinto-me maravilhosamente. Abri todas as persianas, mas mesmo assim achei que precisava de mais ar e luz. Confesso-te que tive uma grande dificuldade para subir para aqui.
- Querido, por favor, volta a pôr a perna no chão. Fazes isso por mim?
- Creio que não posso ir à festa - diz ele. - Lamento.
- Não és obrigado a ir. Não precisas de fazer nada que não queiras.
- Que dia. Que belo, que belo dia!
Clarissa respira fundo duas vezes. Sente uma calma surpreendente - tem

consciência de estar a proceder bem numa situação difícil -, mas, ao mesmo tempo, está afastada de si mesma, da sala, como se presenciasse uma coisa que já aconteceu. Como se aquilo fosse uma recordação. Alguma coisa dentro dela, alguma coisa como uma voz, mas que não é uma voz, um conhecimento íntimo quase indistinguível do bater do seu coração, diz: "Uma vez encontrei o Richard sentado no parapeito de uma janela cinco andares acima do solo".
- Desce daí. Por favor.
O rosto de Richard ensombra-se e contrai-se, como se Clarissa lhe tivesse feito uma pergunta difícil. A sua cadeira vazia, completamente exposta à luz do dia - escorrendo enchimento pelas costuras, a puída toalha amarela no assento marcada por círculos de ferrugem -, podia representar a estupidez, a trivialidade essencial, da própria doença mortal.
- Desce daí - insiste Clarissa.
Fala devagar e em voz alta, como se se dirigisse a um estrangeiro.
Richard acena que sim, mas não se mexe. A sua cabeça devastada, atingida em cheio pela claridade, é geológica. A sua carne tão estriada e esburacada, tão sulcada, parece pedra do deserto.
- Não sei se posso enfrentar isto - diz. - A festa e a cerimônia, sabes, e depois a hora a seguir, e a outra depois dessa.
- Não tens de ir à festa. Não tens de ir à cerimônia. Não tens de fazer nada, absolutamente nada.
- Mas ainda há as horas, não é verdade? Uma e depois outra, e nós suportamo-las e depois, meu Deus, há mais outra. Estou tão doente!
- Ainda te restam dias bons. Tu sabes que sim.
- Não, na verdade, não. É gentil da tua parte dizê-lo, mas há algum tempo já que a sinto, a fechar-se à minha volta como as mandíbulas de uma flor gigantesca. É uma analogia peculiar, não achas? É, no entanto, essa a sensação. Tem uma certa inevitabilidade vegetal. Dioneia apanha-moscas.
Pensa na kídzu' asfixiando uma floresta. É uma espécie de avanço suculento, verde, vicejante. Avanço para, bem, tu sabe. É uma planta rastejante asiática - Pueram lobata- utilizada como forragem e para controlar a erosão, mas que, descontrolada, pode tornar-se uma erva daninha perigosa. Sabes para quê. O silêncio verde. Não é curioso que, mesmo agora, seja difícil dizer a palavra morte?
- Elas estão aqui, Richard?
- Quem? Ah, as vozes? As vozes estão sempre aqui.
- O que quero dizer é se estás a ouvi-las muito claramente.
- Não. Estou a ouvir-te a ti, sra. D. Importas-te que continue a chamar-te assim?
- Não me importo nada. Vem para dentro. já.
- Lembras-te dela? Do teu altere ? Que foi feito dela?
- Esta é ela. Eu sou ela. Preciso que venhas para dentro. Queres fazer o favor de vir?
- É tão delicioso estar aqui. Sinto-me tão livre. Ligas à minha mãe? Ela está sozinha, como sabes.
- Richard...
- Conta-me uma história, sim?

- Que tipo de história?
- Qualquer coisa do teu dia. De hoje. Pode ser a coisa mais insignificante. Na realidade, até seria melhor que fosse. O evento mais insignificante de que te lembres.
- Richard...
- Qualquer coisa. Seja o que for.
- Bem, esta manhã, antes de vir aqui, fui comprar flores para a festa.
- Foste?
- Fui. Estava uma bonita manhã.
- Estava?
- Estava. Linda. Tão... pura. Comprei as flores, levei-as para casa e coloquei-as em água. Pronto, acabou a história. Agora vem para dentro.
- Pura, como se destinada a crianças numa praia - comenta Richard.
- Sim, podes dizê-lo.
- Como uma manhã quando fomos jovens juntos.
- Sim. Como isso.
- Como a manhã em que saíste daquela casa velha, quando tinhas 18 anos e eu tinha, bem, eu acabara de fazer 19, não acabara? Eu tinha 19 anos e estava apaixonado pelo Louis, e estava apaixonado por ti, e pensei que nunca tinha visto nada belo como tu a saíres por uma porta envidraçada de manhãzinha cedo, ainda ensonada e em roupa interior. Não é estranho?
É - responde Clarissa. - Sim, é estranho.
- Falhei.
- Pára de dizer isso. Não falhaste nada.
- Falhei. Não estou à procura de compaixão. Não, palavra. Sinto-me apenas muito triste, tão triste! O que eu queria fazer parecia simples. Queria criar alguma coisa suficientemente viva e chocante para ombrear com uma manhã na vida de alguém. A mais comum das manhãs. Imagina, tentar fazer isso. Que tolice.
- Não acho que seja tolice.
- Lamento não poder ir à festa.
- Por favor, não te preocupes com a festa, peço-te. Não penses na festa. Dá-me a mão.
- Tens sido muito boa para mim, sra. Dalloway.
- Richard...
- Amo-te. Isso parece-te banal?
- Não.
Richard sorri. Abana a cabeça.
- Não creio que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes do que nós fomos.
Chega-se um pouco para a frente, escorrega devagar do parapeito e cai.
- Não!... - grita Clarissa.
Ele parece tão seguro, tão sereno, que momentaneamente ela imagina que aquilo não aconteceu. Chega à janela a tempo de o ver ainda em queda, com o roupão enfunado, e mesmo assim continua a parecer que talvez seja um pequeno acidente, uma coisa reparável. Vê-o, tocar no chão cinco andares abaixo, vê-o ajoelhar no cimento, vê a sua cabeça bater, ouve o som que produz, e ainda

acredita, pelo menos durante mais um momento, debruçada do parapeito, que ele voltará a levantar-se, talvez tonto, sem fôlego, mas ainda ele, ainda inteiro, ainda capaz de falar.
Chama o seu nome, uma vez. A palavra sai como uma interrogação, muito mais suave do que pretendera. Ele jaz onde caiu, de rosto para baixo, roupão atirado sobre a cabeça e as pernas nuas expostas, brancas contra o cimento escuro.
Sai a correr da sala e pela porta fora, que deixa aberta. Corre pela escada abaixo. Pensa gritar a pedir socorro, mas não o faz. O próprio ar parece ter mudado, ter-se dividido ligeiramente - como se a atmosfera fosse tangivelmente feita de substância e do seu oposto. Corre pela escada abaixo e tem consciência (envergonhar-se-á disso depois) de si mesma como uma mulher correndo por uma escada abaixo, ilesa, ainda viva.
No átrio sente-se por momentos confusa, sem saber como chegar ao saguão onde Richard jaz, e tem fugazmente a sensação de ter ido para o Inferno. O Inferno é uma sala, uma velha caixa amarela sem saída, sombreada por uma árvore artificial e ladeada por portas metálicas riscadas (uma delas com uma decalcomania dos Grateful Dead, uma caveira coroada de rosas).
Uma porta na sombra do poço da escada, mais estreita do que as outras, dá para o exterior, por um lance de degraus de cimento rachados, para o lugar onde Richard está. Sabe, antes mesmo de descer esses últimos degraus, que ele está morto. A sua cabeça perde-se entre as dobras do roupão, mas ela vê a poça de sangue escuro, quase preto, que se formou onde a cabeça deve estar. Vê a absoluta imobilidade do corpo, um braço estendido num ângulo peculiar, com a palma para cima, e ambas as pernas brancas e nuas como a própria morte. Ainda tem calçados os chinelos de feltro cinzento que lhe comprou.
Desce os degraus, vê que Richard está caído no meio de estilhaços de vidro e precisa de um momento para compreender que se trata simplesmente dos restos de uma garrafa de cerveja partida que já se encontravam no cimento, e não de uma conseqüência da queda de Richard. Pensa que tem de levantá-lo imediatamente, de tirá-lo de cima dos vidros.
Ajoelha a seu lado, põe a mão no seu ombro inerte. Cuidadosamente, muito cuidadosamente, como se receasse acordá-lo, levanta o roupão que lhe encobre a cabeça. Tudo quanto consegue identificar, na massa reluzente de vermelho, púrpura e branco, são os seus lábios entreabertos e um olho aberto. Dá-se conta de que deixou escapar um som, uma exclamação cruciante de surpresa e dor. Cobre-lhe de novo a cabeça com o roupão.
Fica ajoelhada a seu lado, sem saber o que fazer. Volta a pôr-lhe a mão no ombro. Não o afaga, descansa apenas a mão ali. Diz a si mesma que devia ir chamar a polícia, mas não o quer deixar sozinho. Espera que desça alguém ao seu encontro. Olha para cima, para as filas ascendentes de janelas, a roupa estendida, o quadrado perfeito de céu dividido em dois pela bissetriz de lâmina fina, branco-azulada, de uma nuvem, e começa a compreender que ainda ninguém sabe. Ninguém viu ou ouviu Richard cair.
Não se mexe. Localiza a janela da velha, com as suas três estatuetas de cerâmica (invisíveis lá tão em cima). Ela deve estar em casa, quase nunca sai. Sente vontade de gritar a chamá-la, como se ela fosse uma espécie de pessoa da

família, como se devesse ser informada. Adia, pelo menos por mais um ou dois minutos, o inevitável ato seguinte. Continua com Richard, a tocar-lhe no ombro. Sente-se (e admira-se consigo mesma) um pouco embaraçada com o que aconteceu. Pergunta-se porque não chora. Tem consciência do som da sua própria respiração. Tem consciência dos chinelos ainda nos pés de Richard, do céu refletido na poça de sangue, que alastra.

Acaba ali, então, num catre de cimento, sob os estendais da roupa, entre estilhaços de vidro. Corre a mão, docemente, desde o ombro e ao longo da curva frágil das costas dele. Com um sentimento de culpa, como se fizesse uma coisa proibida, inclina-se e encosta a fronte à sua espinha, enquanto ele ainda é, de algum modo, seu; enquanto ele ainda é, de algum modo, Richard Worthington Brown. Sente o cheiro da flanela enxovalhada do roupão, a acidez fermentada da sua carne precisada de banho. Gostaria de lhe falar, mas não consegue. Descansa apenas a cabeça, ao de leve, nas suas costas. Se fosse capaz de falar, diria alguma coisa - não sabe ao certo o quê - sobre ele ter tido a coragem de criar e sobre, o que talvez ainda fosse mais importante, ter tido a coragem de amar singularmente, ao longo das décadas, contra toda a lógica. Falar-lhe-ia de como ela, Clarissa, o amara em troca, o amara imensamente, mas o deixara na esquina de uma rua há mais de trinta anos (e, na realidade, que outra coisa podia ter feito?). Confessar-lhe-ia o seu desejo de uma vida relativamente comum (nem mais nem menos do que a maioria das pessoas deseja) e quanto desejara que ele fosse à sua festa e demonstrasse a sua dedicação por ela na presença dos seus convidados. Pedir-lhe-ia perdão de se ter furtado, naquele que viria a ser o dia da sua morte, a beijá-lo nos lábios e de ter dito a si mesma que só o fazia para o bem da saúde dele.

As velas são acesas. A canção é cantada. Dan, ao apagar as velas, espalha algumas minúsculas gotículas de saliva clara na superfície lisa da cobertura do bolo. Laura aplaude e, um momento depois, Richie também.
- Feliz aniversário, querido - deseja.
Um espasmo de fúria sobe inesperadamente por ela, aperta-lhe a garganta. Ele é vulgar, grosseiro, estúpido; salpicou o bolo de saliva. Ela está ali presa, encurralada para sempre, posando como esposa. Tem de suportar esta noite, e depois amanhã de manhã, e depois outra noite aqui, nestas salas, sem nenhum outro lugar para onde ir. Tem de agradar; tem de continuar.
Talvez fosse como sair para um campo de neve brilhante. Podia ser terrível e maravilhoso. "Pensávamos que as suas mágoas eram mágoas comuns; não fazíamos nenhuma idéia."
A cólera passa. Está tudo bem, diz a si mesma. Está tudo bem. Controla-te, pelo amor de Deus.
Dan enlaça-lhe as ancas com o braço. Laura sente a solidez substancial, aromática, dele. Lamenta. Tem, mais do que nunca, consciência da sua bondade.
- Isto é formidável - diz ele. - Isto é perfeito.
Laura afaga-lhe a nuca. O seu cabelo está escorregadio de Vitalis, ligeiramente áspero como a pelagem de uma lontra.
O seu rosto, agora com um restolho de barba, tem um brilho de transpiração e o seu cabelo bem alisado despenteou-se um pouco, apenas o suficiente para soltar uma única madeixa oleosa, mais ou menos da largura de uma folha de relva, que cai até um ponto mesmo acima das suas sobrancelhas. Tirou a gravata e desabotoou a camisa, exala uma fragrância complexa, feita de suor, Old Spice, o cabedal dos seus sapatos e o cheiro inefável e profundamente familiar da sua carne um cheiro com elementos de ferro, elementos de lixívia e um vaguíssimo relento de cozinhados, como se muito no seu interior estivesse a ser frita alguma coisa úmida e gordurosa.
- Também pensaste num desejo? - pergunta Laura a Richie.
O rapazinho acena afirmativamente, apesar de a possibilidade de desejar alguma coisa não lhe ter ocorrido. Dá a impressão de que está sempre a exprimir um desejo, a todo o momento, e que os seus desejos, como os do pai, estão principalmente relacionados com continuidade. Como o pai, o que quer com maior ardor é mais do que já tem (embora, claro, se o interrogassem quanto à natureza dos seus desejos, enunciasse uma longa lista de brinquedos, tanto reais como imaginários). Como o pai, tem a percepção de que mais disto é precisamente o que podem muito bem não obter.
- Gostavas de me ajudar a cortar o bolo? - pergunta-lhe o pai.
Richie responde que sim. Laura traz da cozinha pratos de sobremesa e garfos. Aqui está ela, nesta modesta sala de jantar, em segurança, com o marido e o filho, enquanto Kitty se encontra num quarto de hospital à espera de saber o que os médicos encontraram.
Aqui estão eles, esta família, nesta casa. Brilham janelas acima e abaixo da rua,

acima e abaixo de incontáveis ruas. São servidos incontáveis jantares; narram-se as vitórias e os revezes de incontáveis dias.
Enquanto põe os pratos e os garfos na mesa - enquanto eles retiram suavemente na toalha branca engomada , parece subitamente a Laura que conseguiu, que no último momento foi bem sucedida - do mesmo modo que um pintor poderia, com uma última pincelada de cor, salvar um quadro da incoerência; do mesmo modo que um escritor poderia escrever a linha que poria em evidência os padrões encobertos e a simetria do drama. Tudo isto está de algum modo relacionado com pôr pratos e garfos em cima de uma toalha branca. É tão inequívoco quanto inesperado.
Dan deixa Richie tirar as velas apagadas antes de guiar as mãos do filho para cortar o bolo. Laura observa.
A sala de jantar parece-lhe, neste momento, a mais perfeita sala de jantar que se possa imaginar, com as suas paredes de cor verde-amarelada e a arca de bordo escuro que guarda um tesouro de objetos de prata, presentes de casamento. A sala parece-lhe quase impossivelmente cheia: cheia com as vidas do seu marido e do seu filho, cheia com o futuro. Tem importância. Brilha. Grande parte do mundo, países inteiros, foram dizimados, mas uma força que dá inequivocamente uma sensação de bondade prevaleceu; parece-lhe que até Kitty será curada pela ciência médica. Ela curar-se-á. E, se não se curar, se já não for possível ajudá-la, Dan, Laura e o filho de ambos, e a promessa de um segundo filho, continuarão aqui, nesta sala, onde um rapazinho franze a testa, concentrado na tarefa de tirar as velas do bolo, e onde o seu pai aproxima uma delas da sua boca e o convida a lamber a cobertura doce.
Laura lê o momento enquanto ele passa. Aqui está, pensa; já lá vai. A página está prestes a ser virada.
Sorri ao filho, serenamente, de longe. Ele retribui-lhe o sorriso. Depois lambe a ponta de uma vela apagada e pensa noutro desejo, que pede seja satisfeito.

Virginia tenta concentrar-se no livro que tem no colo. Em breve, ela e Leonard vão deixar Hogarth House e mudar-se para Londres. Está decidido. Virginia ganhou. Esforça-se para se concentrar. Os restos de carne foram retirados dos pratos, a mesa levantada, a louça lavada.
Irá ao teatro e a concertos. Irá a festas. Percorrerá as ruas, verá tudo, banquetear-se-á com histórias. ... Vida; Londres...
Escreverá, escreverá muito. Acabará este livro e depois escreverá outro. Manter-se-á lúcida e viverá como foi destinada a viver, plena e intensamente, entre outros da sua espécie, na posse e no domínio totais dos seus dotes.
Pensa, de súbito, no beijo de Vanessa.
O beijo foi inocente - suficientemente inocente -, mas também cheio de qualquer coisa que não é diferente do que Virginia quer de Londres, da vida; foi um beijo cheio de um amor complexo e voraz, antigo, nem isto nem aquilo. Servirá como a revelação, desta tarde, do próprio mistério fundamental, da luminosidade ilusória que se reflete das margens de certos sonhos; a luminosidade que, quando acordamos, está já a desvanecer-se da nossa mente e nos faz levantar com a esperança de a encontrarmos, talvez hoje, neste novo dia em que tudo pode acontecer, absolutamente tudo. Ela, Virginia, beijou a sua irmã, não com inteira inocência, por trás das costas largas e mal-humoradas de Nelly, e agora está numa sala com um livro no colo. É uma mulher que se vai mudar para Londres.
Clarissa Dalloway terá amado uma mulher, sim; amou outra mulher quando era jovem. Ela e essa mulher terão dado um beijo, um beijo, como os singulares beijos encantados das histórias de fadas, e Clarissa guardará a recordação desse beijo, a sua sublime esperança, durante toda a vida. Nunca encontrará um amor como aquele que o único beijo pareceu oferecer.
Emocionada, Virginia levanta-se da cadeira e põe o livro em cima da mesa.
- Vais-te deitar? - pergunta-lhe Leonard da sua cadeira.
- Não. É cedo, não é?
Ele olha, carrancudo, para o relógio.
- São quase 10.30.
- Estou apenas agitada. Ainda não estou cansada.
- Eu gostava de ir para a cama às 11 horas.
Ela acena com a cabeça. Continuará a comportar-se bem, agora que a decisão de Londres foi tomada. Sai da sala, atravessa o vestíbulo e entra na sala de jantar às escuras.
Compridos retângulos de luar, misturados com luz da rua, entram pela janela, projetam no tampo da mesa, são varridos por ramos sacudidos pelo vento, reaparecem e são de novo varridos. Virginia pára à porta, a observar os desenhos que se vão formando e desfazendo como observaria ondas quebrando-se numa praia. Sim, Clarissa terá amado uma mulher. Clarissa terá beijado uma mulher, apenas uma vez.
Clarissa sentir-se-á desolada, profundamente só, mas não morrerá. Estará demasiado apaixonada pela vida, por Londres. Virginia imagina outra pessoa,

sim, alguém forte de corpo, mas frágil de espírito - alguém com um toque de gênio, de poesia, oprimido pelas engrenagens do mundo, pela guerra e pelo governo, por médicos; alguém que é, tecnicamente falando, insano, porque vê significado em tudo, sabe que as árvores são seres sensíveis e os pardais cantam em grego. Sim, alguém desse gênero. Clarissa, a racional Clarissa - a exultante e comum Clarissa -, continuará a viver, amando Londres, amando a sua vida de prazeres comezinhos, e será outra pessoa, será um poeta perturbado, um visionário, que morrerá.

Sra. Brown

Laura acaba de lavar os dentes. Os pratos foram lavados e arrumados, Richie está na cama, o marido espera. Passa a escova por água debaixo da torneira, bochecha, cospe a água para o lavatório. O marido estará do seu lado da cama, a olhar para o teto e com as mãos cruzadas debaixo da cabeça. Quando ela entrar no quarto, olhá-la-á como se estivesse surpreendido e feliz por a ver ali, imaginem, a sua mulher, prestes a despir o roupão, a pô-lo dobrado nas costas da cadeira e a deitar-se na cama a seu lado. É esta a maneira de agir dele: surpresa pueril, um contentamento levemente embaraçado, uma profunda e distraída inocência com sexo enroscado dentro como uma mola. Às vezes lembra-lhe, não pode deixar de pensar, aquelas latas de amendoins à venda nas lojas de novidades, as que têm serpentes de papel prontas para saltar quando se abrem as tampas. Esta noite não haverá leitura.
Repõe a escova de dentes no orifício que lhe corresponde no copo de louça. Quando olha para o espelho do armário da casa de banho, imagina, por instantes, que está alguém atrás dela. Claro que não está ninguém; é apenas uma ilusão provocada pela luz. Durante um momento, não mais do que isso, imaginou uma espécie de eu fantasma, uma segunda versão de si mesma, parada logo atrás dela, observando. Não é nada. Abre o armário e guarda a pasta de dentes. Ali, nas prateleiras de vidro, estão as várias loções e vaporizadores, os pensos e os ungüentos, os remédios. Ali está o frasquinho de plástico com os comprimidos para dormir, vendidos mediante receita médica. Este frasco, a recarga mais recente, está quase cheio - não pode tomá-los, evidentemente, enquanto estiver grávida.
Tira o frasco da prateleira e ergue-o para a luz. Contém pelo menos trinta comprimidos, talvez mais. Volta a pô-lo na prateleira.
Seria tão simples como alugar um quarto de hotel. Tão simples como isso. Imagina como poderia ser maravilhoso deixar de ter importância. Imagina como poderia ser maravilhoso não se preocupar mais, ou esforçar-se, ou falhar.
E se aquele momento ao jantar - aquele equilíbrio, aquela pequena perfeição - fosse suficiente? E se decidisse não querer mais do que isso?
Fecha a porta do armário, que se une à estrutura com um sólido e adequado estalido metálico. Pensa em tudo o que esta dentro do armário, nas prateleiras, agora na escuridão. Vai para o quarto, onde o marido a espera. Despe o roupão.
- Olá - diz ele, confiante e ternamente, do seu lado da cama.
- Tiveste um bom aniversário?
- O melhor do mundo.
Afasta o lençol para trás, para ela, mas Laura hesita, parada do seu lado da cama, com a sua diáfana camisa de dormir azul vestida. Parece-lhe que não consegue sentir o seu corpo, embora saiba que está ali.
- Ainda bem. Estou satisfeita por teres gostado.
- Vens-te deitar? - pergunta ele.
- Vou - responde, mas não se mexe.
Podia, neste momento, não ser mais do que uma inteligência flutuante: nem

sequer um cérebro dentro de um crânio, apenas uma presença que sente, que apreende, como um fantasma poderia apreender. Sim, pensa, esta é provavelmente a sensação que causa ser um fantasma. É um pouco como ler, não é? - A mesma sensação de conhecer pessoas, ambientes, situações, sem desempenhar nenhum papel especial além do de observador voluntário.
- Então - pergunta Dan passados momentos -, vens ou não para a cama?
- Vou.
Laura ouve um cão ladrar muito longe.

Clarissa põe a mão no ombro da mulher idosa, como se quisesse prepará-la para mais algum choque. Sally, que as precedeu pelo corredor fora, abre a porta.
- Cá estamos - diz Clarissa.
- Sim - responde Laura.
Quando entram no apartamento, Clarissa sente-se aliviada por verificar que Julia guardou os hors dwuvres. As flores, claro, permanecem: brilhantes e inocentes, explodindo para fora de jarras numa profusão generosa e aleatória, pois Clarissa não gosta de arranjos. Prefere que as flores dêem a impressão de ter acabado de chegar, em braçadas, dos campos.
Ao lado de uma jarra cheia de rosas, Julia dorme sentada no sofá, com um livro aberto no colo. Assim, a dormir, tem um ar de surpreendente dignidade, até mesmo de autoridade, está firme, com os ombros descontraídos e ambos os pés assentes no chão, cabeça discretamente inclinada para a frente, como se rezasse. Neste momento podia ser uma deusa menor, vinda para socorrer a ansiedade mortal, para se sentar, com grave e amorável convicção, e murmurar, do seu transe, aos que entram: "Está tudo bem, não tenham medo, a única coisa que têm de fazer é morrer".
- Voltamos - diz Sally.
Julia acorda, pestaneja e levanta-se. Quebrou-se o encanto, é de novo uma rapariga.
Sally entra a passos largos na sala, despindo o casaco enquanto anda, e há uma breve impressão de Clarissa e a mulher idosa timidamente paradas num vestíbulo, ficando para trás, descalçando as luvas com cuidado, embora não haja vestíbulo nenhum e elas não usem luvas.
- Julia, esta é Laura Brown - apresenta Clarissa.
Julia avança uns passos, pára a respeitosa distância de Laura e da mãe. Onde terá ela arranjado semelhante postura e presença, interroga-se Clarissa. Ainda é só uma rapariga.
- Sinto muito - diz Julia.
- Obrigada - responde Laura numa voz mais firme e clara do que Clarissa teria esperado dela.
Laura é uma mulher alta, ligeiramente curvada, de 80 anos ou mais. O seu cabelo é de um tom cinzento-aço brilhante, a sua pele translúcida, cor de pergaminho, pintalgada de sardas castanhas do tamanho de cabeças de alfinete. Traz um vestido de crepe escuro, às flores, e usa sapatos de velha.
Clarissa incita-a a avançar mais na sala. Faz-se silêncio, um silêncio do qual emana uma sensação de que Clarissa, Sally e até Laura chegaram, nervosas e impacientes, sem conhecerem ninguém e vestidas com excessiva sem-cerimónia, a uma festa que estava a ser dada por Julia.
- Obrigada por teres arrumado as coisas, Julia - agradece Sally.
- Consegui comunicar com quase toda a gente da lista. - informa a rapariga. - Mas apareceram algumas pessoas. Louis Waters.
- Oh, meu Deus! Ele não recebeu o meu recado.

- E vieram duas mulheres. Não me lembro dos seus nomes. E outra pessoa, um negro, Gerry não-sei-quê.
- Gerry Jarman - diz a Julia. - Foi muito difícil?
- Com Gerry Jarman correu tudo bem. Mas o Louis, bem, o Louis foi-se abaixo. Ficou quase uma hora. Tive uma longa conversa com ele. Pareceu melhor quando se foi embora. Enfim, mais ou menos.
- Desculpa, Julia. Lamento que tenhas tido de tratar de tudo isso.
- Não houve problema nenhum. Não se preocupe comigo, por favor.
Clarissa acena com a cabeça. E diz a Laura:
- Deve estar exausta.
- Não sei bem como estou.
- Sente-se, por favor - convida Clarissa. - Acha que conseguia comer alguma coisa?
- Oh, não creio. Obrigada.
Clarissa conduz Laura para o sofá, onde ela se senta agradecida, mas cautelosamente, como se estivesse de fato muito cansada, mas não tivesse a certeza de que o sofá era inteiramente sólido.
Julia aproxima-se, pára à frente dela e inclina-se para o seu ouvido.
- Vou fazer-lhe uma chávena de chá - diz-lhe. - Ou café, se preferir. Ou trago brande.
- Uma chávena de chá estaria bem. Obrigada.
- Devia realmente comer alguma coisa também - insiste Julia. - Aposto que não comeu nada desde que saiu de casa, pois não?
- Bem...
- Vou à cozinha pôr umas coisas num prato.
- É muito amável, minha querida.
Julia olha para Clarissa.
- Mãe, fique aqui com Sra. Brown. A Sally e eu vamos ver o que podemos arranjar.
- Pois sim. - Clarissa senta-se no sofá ao lado de Laura.
Limita-se a fazer o que a filha lhe diz e encontra um alívio inesperado nisso. Talvez, pensa, se possa começar a morrer assim: os cuidados de uma filha crescida, os confortos de uma sala. Aqui está, pois, a velhice. Aqui estão os pequenos consolos, o candeeiro e o livro. Aqui está o mundo, cada vez mais governado por pessoas que não são nós, que tanto podem sair-se bem como mal, que não nos olham quando passam por nós na rua.
Sally pergunta a Clarissa:
- Achas demasiado mórbido comer as coisas da festa? Ainda cá está tudo.
- Acho que não - responde Clarissa. - Penso que o Richard, provavelmente, gostaria disso.
Olha nervosamente para Laura, que sorri, cruza os braços e aperta os cotovelos, parece observar qualquer coisa nas biqueiras dos sapatos.
- Sim - diz -, creio que ele gostaria de fato.
- Nesse caso, está bem - declara Sally, e vai para a cozinha com Julia.
De acordo com o relógio, passam dez minutos da meia-noite. Laura está sentada com um certo retraimento empertigado, lábios comprimidos, olhos

semicerrados. Está, pensa Clarissa, apenas à espera que esta hora acabe. Está à espera de poder meter-se na cama, sozinha.
- Pode ir já para a cama, se quiser, Laura. O quarto dos hóspedes fica ao fundo do corredor.
- Obrigada - agradece Laura. - Irei daqui a bocadinho.
Mergulham noutro silêncio, num silêncio que não é nem íntimo nem particularmente desconfortável. É ela, então, pensa Clarissa; é esta a mulher da poesia de Richard. É esta a mãe perdida, a suicida contrariada; é esta a mulher que se foi embora. É simultaneamente terrível e reconfortante que semelhante personagem fosse, afinal, uma mulher velha, de aspecto banal, sentada num sofá com as mãos no colo.
- O Richard era um homem maravilhoso. - Clarissa arrepende-se imediatamente do que disse.
Eis que começam já os infalíveis pequenos elogios fúnebres, eis que alguém que morreu é considerado um cidadão respeitável, um praticante de boas ações, um homem maravilhoso. Porque disse ela semelhante coisa? Na realidade, para consolar uma mulher idosa e cair nas suas boas graças, e, admite, para fazer valer os seus direitos sobre o corpo: "Eu conheci-o muito intimamente, eu sou aquela que melhor pode saber apreciar os seus méritos". Gostaria, neste momento, de mandar Laura Brown deitar-se, fechar a porta e ficar no seu quarto até de manhã.
- É verdade - diz Laura. - E era um escritor maravilhoso, não era?
- Leu os poemas?
- Li. E o romance.
Ela sabe então. Sabe tudo a respeito de Clarissa, assim como sabe que ela própria, Laura Brown, é o fantasma e a deusa de um pequeno corpo de mitos privados tornados públicos (se "públicos" não é um termo demasiado grande para o pequeno e teimoso bando de leitores de poesia que restam). Ela sabe que foi adorada e desprezada, sabe que obcecou um homem que, tudo indicava, poderia revelar-se um artista importante. Aqui está agora sentada, sardenta, com um vestido com flores estampadas. A dizer calmamente, referindo-se ao filho, que ele era um escritor maravilhoso.
- Sim - tem de admitir Clarissa -, ele era um escritor maravilhoso. - Que outra coisa pode dizer?
- Nunca foi editora dele, pois não?
- Não. Éramos demasiado íntimos. Teria sido complicado de mais.
- Sim, compreendo.
- Os editores precisam de uma certa objetividade.
- Claro que precisam.
Clarissa tem a sensação de que vai sufocar. Como pode isto ser tão difícil? Porque parece tão impossível falar claramente a Laura Brown, fazer-lhe as perguntas importantes? E quais são as perguntas importantes?
- Cuidei dele o melhor que pude.
Laura acena com a cabeça.
- Eu desejava ter podido fazer melhor - diz.
- Eu própria também.

Laura inclina-se e pega na mão de Clarissa. Sob a pele macia e frouxa da mão de Laura encontram-se, palpáveis, os filamentos e os nós dos ossos, as cordas das veias.
- Fizemos o melhor que pudemos, minha querida - diz Laura. - Isso é tudo quanto alguém pode fazer, não é?
- Tem razão.
Laura Brown, a mulher que tentou morrer e falhou, a mulher que fugiu da família, está viva quando todos os outros, todos os que lutaram para sobreviver na sua esteira, morreram. Ela está viva agora, depois de um cancro do fígado ter levado o seu ex-marido, depois de a sua filha ter sido morta por um condutor bêbado. Está viva depois de Richard ter saltado de uma janela para um leito de vidro partido.
Clarissa segura a mão da idosa mulher. Que mais pode fazer?
- Pergunto-me se Julia se lembrou do seu chá - diz.
- Tenho a certeza que sim, minha querida.
Clarissa olha para as portas de vidro que dão para o modesto jardim. Ela e Laura Brown estão refletidas, imperfeitamente, no vidro preto. Clarissa pensa em Richard no parapeito da janela, em Richard a deixar-se cair, não a saltar, na verdade, mas a escorregar, como de uma rocha para a água. Como terá sido, como terá sido o momento em que irrevogavelmente o fez, o momento em que ficou fora do seu apartamento escuro e solto no ar? Como terá sido ver o saguão em baixo, com os seus latões de lixo azuis e castanhos, os seus estilhaços de vidro ambarinos, subindo velozmente ao seu encontro? Terá sido... poderia de algum modo ter sido um prazer de qualquer espécie esmagar-se no pavimento e sentir (terá momentaneamente sentido?) o crânio rebentar, todos os seus impulsos, as suas pequenas luzes, derramados? Não pode, pensa Clarissa, ter havido muita dor. Terá havido a idéia da dor, o seu primeiro embate, e depois... o que quer que veio depois.
- Vou ver - diz a Laura. - Volto já.
- Pois sim.
Clarissa levanta-se, um pouco vacilante, e vai à cozinha.
Sally e Julia tiraram a comida do frigorífico e empilharam-na nos balcões. Há espirais de peito de frango grelhado, salpicadas de preto, pinceladas de amarelo brilhante e impaladas em espetos de madeira, dispostos à volta de uma taça de molho de amendoim. Há pequenas tartes de cebola. Há camarões cozidos e reluzentes quadrados, vermelho-vivo, de excelente atum com pingos de wasabí. Há triângulos escuros de berinjela grelhada e sanduíches redondas de pão de centeio, há folhas de endívia com discretos toques, nas pontas dos caules, de queijo de cabra e nozes picadas. Há taças pouco fundas cheias de vegetais crus. E há, no seu prato de barro, a casserole de camarão que a própria Clarissa fez para Richard, porque era o seu petisco preferido.
- Meu Deus! - exclama Clarissa. - Olhem para tudo isto.
- Esperávamos cinqüenta pessoas - lembra-lhe Sally.
Ficam as três paradas um momento diante das travessas cheias de alimentos. A comida tem um ar prístino, intocável, podia ser uma exposição de relíquias. Parece, por instantes, a Clarissa que a comida - de todas as entidades a mais

perecível - continuará ali depois de ela e as outras terem desaparecido, depois de todas, até Julia, terem morrido. Imagina-a ainda ali, ainda fresca, intacta, quando ela e as outras deixarem aquela casa, uma a uma, para sempre.
Sally toma-lhe a cabeça nas mãos e beija-lhe a testa firme e apropriadamente, de uma maneira que lembra a Clarissa a colocação de um selo numa carta.
- Vamos dar de comer a toda a gente e depois para a cama - diz docemente, junto do ouvido de Clarissa. - já é tempo de este dia terminar.
Clarissa aperta o ombro de Sally. Poderia dizer-lhe, "Amo-te", mas, claro, ela sabe isso. Sally retribui a pressão na parte superior do seu braço.
- Sim, já é tempo - concorda ela.
Parece, naquele momento, que Richard começa verdadeiramente a deixar o mundo. Para Clarissa é uma sensação quase física, um separar suave mas irreversível, como uma folha de relva a ser arrancada do solo. Em breve irá dormir, em breve todos os que o conheciam dormirão, e amanhã acordarão todos para a descoberta de que ele pertence ao reino dos mortos. Ela pergunta-se se o despertar de amanhã assinalará não apenas o fim da vida terrena de Richard, mas também o princípio do fim da sua poesia. No fim de contas, há tantos livros. Alguns deles, um punhado, são bons e desse punhado só alguns sobrevivem. É possível que os cidadãos do futuro, pessoas que ainda não nasceram, queiram ler as elegias de Richard, os seus belamente cadenciados lamentos, as suas rigorosamente não sentimentais oferendas de amor e fúria, é possível; mas é muito mais provável que os seus livros desapareçam juntamente com quase tudo o mais. Clarissa, a protagonista de um romance, desaparecerá e o mesmo acontecerá a Laura Brown, a mãe perdida, a mártir e demônio.
Sim, pensa Clarissa, já é tempo de o dia acabar. Damos festas, abandonamos as nossas famílias para vivermos sós no Canadá, batalhamos para escrever livros que não mudam o mundo a pesar das nossas dádivas e dos nossos imensos esforços, das nossas absurdas esperanças. Vivemos as nossas vidas, fazemos seja o que for que fazemos e depois dormimos: é tão simples e tão normal como isso. Alguns atiram-se de janelas, ou afogam-se, ou tomam comprimidos; um número maior morre por acidente, e a maioria, a imensa maioria é lentamente devorada por alguma doença ou, com muita sorte, pelo próprio tempo. Há apenas uma consolação: uma hora aqui ou ali em que as nossas vidas parecem, contra todas as probabilidades e expectativas, abrir-se de repente e dar-nos tudo quanto jamais imaginamos, embora todos, exceto as crianças (e talvez até elas), saibamos que a estas horas se seguirão inevitavelmente outras, muito mais negras e mais difíceis. Mesmo assim, adoramos a cidade, a manhã, mesmo assim desejamos, acima de tudo, mais.
Só Deus sabe porque amamos tanto isso. Aqui, pois, está a festa, a mesa ainda posta; aqui estão as flores, ainda viçosas: tudo pronto para os convidados, que afinal são apenas quatro. Perdoa-nos, Richard. É, de fato, uma festa, apesar de tudo. É uma festa para os que ainda não morreram, para os ainda relativamente incólumes, para aqueles que, por misteriosas razões, têm a sorte de estar vivos. É realmente uma grande sorte.
- Acham que devo preparar um prato para a mãe de Richard? - pergunta Julia.
- Não - responde Clarissa. - Eu vou buscá-la.

Volta à sala. Laura sorri-lhe desanimadamente - quem poderá saber o que ela pensa ou sente? Aqui está, pois, ela, a mulher da ira e da mágoa, do pathos, do encanto deslumbrante; a mulher apaixonada pela morte, a vítima e a atormentadora que assombrou a obra de Richard. Aqui, aqui mesmo nesta sala, está a adorada - a traidora. Aqui está uma mulher velha, uma bibliotecária reformada de Toronto, com sapatos próprios para mulheres velhas.
E aqui está ela, ela própria, Clarissa, já não Mrs. Dalloway. Não há ninguém agora para lhe chamar isso. Aqui está ela com outra hora à sua frente.
- Venha, Mrs. Brown - diz. - Está tudo pronto.

-